

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Unesp - “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciências

**Leitura de jornais em famílias de estudantes de escola
pública de Ensino Fundamental**

Ana Paula Ferreira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Marília, na Área de Concentração: Abordagens Pedagógicas do Ensino de Linguagens, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Marília
2008

Ana Paula Ferreira

**Leitura de jornais em famílias de estudantes de escola
pública de Ensino Fundamental**

**Orientador:
JUVENAL ZANCHETTA JÚNIOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Marília, na Área de Concentração: Abordagens Pedagógicas do Ensino de Linguagens, para obtenção do título de Mestre em Educação.

**Marília
2008**

ANA PAULA FERREIRA

**LEITURA DE JORNAIS EM FAMÍLIAS DE ESTUDANTES DE
ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Marília, na Área de Concentração: Abordagens Pedagógicas do Ensino de Linguagens, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Banca examinadora:

Presidente e Orientador: Dr. Juvenal Zanchetta Junior - Unesp, Marília

Membro titular: Dr^a. Cyntia Graziella Guizelin Simões Giroto - Unesp, Marília

Membro titular: Dr^a. Sonia Aparecida Lopes Benites – UEM, Maringá

Marília, 27 de fevereiro de 2008.

A Deus

À Neusa, minha mãe

À Adriana, minha irmã

Ao Eduardo Vinícius da Silva

Pelo amor e respeito que tenho por eles.

AGRADECIMENTOS

Os momentos vividos nesta caminhada de trabalho e estudos foram para mim, com certeza, os mais gratificantes, pois chegando ao final, é vista a superação de problemas e, principalmente, o engrandecimento pessoal e profissional adquirido. Ser mestre é para mim, a realização de um sonho e reconhecimento que só foi possível, porque tenho Deus, que está sempre orientando o meu caminho. De forma particular, registro minha gratidão:

à minha mãe, pelo apoio e carinho;

à minha irmã, pelo companheirismo e pela força;

ao meu noivo, por sempre me motivar e me compreender;

à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, pela oportunidade concedida para o aprimoramento de meus conhecimentos e engrandecimento profissional;

à Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, pelo auxílio financeiro concedido por meio de bolsa de estudo;

ao Prof. Dr. Juvenal Zanchetta Jr. pela orientação, proporcionando oportunidade de enriquecimento profissional;

ao diretor da E.E. “Cleophânia Galvão da Silva”, Irineu Funari, e à coordenadora pedagógica, Sônia Carneiro, pela colaboração, permitindo a realização deste trabalho;

às famílias, sujeitos da pesquisa, pela participação e entusiasmo;

aos professores Cyntia G. G. S. Giroto e Rony Farto pelas sugestões e pelo cuidado demonstrado na leitura deste trabalho, por ocasião do Exame de Qualificação;

Agradeço a todas as pessoas que direta e indiretamente colaboraram na realização deste trabalho.

FERREIRA, A. P. **Leitura de jornais em famílias de estudantes de escola pública de Ensino Fundamental**. Marília, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação – Linha de Pesquisa: Abordagens Pedagógicas do Ensino de Linguagens) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”.

RESUMO

O presente trabalho envolveu a leitura do jornal por alunos e suas famílias. Para tanto, foram selecionados quatro alunos matriculados na 8ª série do Ensino Fundamental de uma escola estadual, localizada em um bairro periférico de Assis-SP. Duas famílias receberam o jornal *Folha de S. Paulo* e outras duas, o *Jornal de Assis*, entre os anos de 2005 e 2006, num período de seis meses. Esta investigação científica desenvolveu-se com instrumentos de estudo de caso: entrevistas, observação participante e documentos pessoais. A partir disso, buscou-se compreender como ocorre a interação entre aluno, família e jornal; a relação aluno e jornal; como eles utilizam e se apropriam do suporte como material de leitura; e a interferência dessa situação no desempenho da leitura dos alunos envolvidos. Ao final da pesquisa foi possível verificar que os alunos envolvidos modificaram seu comportamento em relação à leitura do jornal. Neste processo, a família desempenhou um papel importante, auxiliando seus filhos a interagir com o jornal. O conhecimento sobre as maneiras de como usar o jornal, favoreceu-lhes adentrarem no suporte rompendo com o conceito preestabelecido que tinham, desenvolvendo estratégias em suas leituras e interagindo com assuntos de seus interesses. Com o recebimento diário do jornal, alunos e suas famílias, juntos, compreenderam seu uso, sua função e passaram a interagir com informações presentes em seu contexto social.

Palavras-chave: linguagem; leitura; jornal; família; aluno; interação.

FERREIRA, A. P. **Newspapers reading in student's families of a secondary public school.** Marília, 2007. Dissertation (Pedagogy Master's degree – Research line: Pedagogical Approaches in language teaching) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

ABSTRACT

This work involved the guided reading of newspapers by pupils and their families. Four pupils were selected from the 8th grade of a secondary public school, located in an outlying area of Assis-SP. Two families received the newspaper *Folha de S. Paulo* and the other two, the *Jornal de Assis*, during six months between 2005 and 2006. This scientific inquiry was developed with tools of the case study: interviews, participant observation and personal documents. It tried to understand how the interaction between pupil, family and newspapers occurs; the relationship student-newspaper; how they use it and if they gained possession of the support as a reading material; and the interference of this situation in the reading performance of the students involved. At the end of the research, it was possible to verify that the pupils had modified their behavior regarding the reading of the newspaper. In this process, the families played an important role, assisting and helping their children to interact with the newspaper. The knowledge of how to use the newspaper has helped them to start using it as a support breaking the previous concept that they used to have, developing strategies on their reading and interacting with subjects of their interest. With the daily receiving of newspapers, students and their families, together, understood its use and started to interact with the informations on their social context.

Key-words: language; reading; newspaper; family; student; interaction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Charges do Jornal de Assis do dia 21.06.06.....	105
Figura 2	– Charges do Jornal de Assis do dia 20.06.06.....	106
Figura 3	– Charges do Jornal Folha de S. Paulo do dia 25.06.06.....	107
Figura 4	– Charges do Jornal Folha de S. Paulo do dia 16.06.06.....	108
Figura 5	– Foto do jornal Folha de S. Paulo do dia 21.10.2005.....	109
Figura 6	– Foto do Jornal de Assis do dia 11.11.2005.....	111
Figura 7	– Foto do Jornal de Assis do dia 30.05.2005.....	112
Figura 8	– Foto do jornal Folha de S. Paulo do dia 17.11.2005.....	113
Figura 9	– Foto do jornal Folha de S. Paulo do dia 18.11.2005.....	114

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Atividade A	51
Quadro 2	– Atividade B.....	52
Quadro 3	– Atividade C.....	53
Quadro 4	– Atividade D.....	54
Quadro 5	– Atividade E.....	55
Quadro 6	– Atividade F.....	55
Quadro 7	– Atividade G.....	56
Quadro 8	– Atividade H.....	56
Quadro 9	– Atividade I.....	57
Quadro 10	– Atividade J.....	57
Quadro 11	– Atividade K.....	58
Quadro 12	– Atividade L.....	59
Quadro 13	– Atividade M.....	59
Quadro 14	– Atividade N.....	60
Quadro 15	– Atividade O.....	60
Quadro 16	– Atividade P.....	61
Quadro 17	– Interesse da aluna pela leitura.....	142
Quadro 18	– Preferência por um material específico de leitura.....	143
Quadro 19	– Frequência da leitura das alunas.....	143
Quadro 20	– Frequência que assiste à televisão.....	144
Quadro 21	– Preferência das alunas pelos programas televisivos.....	144
Quadro 22	– Opinião das alunas em relação ao jornal.....	145
Quadro 23	– Lugares que propiciam o acesso da aluna ao jornal e objetivos na leitura.....	145
Quadro 24	– Conhecimento das alunas sobre como é organizado o jornal	146

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tipo de moradia das famílias	147
Tabela 2 – Renda mensal das famílias	147
Tabela 3 – A mídia presente na casa das famílias	147
Tabela 4 – Práticas de leitura	148
Tabela 5 – Materiais utilizados na leitura	148
Tabela 6 – Interesse por assuntos que aparecem no jornal	148
Tabela 7 – Preferência da família por algum jornal específico	148
Tabela 8 – Assinatura de jornais pelas famílias	149
Tabela 9 – Freqüência da leitura do jornal pelas famílias	149
Tabela10 – Conhecimento de como é composto o jornal	149

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
ABSTRACT.....	6
LISTA DE FIGURAS.....	7
LISTA DE QUADROS.....	8
LISTA DE TABELAS.....	9
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - SOBRE A LEITURA.....	17
1.1 A linguagem como interação.....	17
1.2 A escolha do jornal.....	28
1.2.1 Utilização do jornal em contextos escolares.....	33
1.2.2 A leitura em contextos não-escolares.....	36
1.2.3 Colaboração família-escola.....	38
CAPÍTULO 2 - A OPÇÃO METODOLÓGICA.....	43
2.1 Abordagem qualitativa no estudo de caso.....	43
2.1.1 Instrumentos de coleta de dados.....	47
2.2 Identificação da escola.....	62
2.3 Identificação dos sujeitos da pesquisa.....	62
CAPÍTULO 3- CAMINHO PERCORRIDO PARA COLETA DE DADOS.....	64
3.1 Entrevista com as alunas.....	64
3.1.1 Perfil das alunas.....	64
3.1.2 Situação inicial das alunas em relação às práticas de leitura e preferências por programas televisivos.....	67
3.1.3 Conhecimento do suporte jornal.....	70
3.2 Entrevista com as famílias.....	71
3.2.1 Perfil socioeconômico.....	72
3.2.2 Utilização da leitura e valor atribuído.....	73
CAPÍTULO 4 - A FAMÍLIA E O JORNAL.....	77
4.1 Contato inicial das famílias com o jornal.....	78
4.2 Apropriação do jornal pela família.....	80
4.3 Colaboração da família nas leituras.....	94
4.4 Impacto do jornal no desempenho leitor do aluno.....	98
4.4.1 Leitura e compreensão.....	99
4.4.2 Leitura de gêneros textuais jornalísticos.....	103
4.4.3 Jornal impresso e outras mídias.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
BIBLIOGRAFIA.....	127
APÊNDICES.....	134
ANEXOS.....	150

INTRODUÇÃO

O presente trabalho envolve a leitura do jornal por alunos de 8ª série e suas famílias. Eles receberam jornais em suas casas durante seis meses, entre os anos de 2005 e 2006. A partir desta pesquisa, buscou-se compreender como ocorre a interação entre aluno, família e jornal; a relação aluno e jornal; como eles utilizam e se apropriam do suporte como material de leitura; e a interferência dessa situação no desempenho da leitura dos alunos envolvidos.

Nos últimos anos, verifica-se, no cenário educacional, a difusão da idéia do incentivo à leitura dos textos que circundam o social. Tal aspecto deve-se à proliferação que os meios de comunicação obtiveram a partir do século XX, resultado do processo industrial. O conhecimento que esteve sob o domínio da escola até o fim do século XIX foi descentralizado. A escola que, até então, era centralizadora do conhecimento, passou a dividir espaço com os novos meios de comunicação. Segundo Belloni (1995), os meios de comunicação exercem, desde cedo, grande influência nas crianças, por meio de novos modos de perceber o mundo (objetivo e subjetivo) e de se expressar, algo que significa novos modos de pensar, de compreender, de falar e de agir e, por conseqüência, novas maneiras de aprender. Diante disso, surgiram muitas iniciativas de empregar os jornais para fins escolares, por parte dos educadores e até mesmo de pessoas ligadas à área de Comunicação.

Diversas são as propostas de sistematizar o uso da imprensa na escola, pois as mensagens da mídia implicam a formação de milhares de indivíduos do mundo. Na França, por exemplo, se destaca o *Centre de Liaison de l'Enseignement et des Médias d'Information* – CLEMI, que desenvolve programas e materiais pedagógicos destinados à leitura crítica da mídia na escola (CLEMI, 2007).

Em Portugal, tal iniciativa é tomada pelo jornal *Público*, em seu periódico denominado “Público na Escola”, cujo objetivo é promover um diálogo entre a atualidade e a escola. Anualmente, organiza concursos para premiar os melhores jornais escolares. O desempenho de professores e alunos em relação ao uso do jornal na escola é, até mesmo, divulgado nesse jornal. Além disso, publica assuntos relacionados aos meios de comunicação e pesquisas realizadas na área. De acordo com Thuswohl (1999), em Portugal, 78% dos jovens entre 15 e 17 anos e 83% dos

situados na faixa etária entre 18 e 24 anos lêem jornal diariamente. Tal índice deve-se a um investimento educativo na leitura do jornal.

No Brasil, há mais de duas décadas, educadores, estudiosos de comunicação e jornalistas buscam desenvolver trabalhos envolvendo o estímulo da leitura por meio do jornal. Várias são as iniciativas. A Associação Nacional de Jornais - ANJ, por exemplo, apóia as empresas jornalísticas associadas a implantarem programas voltados para o uso do jornal na escola. Segundo dados da ANJ (LOZZA, 2004), até 2004, somavam 49 os programas elaborados por essas empresas de comunicação, com aproximadamente 17 mil escolas e 6 milhões de alunos atendidos. O pioneiro foi o jornal “Zero Hora”, em 1980. Em 1982, com iniciativa do jornal “O Globo”, surgia “Quem Lê Jornal Sabe Mais”. Na época, esses foram os únicos a manter um programa de leitura. Depois dessa data, somente na década de 90 surgiram novos programas.

Apesar do crescente número, os programas têm como principal objetivo a ampliação do número de leitores de um jornal específico. O aumento dos programas coincide com a diminuição do público do jornal, representando iniciativas direcionadas a questões mercadológicas, fazendo um movimento inverso, de fora para dentro da escola.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, publicados pelo MEC, propõem o uso de textos jornalísticos na sala de aula. De acordo com as orientações oficiais, “cabe à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los” (BRASIL, 1997, p.30).

Tais orientações deixam sob a responsabilidade dos professores a sistematização do trabalho com os gêneros textuais de imprensa. Dessa forma, surge o seguinte quadro: valorizam-se os gêneros textuais de imprensa, fato que pode ser constatado pelas diretrizes oficiais recentes. Entretanto, nos projetos universitários não se encontram propostas direcionadas ao trabalho para os meios de comunicação e tampouco nos cursos de formação de professores. A falta de preparo dos professores faz com que os textos jornalísticos recebam o mesmo tratamento proposto tradicionalmente, ou seja, a mesma abordagem daquela recebida pelos textos literários.

Os livros didáticos – principal instrumento utilizado no Ensino Fundamental e no âmbito das escolas públicas – apresentam um grande número de textos

jornalísticos de imprensa. Uma pesquisa realizada por Zanchetta (2005a), em coleções recomendadas pelo MEC para o período de 5ª a 8ª séries para 2002 e 2005, constatou que, com poucas exceções, os livros didáticos “tratam a imprensa de modo acrítico, superficial e por vezes equivocada”. No tocante às técnicas jornalísticas, o autor observou aspectos como: uso excessivo de fragmentos, dificultando assim a identificação do gênero textual; adaptações dos textos sem avisos; descaso em relação às ilustrações originais, legendas e até mesmo à origem dos textos, aspectos esses que impedem apreender as características específicas dos gêneros de imprensa.

Os textos jornalísticos ainda são pouco explorados, especialmente em relação ao gênero textual, que é caracterizado apenas de modo superficial nos livros didáticos. Na prática da sala de aula, os livros didáticos, em sua grande maioria, apresentam estes textos aos alunos de maneira “simplificada”, comprometendo o diálogo da escola com os textos impressos. Desse modo, as estratégias de leitura, que são adquiridas por leitores de jornal, não são desenvolvidas, tais como: ler apenas o primeiro parágrafo da notícia, para decidir continuar ou não a leitura da matéria; selecionar as matérias pelos cadernos que julgar mais interessante e ler apenas as matérias que tenham interesse em obter informações.

Apesar dos PCNs considerarem que algumas tecnologias informacionais, como os livros, jornais e revistas, já fazem parte da escola há muito tempo, o que se tem visto na prática é a significativa falta de familiaridade por parte dos alunos com a imprensa (BRASIL, 1997). A única mudança que ocorreu no cenário educacional com o advento das tecnologias foi a do texto literário para o jornalístico, pois as atividades podem ser realizadas com qualquer tipo de texto.

Observa-se que, em qualquer perspectiva (alunos, professores, empresas, documentos oficiais, livro didático), a leitura dos gêneros textuais de imprensa encontra-se em um estágio inicial.

A partir desses pressupostos, teve início, em 2005, a presente pesquisa, intitulada “Leitura de jornais em famílias de estudantes de escola pública de Ensino Fundamental”. Este estudo observou a interação do aluno com o texto jornalístico a partir de uma situação específica: o recebimento diário do jornal em sua casa, tendo a família como colaboradora nos processos de leitura. Esta, por sua vez, faz parte de uma iniciativa de maior porte. Em 2005, iniciou-se o projeto de pesquisa denominado Laboratório do Texto Informativo – LATEX, coordenado pelo Prof. Dr.

Juvenal Zanchetta Junior, com a participação de duas alunas de graduação em Letras da Unesp de Assis-SP e duas alunas de pós-graduação em Educação da Unesp de Marília-SP. O projeto¹ visa aprofundar a produção e reflexão da experiência midiática e sua interferência na formação dos alunos. A proposta é desenvolver uma estrutura e recursos humanos capazes de promover a interação entre alunos e suportes textuais de imprensa, envolvendo situações de recepção, produção em sala de aula e atuação da família.

No Brasil, são poucos os estudos que abordam a experiência do aluno com o texto jornalístico. Em relação às propostas de leitura no contexto familiar, verifica-se o reflexo de uma prática tradicional: ênfase na oralidade do aluno, correção dos erros, decodificação precisa, fluência na soletração. Nessas práticas, não são valorizadas as características dos gêneros textuais, todos eles são tratados sem distinção. O desafio da presente dissertação foi o de verificar o papel do contexto familiar no desempenho leitor dos alunos e a possibilidade da interação escola-família a partir da leitura de textos jornalísticos. Como principal proposta, buscou-se verificar que implicação há na inserção do jornal no lar de alunos que não têm acesso ao suporte.

Os trabalhos foram desenvolvidos com quatro famílias de alunos do Ensino Fundamental, da escola estadual Cleophânia Galvão da Silva - CGS, situada em um bairro periférico da cidade de Assis - SP. A escola atende um total de 530 alunos, de 11 bairros, além da zona rural. Os alunos que freqüentam a escola são predominantemente das faixas mais pobres da população.

Para o desenvolvimento do estudo, cada família recebeu o jornal em sua casa; duas receberam o *Jornal de Assis* (jornal local) e as outras duas o jornal *Folha de S. Paulo* (âmbito nacional). Buscou-se não interferir no ambiente familiar, apenas observar e registrar o envolvimento dos pais e responsáveis nas atividades de leitura do jornal e o papel do contexto familiar no desempenho leitor dos estudantes. Assim, a pesquisa qualitativa, com abordagem no estudo de caso foi o modelo mais adequado para o que se pretendeu investigar. O estudo de caso tem contribuído

¹ Dados recolhidos do projeto Laboratório do Texto Informativo, elaborado por Juvenal Zanchetta, enviado ao CNPq para pedido de incentivo à pesquisa. Nesta pesquisa, para disponibilizar os periódicos às famílias, Folha de S. Paulo e Jornal de Assis, utilizou-se parte da verba destinada ao LATEX.

com muitos trabalhos que procuram avaliar situações singulares, pois consiste na observação detalhada do fenômeno estudado. Nesta pesquisa, os instrumentos de coleta de dados utilizados foram: entrevista, documentos pessoais, observação participante. Inicialmente, foram realizadas duas entrevistas: 1) entrevistas individuais com os alunos; 2) entrevista com o grupo familiar. A partir delas, foi possível delinear o perfil socioeconômico dos participantes, os seus hábitos de leitura e o conhecimento que tinham acerca do suporte a ser utilizado na pesquisa.

Por meio da observação participante, a pesquisadora, semanalmente, em dia e horário predeterminados, encontrava-se com as famílias em suas respectivas casas. Nesses encontros, os sujeitos da pesquisa relatavam a maneira como interagiam com o jornal. No entanto, por não conhecerem o suporte, apresentavam dificuldade em manuseá-lo, e também em encontrar assuntos de seu interesse para ler. Assim, para prosseguir com as coletas de dados, buscou-se sugerir atividades. Todos os dados coletados foram registrados, totalizando 50 horas de encontros com cada família e 20 atividades sugeridas. Além disso, no final da pesquisa, pediu-se às famílias que produzissem um relato sobre as suas impressões acerca do jornal e uma notícia sobre a situação que vivenciaram.

A escassez de projetos que abordem o trabalho efetivo com a leitura dos textos jornalísticos, a ausência de pesquisas focadas na interação da família nas leituras de jornais e a implicação dessa relação na formação dos alunos foram fatores motivadores desta pesquisa. Esta dissertação visa oferecer ao leitor subsídios para refletir sobre um trabalho mais integrado entre a família e a escola, mostrando o papel da família na formação do leitor e se o hábito da leitura pode ser melhorado com a inserção do jornal na casa do aluno.

Para facilitar e prosseguir ao desenvolvimento do tema proposto, este trabalho se encontra subdividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta a concepção de linguagem. Para Bakhtin (1986, p. 132), “a compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra”. A partir disso, o estudo adota o conceito de leitura como compreensão por meio da interação, ou seja, pelas práticas sociais. Definida a questão da leitura, buscou-se então esclarecer as razões que motivaram a opção pelo jornal como material a ser utilizado no estudo de caso e também a escolha pela família para estar diariamente em contato com o suporte. Além disso, foram apresentadas algumas pesquisas que

avaliaram a presença do jornal e a problemática de seu uso na sala de aula e também as práticas de leitura em contextos não-escolares. No segundo capítulo, são expostos os procedimentos metodológicos, os instrumentos utilizados na coleta de dados, a descrição das atividades que subsidiaram a coleta. O terceiro capítulo é dedicado ao diagnóstico dos sujeitos da pesquisa antes de receberem o jornal. E por último, no quarto capítulo, a partir da análise dos dados, foram criadas três categorias para melhor apresentação dos resultados, a saber: como a família interagiu com o jornal; colaboração da família nas leituras; e o impacto do jornal no desempenho leitor do aluno.

CAPÍTULO 1

SOBRE A LEITURA

1.1 A linguagem como interação

A leitura e a escrita surgiram e evoluíram como conseqüência das exigências da sociedade em cada momento histórico. A leitura, mesmo com os progressos tecnológicos, continua sendo essencial para todo e qualquer tipo de aprendizagem dentro ou fora da escola. Com a escrita, foi possível armazenar e propagar informações não só entre indivíduos, mas também por gerações, viabilizando a construção e o aperfeiçoamento de vários campos da ciência, trazendo benefícios incalculáveis para o ser humano. E hoje podem ser consideradas como uma das grandes invenções da humanidade.

É impossível negar a importância da leitura na vida de qualquer indivíduo. Essa atividade tornou-se mais relevante nos dias atuais, estendendo a todas as camadas da população a necessidade de um bom domínio da leitura, sendo importante que o ensino esteja voltado para a formação de bons leitores e pessoas que saibam fazer uso da habilidade de ler.

Apesar de os estudos sobre a leitura terem avançado e incorporado contribuições dos diferentes campos de ação da Lingüística, ainda permanecem muitas dificuldades relacionadas à sua prática no campo educacional. É comum observar as seguintes propostas: ênfase na oralização precisa e pronúncia correta; fragmentos de textos descontextualizados; e falta de objetivos claros. Enfim, atividades que não remetem à compreensão. Essas práticas não geram bons resultados, tampouco situações de leitura significativas para o aluno (FOUCAMBERT, 1994, 1998; JOLIBERT, 1994; KLEIMAN, 1989; SMITH, 1989).

Ao estabelecer a linguagem como espaço de interação humana, em que os falantes se tornam sujeitos construtores de relações sociais, tendo na interlocução a materialização da língua (GERALDI, 1984), as práticas de leitura descritas passam a não ter sentido, pois a língua somente existe quando é utilizada efetivamente no processo dialógico, e não quando os sujeitos ficam limitados a observá-la passivamente.

Assim, a concepção de linguagem que permeia o presente estudo evidencia a leitura como compreensão, sendo esses preceitos teóricos considerados como orientadores para a reflexão da análise da relação família-jornal. Segundo Bakhtin,

[...] não lidamos com a palavra isolada funcionando como unidade da língua, nem com a significação dessa palavra, mas com o enunciado acabado e com um sentido concreto: o conteúdo desse enunciado. A significação da palavra se refere à realidade efetiva nas condições reais da comunicação verbal. É por essa razão que não só compreendemos a significação da palavra enquanto palavra da língua, mas também adotamos para com ela uma atitude responsiva ativa (simpatia, concordância, discordância, estímulo à ação) (BAKHTIN, 1992, p.310).

Na busca de entender a implicação da família na formação do sujeito leitor, tendo por objeto de estudo a leitura do jornal, o conceito de leitura deste trabalho está de acordo com a concepção de linguagem apontada, ou seja, a linguagem vista como forma de interação. Nesse sentido, o enfoque adotado por Soares (1995) a respeito do ato de ler, vem ao encontro da concepção explicitada acima:

A idéia de que a leitura é um ato solitário, ou de que é uma relação do leitor com o texto, ou do leitor com o autor - isolado do contexto social - é falsa historicamente. A leitura como ato solitário, um ato individual, é uma visão contemporânea. Historicamente a leitura foi sempre um ato social. Nós passamos de um ato social em que as pessoas lêem em conjunto, em uma prática de leitura muito associada à oralidade, para essa visão contemporânea, e falsa, de que a leitura é um ato solitário, o que, na verdade, ela não é. Ela é uma interação verbal de indivíduos e indivíduos socialmente determinados. O leitor de um lado - com o seu universo, com seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros - e, de outro lado, o autor - seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros. Entre autor e leitor há uma enunciação ou diálogo, poderíamos dizer (SOARES, 1995, p. 87).

Geralmente, as práticas escolares de leitura limitam-se à oralização de um texto escrito, ou seja, decodificação de grafemas (escrita) em fonemas (fala). Atribui-se o estatuto de leitor ao aluno, quando: lê perfeitamente cada palavra, respeita os sinais gráficos e não comete erros. Portanto, associam o sentido do texto à oralização.

Com o avanço das pesquisas educacionais, constatou-se que captar sinais visuais, decodificar e oralizar corretamente, não são suficientes para levar o aluno à

construção de sentido. O sentido não está pronto no texto, à espera de um leitor. Ao fazer com que os alunos extraíam o significado do texto, que busquem o sentido no interior dele mesmo, não consideram a subjetividade do leitor, tratam a leitura como atividade individual. O ensino da leitura voltado à sonoridade dos símbolos não formaria indivíduos leitores, capazes de atribuir sentido. Ler vai muito além da simples oralização, da decodificação de signos gráficos em signos fonológicos. Leitura deve estar estritamente relacionada à atribuição de sentidos (FOUCAMBERT, 1998; JOLIBERT, 1994; KLEIMAN, 1989; MANGUEL, 1997; SMITH, 1989; SOARES, 1995).

Se ler associa-se à atribuição de sentido, que fontes o leitor usa no processo de leitura? Smith (1989) aponta o uso de duas fontes de informação: a visual, ou seja, informações que são captadas do texto por meio dos olhos; e a não-visual, que abrange todo o conjunto de conhecimentos do leitor. Este psicolinguísta explica o que ocorre atrás dos olhos durante a leitura. Para ele, na leitura de um texto, o leitor ativa todo seu conhecimento (informação não-visual) para atribuir sentido à informação recebida (informação-visual), ou seja, a busca de sentido direciona os olhos. Nas palavras do autor,

Os olhos observam, são dispositivos para a coleta de informações para o cérebro, amplamente sob a direção deste; o cérebro determina o que e como vemos. As decisões perceptivas do cérebro estão baseadas apenas em parte na informação colhida pelos olhos, imensamente aumentadas pelo conhecimento que o cérebro já possui (SMITH, 1989, p.84).

Ainda respondendo o questionamento acima, Kleiman (1989) assinala três níveis de conhecimento que são ativados pelo leitor durante a leitura, os quais são fundamentais à compreensão. São eles:

- *Conhecimento lingüístico*: saber utilizar a língua dentro de uma convenção socialmente estabelecida, ou seja, como falante nativo. Abrange desde o saber pronunciar, conhecer o vocabulário, as regras e o uso da língua.

- *Conhecimento textual*: conhecer as características de cada gênero, e também os suportes nos quais se materializa. Para a autora, quanto mais contato e conhecimento o leitor tiver em relação aos diversos tipos de textos, maior será a sua

compreensão, pois o conhecimento de estruturas textuais e de tipos de discurso infere em suas expectativas em relação aos textos.

- *Conhecimento de mundo ou conhecimento enciclopédico*: este nível inclui os outros dois explicitados anteriormente. Concomitante à leitura, o leitor deve acessar todo seu repertório de conhecimento, ou seja, todo conhecimento adquirido ao longo de sua vida. A afirmação de Manguel segue nessa direção: “ler é cumulativo avança em progressão geométrica: cada leitura nova baseia-se no que o leitor leu antes” (MANGUEL, 1997, p. 33).

A decodificação é importante, entretanto não basta para que haja compreensão. A compreensão é garantida por meio do conhecimento prévio do leitor, mediante sua vivência de mundo. Os níveis de conhecimento interagem construindo o sentido do texto. Por essa razão, a leitura é considerada um processo interativo, sem o qual, não há compreensão. Diante dessas considerações, a leitura não pode mais ser tomada como atividade de decodificação de letras captadas pelos olhos, mas pela compreensão, na qual os conhecimentos prévios detidos pelo cérebro são ativados. Para Foucambert (1994), durante a leitura, como em toda atividade de comunicação, só é possível entender um texto quando previamente já se sabe bem mais sobre ele do que nele consta.

Para Bakhtin (1986), decodificação de sinais e oralização no processo de aprendizagem da leitura não implicam a compreensão. Numa concepção bakhtiniana, a leitura percorre um caminho inverso das práticas tradicionais. O leitor capta os sinais visuais, e esses, num processo dialógico com o conhecimento de mundo que cada leitor possui, são transformados em signos ideológicos. Segundo o autor,

O processo de descodificação (compreensão) não deve, em nenhum caso, ser confundido com o processo de identificação. Trata-se de dois processos profundamente distintos. O signo é descodificado; só o sinal é identificado. O sinal é imutável; ele não pode substituir, nem refletir, nem refratar nada; constitui apenas um instrumento técnico para designar este ou aquele objeto (preciso e imutável) ou este e aquele acontecimento (igualmente preciso e imutável). O sinal não pertence ao domínio da ideologia; ele faz parte do mundo dos objetos técnicos, dos instrumentos de produção no sentido amplo do termo (...). Aquilo que constitui a descodificação da forma lingüística não é o e conhecimento do sinal, mas a

compreensão da palavra no seu sentido particular (BAKHTIN, 1986, p.93).

Tais apontamentos contrariam as propostas direcionadas ao aprendizado de leitura que perduram no cenário educacional, visto que a compreensão do leitor não relaciona estritamente a capacidade de decifração, mas também, e principalmente, a atribuição de sentido a um texto.

Por considerar que o sentido tem prioridade sobre a identificação de palavras individuais, Foucambert (1994) remete à não-linearidade da leitura, ou seja, na busca de sentido é permitido que alguns elementos desconhecidos sejam “pulados”. Tal aspecto é aludido por Smith (1989). Ele afirma que, muitas vezes, durante a leitura, pode-se observar o leitor “trocar” uma palavra por outra sem comprometer o sentido. Contudo, quando acontece no âmbito escolar, o professor corrige sem considerar o sentido.

A partir desses referenciais, o presente estudo considerou como leitor o indivíduo que, diante de um texto, é capaz de compreendê-lo, de lhe atribuir um sentido; não se restringe apenas à oralização do código escrito; capta sinais visuais, e num processo interativo com seu conhecimento de mundo, converte esses sinais em sentido. Tais considerações foram fundamentais para se estabelecer o método de pesquisa, em que as atividades de leitura foram centradas na compreensão dos textos e não na oralidade.

Um aspecto relevante, que interfere na formação do sujeito leitor é a efetividade de leituras significativas. Nas palavras de Jolibert (1994), “aprende-se a ler, lendo”. Para isso, deve-se inserir o sujeito no mundo da leitura, fazendo com que leia materiais diversificados, que faça sentido, favorecendo o aprendizado real nos seus diversos contextos de uso. Permitindo, assim, o desenvolvimento cognitivo dos alunos e também a ampliação de sua visão de mundo. Quanto mais cedo o sujeito ler e entrar em contato com outros textos, maior será o seu universo de conhecimento.

Na mesma direção, Smith (1989) aponta a necessidade de inserir os indivíduos nas práticas de leitura e escrita, favorecendo o aprendizado real da leitura nos seus diversos contextos de uso. O autor observa, ainda, que somente na prática, o sujeito adquirirá as habilidades que compõem o processo da leitura.

Foucambert (1994) compartilha dessa perspectiva de contextualização da leitura. Para o autor, a leitura não pode ser ensinada de maneira isolada e

descontextualizada das práticas sociais. Assim, a responsabilidade dos adultos (pais, professores, membros da comunidade em geral) é mediar o aprendizado, viabilizando o acesso a uma variedade de textos. Ao conduzir parte de suas análises pelo prisma sociopolítico, ele considera a leitura como um instrumento de inserção social. O autor defende o ensino que ajude o sujeito a ler textos que circulam no social.

Na mesma direção, Brandão (1999) aponta a necessidade de expor o aluno à pluralidade dos discursos que circulam no seu cotidiano ou que fazem parte de sua cultura. Acrescenta, ainda, que a dificuldade presente em se compreender o que é a leitura está estritamente relacionada à forma de trabalhar a linguagem.

A partir dessas explicitações, observa-se entre os autores o consenso de que as atividades de leitura devem centrar-se em textos presentes no contexto social, visto ser esse “produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, porque marca o diálogo entre interlocutores que o produzem e outros textos que o compõem” (BRASIL, 1999, p.38). Assumir essa concepção de natureza social e interativa da linguagem na prática pedagógica pressupõe compreender a dimensão social da linguagem por meio dos gêneros textuais cada vez mais flexíveis no mundo moderno.

Brandão (1999) e Sant’anna (2004) têm por proposta pedagógica favorecer o contato do aluno com o mundo da escrita por meio dos diversos gêneros textuais. Dessa forma, qual o sentido de colocar o sujeito em contato com diversos tipos de discursos?

Como resposta a essa indagação, Bakhtin (1992) afirma que o conhecimento prévio dos gêneros textuais a que os sujeitos têm acesso nas suas relações de linguagem, favorece a antecipação, ou ainda, uma visão do texto como um todo.

Entretanto, na sala de aula, espaço privilegiado para um aprofundamento da leitura, os textos usados limitam-se a fragmentos de textos, retirados quase que exclusivamente dos livros didáticos, desvinculados de seu contexto histórico, servindo como pretexto para o ensino da leitura. Ou ainda, como material secundário, em que qualquer que seja o texto, recebe o mesmo tratamento homogeneizante: leitura oral, cópias, resumos e exercícios gramaticais.

Essa perspectiva restringe a leitura à mera decodificação de símbolos gráficos, ou ainda, à apreensão de informações subjacentes na camada superficial do texto. Restringir a leitura a essas práticas significa excluir os alunos do

emaranhado das relações humanas nas quais estão inseridos dentro e fora da escola.

A concepção de linguagem subentendida nessas práticas é a de linguagem como expressão do pensamento, ou ainda, como instrumento de comunicação. Tal concepção não corresponde a uma visão mais abrangente, e com base em estudos lingüísticos atuais. Por tratar a língua de maneira desvinculada de suas condições de produção, de seus usos e funções reais, o sujeito fica limitado a observá-la passivamente. Neste sentido, não importam os suportes, os tipos de texto ou as estratégias de leitura; tanto os textos jornalísticos quanto os textos literários recebem a mesma abordagem. As propostas são direcionadas à verbalização da leitura, em que as funções sociais da escrita não são discutidas. As diversidades discursivas que distinguem as várias modalidades de leitura não encontraram espaço na tradição escolar. Nessa abordagem, as características do texto não são importantes, quando em contato com a leitura os alunos são ensinados a destituir da língua o sentido.

Sabe-se que todo repertório de conhecimento apreendido pelo aluno anteriormente à escolaridade ocorre oralmente, em um contexto real. O aluno chega à escola habituado ao saber contextualizado. No entanto, tal prática é rompida na aprendizagem da leitura, visto que os materiais utilizados são palavras soltas, fragmentos de textos desvinculados de seu contexto. Assim, os alunos têm que lidar com aquilo que não está contextualizado, restando-lhes apenas oralizar. De acordo com Foucambert,

Sabe-se hoje com bastante certeza que as crianças muito pequenas atribuem, numa situação real, uma significação à comunicação oral, bem antes de serem capazes de identificar cada palavra separadamente ou de fazer uma segmentação correta. É pela mensagem que se tem acesso ao código, e não o inverso. O mesmo talvez ocorra com a leitura, tanto na boa leitura quanto em seu aprendizado (FOUCAMBERT, 1998, p.101).

A leitura descontextualizada impede os alunos de elaborar hipóteses de sentido, arriscar adivinhações e previsões, fazer comparações. A dificuldade, criada pela verbalização, desacompanhada da exploração dos significados do texto, corresponde à incompreensão, ou seja, à leitura desvinculada de sentidos, denominada por Smith (1989) como “visão em túnel”.

Neste sentido, Sant´anna (2004) mostra que os problemas de produção ou compreensão de textos com que freqüentemente os alunos se deparam, podem derivar da falta de domínio de um gênero específico de um determinado contexto. Nas palavras do autor,

[...] quanto maior o domínio que tivermos sobre os gêneros, quanto mais gêneros conhecermos, maior facilidade de compreensão e de produção de textos teremos, maior será a possibilidade de atingirmos nossos objetivos discursivos (SANT´ANNA, 2004, p. 54).

No entanto,  necessário haver o cuidado de garantir que os indivíduos tenham conhecimento prévio do que será indicado para leitura, pois a pouca familiaridade com o gênero, ou o desconhecimento do assunto pode gerar a incompreensão. Segundo Kleiman (1989), a incompreensão é resultado de falhas no chamado “conhecimento de mundo” que é adquirido ao longo da vida. Para haver compreensão, durante a leitura, aquela parte do “conhecimento de mundo” que é relevante  leitura do texto, deve estar ativada, isto é, deve estar num nível ciente, e não perdida na nossa memória. Para melhor entender como o engajamento do “conhecimento de mundo” facilita a compreensão, o texto abaixo, exemplifica tal constatação:

Como gemas para financiá-lo, nosso herói desafiou valentemente todos os risos desdenhosos que tentaram dissuadi-lo de seu plano. “Os olhos enganam” disse ele, “um ovo e não uma mesa tipificam corretamente esse planeta inexplorado”. Então as três irmãs fortes e resolutas sairam à procura de provas, abrindo caminho, às vezes através de imensides tranqüilas, mas amiúde através de picos e vales turbulentos. Os dias se tornaram semanas, enquanto os indecisos espalhavam rumores apavorantes a respeito da beira. Finalmente, sem saber de onde, criaturas aladas e bem vindas apareceram anunciando um sucesso prodigioso (KLEIMAN, 1989, p.21).

No decorrer da leitura muitas indagações surgem, mas faltam elementos que comprovem a sua interpretação. Segundo a autora, todos os questionamentos podem ser respondidos, se o leitor souber previamente seu título: “A descoberta da América por Colombo”. Desta forma, o leitor atribuiria às palavras do texto significado, conseguindo identificar seus referentes:

O herói é Colombo, o seu plano é viajar para o oeste tentando achar uma rota para as Índias; trata-se do planeta Terra; as irmãs são as três caravelas de Colombo, e os caminhos são aqueles da travessia marítima: os indecisos eram os marujos com medo da beira do abismo que encontrariam no fim da viagem; as criaturas aladas eram pássaros vindos da costa (KLEIMAN, 1989, p. 22).

A partir desse exemplo, comprova-se que a compreensão não está no texto, mas sim fora dele. Como explicitado anteriormente, as práticas de leitura que privilegiam a oralização correm o risco de não atingir a compreensão. É possível pronunciar corretamente o texto citado acima, entretanto as referências necessárias para que haja compreensão não estavam no texto e sim fora dele, no “conhecimento de mundo” que o leitor tem sobre a descoberta da América. O texto continua o mesmo, a diferença reside na compreensão, que é resultado, do uso ou não, do conhecimento prévio. Para Kleiman (1989), as informações que o leitor tem sobre o assunto, viabilizam as inferências necessárias para relacionar as diferentes partes do texto num todo coerente. Portanto, o leitor, a partir de seu “conhecimento de mundo”, faz inferências, o que resulta na construção de sentido, aspecto relevante para constituição do sujeito leitor. A autora ressalta que, após a leitura, o que é lembrado pelo leitor são as inferências realizadas, e não o que o texto dizia literalmente. Assim, quando o indivíduo em suas leituras apenas oraliza, não busca o sentido global, não faz inferências, o conteúdo lido se perde. O resultado das leituras superficiais gera incompreensão.

Como mencionado, a ênfase na oralidade e a leitura de fragmentos de textos, não são garantia de compreensão. Para atingir a compreensão, é preciso que o indivíduo atribua sentido ao texto, que tenha contato com textos significativos. Kleiman (1989) apresenta dois caminhos à compreensão. O primeiro trata da ativação do conhecimento prévio relevante ao assunto do texto; o segundo, do estabelecimento de objetivos e propósitos claros à leitura.

O contexto escolar não oferece objetivos claros em relação à atividade de leitura. Na maioria das vezes, o texto utilizado constitui-se apenas em pretexto para cópias, resumos, análise sintática e outras tarefas de ensino da língua. Diante disso, surge o seguinte paradoxo: fora do contexto escolar o indivíduo consegue interagir em diversos contextos sociais, posicionar-se frente às mais variadas situações, planejar ações para alcançar determinados objetivos. Por que, então, na leitura de textos, a situação é diferente?

Segundo Kleiman (1989), quando os objetivos da leitura são explicitados, a compreensão melhora significativamente. Há evidências experimentais de que o leitor, após a leitura, se recorda de elementos relacionados aos objetivos preestabelecidos. Desse modo, a compreensão do texto é determinada pelos objetivos do leitor. O sentido atribuído irá variar de acordo com o que se deseja saber. Por isso, um mesmo texto poderá ter sentidos diferentes para diferentes leitores, ou ainda para o mesmo leitor em situações diversas. O estabelecimento de objetivos faz com que o leitor elabore hipóteses e as verifique, evidenciando que o texto não é um todo acabado à espera do indivíduo para apreender seus sentidos. A leitura sem um objetivo não é leitura. Na escola, quando o professor propõe a leitura de um texto para o aluno oralizar e o acompanha verificando os erros de pronúncia, não colabora para uma atividade com sentido e significado, tratando-se de uma atividade mecânica.

Na mesma direção, Smith (1989) observou que as intenções do leitor durante a leitura, determinam sua compreensão, mediante a atribuição de quatro características fundamentais à leitura:

- *Objetivos* - as leituras devem ter finalidades. O autor explica que o cérebro não consegue ver tudo que está diante dos olhos, frente às várias alternativas apresentadas pela informação visual, as atribuições de sentido serão mais rápidas quando fizer uso do conhecimento prévio, assim, os objetivos direcionam os olhos;
- *Seletiva* - durante a leitura, a atenção estará voltada aos objetivos, ou seja, o que é relevante é selecionado;
- *Antecipatória* - as expectativas são definidas de acordo com os objetivos, portanto quando já se espera algo do texto não há muita surpresa;
- *Compreensão* - é a base da leitura e não sua consequência, porque o ato de ler sem compreensão não pode ser leitura, apenas uma atividade mecânica de decodificação.

Assim, o indivíduo vê o que está relacionado aos seus objetivos, não a todas as possíveis interpretações. Portanto, o que deve ser enfatizado, segundo o autor, é que:

O significado não reside na estrutura de superfície. O significado que os leitores compreendem, a partir do texto, é sempre relativo àquilo que já sabe e àquilo que desejam saber. Colocando

de outra maneira, a compreensão envolve a redução da incerteza do leitor, que faz perguntas e obtém respostas (SMITH, 1989, p.186).

Kleiman (1989) afirma que a forma do texto também é um determinante dos objetivos de leitura. Há um grande número de tipo de textos, tais como: romances, contos, fábulas, biografias, notícias ou artigos de jornal, artigos científicos, ensaios, editoriais, manuais didáticos, receitas, cartas. O objetivo, nas leituras desses, não é o mesmo. Por exemplo, o interesse do leitor que abre o jornal, é diferente do que abre um livro de receitas, ou até mesmo um artigo científico.

Para Smith (1989), cada texto possui esquemas próprios de gênero (convenções de apresentação, tipografia e estilo) que o distinguem de outros gêneros ou espécies de textos. Esses esquemas, suas formas e características, auxiliam os leitores, proporcionando-lhes base para a previsão de como será o texto. Contudo, essa habilidade é garantida por meio da familiaridade com os textos, os quais fazem parte do conhecimento prévio. Diante disso, pode-se dizer que até mesmo leitores experientes que tenham pouca familiaridade com determinado gênero e assunto, conhecimento prévio reduzido, apresentam dificuldade na leitura.

Foucambert (1994), ao remeter aos suportes de textos como, por exemplo, livros, jornais, entre outros, ressalta a importância de conhecer as características específicas dos materiais para manuseá-los. Nas palavras do autor,

[...] para ler um verbete de uma enciclopédia ou um livro-documentário, é preciso saber antes o que é uma enciclopédia ou um livro-documentário, como se utiliza um índice, um sumário, como localiza rapidamente as páginas, chegar rapidamente aos títulos dos verbetes, aos parágrafos, e linhas [...] Isto é, ou se conhecem os meios de obter rapidamente a informação desejada o que supõe dispor previamente de outras informações, ou a leitura será um trabalho lento, e será mais interessante perguntar a alguém que saiba do assunto (FOUCAMBERT, 1994, p.15).

Partindo destes princípios, a formação do sujeito leitor se tornará possível, à medida que os indivíduos compreendam a linguagem escrita, participando de situações de usos significativos, alicerçadas no real. Nestas condições, ler é atribuir sentidos, é questionar, levantar hipóteses e verificá-las.

1.2 A escolha do jornal

Este tópico apresenta a justificativa pela escolha do jornal como suporte de leitura a ser utilizado para um trabalho mais integrado entre família-escola. Para tanto, fundamenta-se nos conceitos de leitura expostos anteriormente.

Ao ter por princípio a leitura como resultado de um processo interativo entre estímulos visuais e a subjetividade do leitor, o conhecimento prévio torna-se elemento importante para facilitar a compreensão do que se lê. Nesse sentido, em que o jornal poderia contribuir na leitura dos alunos e suas famílias?

O jornal impresso é um suporte de relevância aos objetivos deste, na medida em que veicula informações, conhecidas pelos sujeitos da pesquisa, por meio de outras mídias. Na sociedade contemporânea, a mídia já se tornou parte integrante da vida das pessoas (FARIA, 1998). A mídia exerce influência no comportamento do homem moderno, colabora para a constituição da identidade cultural do povo, constrói a opinião pública (GHILHARDI, 1999).

Os sujeitos pesquisados, mesmo sem contato com o jornal impresso, não desconheciam totalmente os assuntos, de alguma forma já tinham ouvido falar, seja por intermédio do rádio seja por meio da televisão, visto que o texto informativo acompanha as informações veiculadas pela imprensa no dia-a-dia. Por publicar uma grande quantidade de informações locais, nacionais e internacionais, o jornal aumenta a probabilidade de o indivíduo encontrar algum assunto de seu interesse. Além disso, este traz grande contribuição ao favorecer que o leitor utilize de seus conhecimentos prévios, para interagir com as novas informações, atribuindo sentido ao texto.

Na sociedade atual, circula uma grande variedade de textos, cada um com seu propósito específico, exigindo do leitor estratégias diferenciadas na busca da compreensão. Guilhardi (1999) afirma que os diferentes gêneros discursivos exigem um leitor competente, que perceba os efeitos de sentido produzidos pela leitura dos textos com os quais entra em contato. A formação de um leitor competente perpassa pela sua familiarização com diferentes tipos de textos. Conforme já salientado, é preciso que os sujeitos sejam expostos a diferentes tipos de textos e gêneros discursivos (BRANDÃO, 1999). Novamente, encontram-se vantagens na utilização do jornal, pelo fato de apresentar uma coletânea diversificada de textos, tais como: notícias, editoriais, propagandas, crônicas, charges, anúncios, histórias em

quadrinhos, reportagens, entre outros. Essa familiarização com o suporte conduzirá os sujeitos a desenvolverem habilidades e estratégias de leitura, que o somatório das diferentes configurações textuais requer. Tais considerações vão ao encontro de Kleiman,

Quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior a sua exposição a todo tipo de texto, mais fácil será sua compreensão, pois o conhecimento de estruturas textuais e de tipos de discurso determinará, em grande medida, suas expectativas em relação aos textos, expectativas essas que exercem um papel considerável na compreensão (KLEIMAN, 1989, p. 20).

Ao mesmo tempo em que o jornal coloca o sujeito em contato com uma grande quantidade de temas presente na sociedade, ele favorece ao leitor o uso de seus conhecimentos prévios para interagir com as novas informações, gerar e testar hipóteses, indícios esses de leitura significativa.

Nesta pesquisa, considerou-se a leitura como um processo que garanta ao leitor a compreensão de textos. Na formação do sujeito leitor, é preciso que se promova esse processo interno, subjetivo e próprio de cada um. Para chegar à compreensão, é necessário experimentação de diversas estratégias de leitura em situações significativas. Conforme já explicitado, o aprendizado da leitura ocorre na ação, em que somente vivenciando situações de sua utilização de modo significativo, é que será possível atribuir sentido ao texto (JOLIBERT, 1994).

A partir desses aspectos, é possível afirmar que os sujeitos da pesquisa utilizaram o jornal em situações significativas. Por receberem, diariamente, o jornal em sua casa, vivenciaram condições reais de uso da escrita (descritas no tópico 4.4.2) e da leitura; os responsáveis ao utilizar o jornal deram exemplos de situações de leitura. Para Foucambert,

Para aprender a ler é preciso estar envolvido pelos escritos e os mais variados, encontrá-los, ser testemunha de e associar-se à utilização que os outros fazem deles. Ou seja, é impossível tornar-se leitor sem essa contínua interação com um lugar onde as razões para ler são intensamente vividas (FOUCAMBERT, 1994, p.31).

A grande variedade de textos e temas presentes nas páginas do jornal faz com que o leitor tenha um comportamento característico, este não lê o jornal inteiro, mas seleciona os assuntos de seu interesse, de acordo com seus objetivos. Diante

da primeira página, apreende rapidamente as informações que estão em pauta. Ao deparar-se com um assunto que queira ler, localiza rapidamente o texto nas páginas internas. Tais aspectos estão ligados à facilidade da diagramação do jornal, que evoluiu e hoje é pensada, considerando a forma como o leitor capta as informações, por meio da ampla mobilidade dos olhos, que não percorrem as páginas linearmente, mas sim de forma abrangente e rápida. Portanto, a disposição das notícias e das fotos; o tamanho dos títulos, tipo e cor da letra; separação dos textos em colunas; entre outros elementos, são pensados e distribuídos na página propositalmente, de modo a facilitar a leitura. Além disso, o espaço que as matérias ocupam; as páginas em que se encontram, par ou ímpar, por exemplo; a posição, superior ou inferior; indicam os “interesses” desses veículos de comunicação. Segundo Paulino,

O espaço da notícia no jornal já se faz índice da importância dada a ela, da intenção do jornal de fazer chegar ao leitor sua visão daquele fato: se a notícia tem chamada na primeira página ou não; em que seção ou caderno ela foi veiculada; com que outras notícias se relaciona, etc. Por outro lado, o espaço configurado pela notícia é também revelador (PAULINO, 2001, p.47).

Os veículos de comunicação, independentemente de ser escrito, falado ou televisado, apresentam orientações ideológicas, isto é, possuem um modo particular de ver as coisas e é desse modo que elas vêm contadas nos veículos (PAULINO, 2001).

Deste modo, na leitura do jornal, conhecimentos prévios são exigidos dos leitores. A diagramação é reveladora da postura do jornal frente aos fatos. Uma leitura mais atenta pode levar o leitor a perceber que nas páginas internas do jornal são veiculadas notícias importantes sem receberem chamadas na primeira página.

A partir disso, verifica-se, então, que o jornal não é um veículo neutro, pois está vinculado ao interesse dos anunciantes, além, é claro, da sua linha política. Suas ideologias podem ser observadas por intermédio dos editoriais, textos sem assinaturas, localizados na segunda página, que tratam de assuntos presentes nesse suporte, ou melhor, dos considerados mais importantes no momento pelos seus responsáveis, explicitando suas posições frente aos fatos veiculados.

Para se tornar um leitor competente, é preciso conhecer a estrutura, a forma como o texto é escrito e sentir necessidade real de ler o material (FOUCAMBERT,

1994; JOLIBERT, 1994; KLEIMAN, 1989; SMITH, 1989). O leitor do jornal apresenta necessidades reais, objetivos em suas leituras: ler para ficar informado, passar o tempo, saber o que acontece na cidade, conhecer os detalhes da notícia. Tais objetivos são adquiridos em suas relações sociais.

Os sujeitos da pesquisa nunca tiveram um contato intenso e diário com o suporte, não apresentavam familiaridade com esse mundo da escrita. Portanto, há necessidade de as famílias conhecerem a estrutura do jornal e as suas características próprias, para que possam adentrar facilmente neste meio de comunicação em busca de informações.

Foram propostos objetivos às leituras dos sujeitos da pesquisa: ler textos e compartilhar do assunto com os outros integrantes da família. Para tanto, teriam de argumentar, debater, posicionar-se sobre o assunto, levantar hipóteses e verificá-las. Tais aspectos favorecem o desenvolvimento de estratégias e processos mentais que contribuem para a aprendizagem da leitura significativa. Segundo Kleiman (1989), há muitas evidências de que a capacidade de processamento da memória melhora significativamente quando é fornecido objetivo à leitura, e ainda, que seu estabelecimento favorece a formulação de hipóteses, aspectos esses importantes à compreensão. Em síntese, para a autora quando o indivíduo é capaz de estabelecer objetivos à sua leitura, esse passa a regular e a controlar seu próprio conhecimento.

A partir do recebimento diário do jornal em sua casa, a família terá por aliado um material que traz oportunidades de realização de leituras significativas. Nesse meio de comunicação, a dinâmica social, a vida acontecendo e os assuntos do momento são apresentados e passam a fazer parte da vida de qualquer cidadão que se interessa em estabelecer relações com o mundo que o cerca. Nesse sentido, qual a importância de as leituras do jornal acontecer na casa do aluno?

Ao propor a leitura do jornal na casa do aluno, são oportunizadas condições reais de leitura em sua prática cotidiana e em sua reflexão. O aluno, ao ter de encontrar textos para compartilhar com as outras pessoas de sua casa, tem que selecioná-los. Com isso, é necessário compreendê-los e não apenas decodificá-los. As notícias devem também ser discutidas, segundo o que os alunos e os responsáveis compreenderam nos jornais, não possibilitando a restrição da leitura à oralização. Esta atividade estimula os sujeitos a refletir, argumentar e criticar. Tais aspectos podem contribuir à formação de um cidadão mais ciente das necessidades

e problemas, capaz de compreender o processo histórico e se posicionar criticamente no contexto em que está inserido.

Além disso, a participação da família constitui um forte elemento para mudar o conceito atribuído pelos alunos à atividade de leitura – “chata”, “cansativa”, para uma atividade “prazerosa”, “significativa”, “compartilhada”. Portanto, a leitura diária viabilizará ao aluno confrontar suas opiniões com as veiculadas pelo jornal e também com as da sua família, ampliando seu universo de conhecimento, implicando o desenvolvimento do leitor e a formação da criticidade.

Segundo Beneyto (apud ERBOLATO, 1991), para ser considerado plenamente cidadão, o homem contemporâneo precisa dispor de fontes informativas que lhe permitam conhecer o que se passa e, em seguida, formar juízos sobre os acontecimentos.

Em relação à leitura do jornal, Pavani recomenda a parceria escola- família,

[...] é necessário incentivar uma maior integração da família com a escola no que diz respeito aos hábitos de leitura, alertando os pais para a importância de ler jornais e de fazê-lo com espírito crítico, conversando com os demais membros da família, sobre as matérias lidas. Além disso, a leitura do jornal deve ser realizada na escola e na família não como uma novidade passageira ou acidental, mas como uma prática diária com clara consciência da multiplicidade de formas pelas quais o jornal retrata o cotidiano (PAVANI, 2002, p.33).

Apesar de tudo o que foi explicitado a respeito da leitura do jornal, poderia ocorrer questionamento a respeito da sua relevância no contexto histórico atual, em que a tecnologia substitui, em várias situações, a escrita, numa realidade na qual a informação de qualquer parte do mundo, em frações de segundos, chega até a população por intermédio do rádio, da televisão, da internet. Diante disso, Foucambert se posiciona,

Para quem sabe ler, a escrita oferece a permanência e a rapidez, a totalidade e o detalhe mostrados ao mesmo tempo, a liberdade de caminhar e traçar seus próprios itinerários. É sem dúvida nenhuma, a mídia mais respeitosa; não aquela que expressa mais verdade, mas a que dá aos leitores condições de chegar às suas próprias verdades (FOUCAMBERT, 1994, p. 113).

É por isso que, segundo Melo (1999), a leitura de jornal diariamente representa um indicador civilizatório bastante expressivo. Qualquer país que

envereda pelo desenvolvimento econômico, repartindo melhor o produto social entre seus habitantes, registra sempre um aumento nas vendas de jornais. Portanto, a formação de leitores está fundamentada na própria noção de democracia, pois a linguagem não é utilizada somente para transmitir informações, mas acima disso, para firmar interesses e estabelecer níveis de dominação. Para Bakhtin (1986), as forças de poder podem ser consolidadas por meio da linguagem.

1.2.1 Utilização do jornal em contextos escolares

A preocupação em torno do jornal na escola, não se relaciona e nem pretender discutir se este deve ou não ser utilizado. Mesmo porque, muito se tem trabalhado no campo da lingüística para ressaltar a importância da leitura dos textos não-escolares. Também, porque em meio à globalização, os veículos de comunicação têm elevada participação na formação do ser humano, independentemente da qualidade dessa formação. Porém, a questão central é qual a utilização que se faz desse material jornalístico nas instituições educacionais.

Segundo Viana e Silva (1997), embora o jornal se faça presente nas atividades escolares, sua utilização ainda não se constitui prática habitual. O jornal é utilizado, geralmente, para recortes de palavras com a finalidade de se fixar noções de gramática, ou ainda, é recomendada aos alunos, de maneira vaga e padronizada, a utilização do suporte na realização de trabalhos. De modo geral, a investigação mostra que, embora o jornal se faça presente nas escolas, ele é pouco explorado nas disciplinas escolares. As poucas atividades sugeridas não ultrapassam a leitura do texto escrito (de pura reprodução alfabética), envolvendo questões de entendimento oral e comentário superficial sobre o assunto das matérias jornalísticas. Faz-se uso do jornal como se faz do livro didático.

Os trabalhos realizados pelos alunos envolvendo pesquisas em jornais constituem-se em atividades mecânicas: os alunos recortam textos, gravuras, espalham na cartolina e colam. Os textos selecionados, em sua grande maioria, não são lidos pelos alunos, não são comentados com os professores, nem com os outros alunos da sala. Discussão prévia, leitura dos textos selecionados, entendimento e compreensão não fazem parte dos trabalhos.

Araújo (2000), na busca de compreender o letramento de grupos sociais das camadas populares, verificou que a leitura realizada em sala de aula caracteriza-se por duas práticas: “sistematização da leitura” e “com possibilidades de leitura”. Na primeira, a leitura é definida como desenvolvimento de habilidades mecânicas, ou seja, aspectos como fluência, entonação e rapidez no processo de decodificação dos signos lingüísticos e atividades gramaticais seriam privilegiadas. Destaca, ainda, que tais atividades são realizadas predominantemente com textos dos livros didáticos, tendo a leitura silenciosa ou oral como pretextos para a avaliação. Avalia-se assim a fluência, a entonação e a rapidez. Já a segunda, trata-se de uma diversificação dos gêneros e dos suportes textuais utilizados, como exemplo a utilização dos jornais. No entanto, constatou-se que as abordagens utilizadas na leitura dos diferentes gêneros, tanto dentro da escola (sala de aula) quanto fora (casa dos alunos), são as já mencionadas “práticas de sistematização de leitura”. Em ambas, há o predomínio da leitura como habilidade a ser treinada e avaliada.

Esta pesquisa demonstra que a ênfase dada ao jornal, pelas instituições escolares, recai no seu uso “sistemático”, verbalização da leitura, deturpando o seu valor, restringindo à condição de livro didático. Nota-se que a escola abriu-se a outros materiais de leitura, como foi o exemplo dado. Entretanto, o seu uso recai na concepção de leitura tradicional, em que o educando deve extrair das palavras impressas o seu significado. Na leitura, não são relevantes os aspectos cognitivos do sujeito, tampouco as características do texto. O jornal deve favorecer a formação de leitores, opiniões mais críticas; porém, Araújo (2000), em sua pesquisa, conclui que o jornal,

É trabalhado na mesma lógica que os textos didáticos, com ênfase na capacidade de verbalização da leitura. Suas possibilidades sociais não são trabalhadas ou discutidas, uma vez que a professora, apesar de ciente delas, não encontrou formas de incorporação desse suporte que sejam diferentes daquelas historicamente escolarizadas. (ARAÚJO, 2000, p.6).

Fica evidente que a leitura, trabalhada enquanto uma atividade mecânica, não é vivenciada pelo aluno numa perspectiva sociohistórica, não se considera a história do leitor, seu contexto, seus conhecimentos prévios.

O jornal, na maioria das vezes, tem sido inserido nas escolas, por iniciativa das empresas jornalísticas. Algumas desenvolvem projetos específicos de como

usar esse material em sala de aula, outras fornecem diária e gratuitamente exemplares às escolas. No entanto, estar no ambiente escolar não significa necessariamente que se esteja fazendo uso dele, muito menos é garantia da qualidade que se possa ter desse uso.

Segundo Paroli e Almeida Junior (2006), as empresas jornalísticas oferecem programas de uso do jornal direcionados à escola, justamente por ela não encontrar maneiras de se relacionar com esse veículo de comunicação. Os autores ainda explicitam que, como as faculdades de licenciatura, responsáveis pela formação dos docentes, ainda não estão preparadas suficientemente para trabalhar com esse recurso no ensino, as empresas acabam ocupando essa lacuna deixada por elas. A partir de objetivos pedagógicos associados aos comerciais, buscam manter relações com as escolas de modo a alcançar mais leitores.

Em relação às propostas das empresas jornalísticas endereçadas à utilização do jornal na sala de aula, Viana e Silva (1997) entraram em contato com o projeto do jornal *Folha de S. Paulo* e teceram os seguintes comentários:

No elenco dos exercícios de sala de aula do 'Folha educação', [há] uma total ausência de questões que conduzam o aluno à percepção das ideologias que envolvem a trama social, despertando-lhes a criticidade necessária a um viver mais consciente e autônomo (VIANA; SILVA, 1997, p.99).

Os autores esclarecem que não se trata de tecer críticas minuciosas ao projeto da empresa jornalística, mas suscitar reflexões de que o jornal é um material relevante para a educação, não obstante este deva ser melhor explorado na sala de aula, de forma que seu uso não se restrinja às atividades sugeridas pelos veículos de comunicação.

Isso, de acordo com os autores, cabe aos educadores. O que não se pode é sustentar a ilusão de que projetos como esse possam solucionar o problema de uma inadequada utilização do jornal na sala de aula.

Enquanto o caminho for o de enviar sugestões de práticas pedagógicas às escolas, desvinculadas de um projeto construído pelo grupo-escola, atividades efetivas não serão realizadas, excetuando os bons casos de prática pedagógica solitária exercida por professores isolados, ou em pequenos grupos que, apesar das condições desfavoráveis ao ensino, mantêm compromisso com uma educação de qualidade (VIANA; SILVA, 1997).

1.2.2 A leitura em contextos não-escolares

Se de um lado se constata a precariedade de uso do jornal nas atividades pedagógicas, de outro, é constatado um significativo contato dos alunos com esse veículo de comunicação em contextos não-escolares, e ainda, a influência da família nos hábitos de leitura dos filhos.

Spadafore (1987 apud PAVANI, 2002), ao realizar um estudo com alunos do 3º ano do ensino médio, observou quais aspectos positivos e negativos influem na aquisição do hábito de ler. O autor detectou que uma das seis principais experiências positivas fora da escola, apresentadas pelos alunos, consistiu na liberdade de leitura de jornais, revistas e histórias em quadrinhos.

Cobb (1991 apud PAVANI, 2002) constatou que o comportamento dos pais em relação à leitura do jornal implica os indivíduos serem ou não leitores. Para tanto, o autor, a partir da análise de quase um milhão de adolescentes, criou uma tipologia que distribui os leitores em quatro grupos: “leitores apáticos”, “leitores varredores”, “leitores esporádicos” e “leitores de peso”. O primeiro grupo é formado por aqueles que pouco lêem jornal, quando em contato com o suporte, não gastam muito tempo e não atribuem valor à atividade de ler jornais; o segundo freqüentemente lê jornal, mas o tempo nessa atividade é curto; o terceiro não tem contato freqüente, mas tendo oportunidade, dedica-se mais tempo ao fazê-lo; e por último, o quarto grupo, dos leitores freqüentes, que dedicam um tempo maior com a atividade. Para o autor, os “leitores apáticos” apresentam desempenho escolar inferior, comparado com os outros, e também, não tiveram muitos exemplos de leitura no lar, sendo esse um determinante no consumo maior ou menor da leitura de jornais.

Diante dessas pesquisas, constata-se que as práticas de leitura no lar implicam a formação de indivíduos leitores, ou seja, que encontram prazer na realização da atividade.

Ao inserir os alunos em contextos em que a escrita e a leitura são usadas efetivamente estará contribuindo para a inserção dos estudantes no mundo do letramento.

Letramento é um termo que se inseriu no contexto educacional para diferenciar as pessoas que somente decodificam os sinais gráficos, das que são capazes de se envolver em práticas de leitura e escrita, compreendendo seu uso e sua função. Abrange o domínio da linguagem escrita, não se restringe a aprender

palavras, familiarizar-se com sua grafia e som, mas envolve a apropriação de seus significados culturais, e a compreensão de como as pessoas de seu contexto social interpretam a realidade. Trata-se da participação do sujeito em práticas sociais, em que a escrita é usada como sistema simbólico. Em uma sociedade repleta de símbolos, a palavra é o elemento de poder, é o indicador das transformações, sendo capaz de registrar as mudanças sociais (BAKHTIN, 1986).

Nesta mesma direção, Foucambert (1994) coloca que é preciso criar condições de uma prática não mais centrada na formação do alfabetizado, mas do leitor. O autor propõe a leiturização à alfabetização, ou seja, condições reais de uso elaborado da escrita em sua prática cotidiana e em sua reflexão.

Hoje em dia, é muito comum perceber crianças que ainda não alfabetizadas, são letradas, pois as práticas e usos da escrita são fatos de seu cotidiano, ocorrem juntamente com outros fatores e fazeres: a leitura do jornal como parte integrante do café da manhã; a redação de um bilhete ou a consulta a uma agenda como suportes da memória; a leitura de um livro de cabeceira como aspecto importante do lazer ou do descanso; o rabisco como ocupação manual durante a concentração e o uso do texto escrito como fonte de informações permitindo que, antes de conhecer a forma da escrita, a criança conheça seu sentido e sua função (KLEIMAN, 1998).

Já aquelas crianças educadas no meio de adultos que praticamente não lêem têm uma experiência negativa ou ambígua com o livro. Por exemplo, há o caso de sujeitos que, por não terem exemplos de leitores, por falta de usarem os livros, se habituaram a considerá-los como “brinquedos aborrecidos e inutilizáveis”. Ou ainda, há os sujeitos que os têm como objeto de decoração ou de elevado respeito: os arrumam na estante, não permitem que ninguém os toque, evitando assim que sejam estragados (CHARTIER, 1996).

Embora o espaço familiar influa na formação de indivíduos leitores, estudos apontam para a representação que a escola faz das famílias de seus alunos, considerando essas ausentes e responsáveis pelas dificuldades do aluno em relação à escola (CASTANHEIRA, 1991; EVANGELISTA, 1993).

Em contrapartida, observa-se que as famílias legitimam o discurso escolar, restringindo as práticas de leitura à oralização. Castanheira (1991) constatou a preocupação dos pais na alfabetização dos filhos mesmo antes de entrarem na escola, no entanto, há o predomínio da concepção escolar de leitura. Araújo (2000) encontrou famílias que orientam seus filhos, e para isso se esforçam para entender

as práticas escolares de leitura. Observou que páginas de revistas e jornais utilizados para embrulho, transformavam-se em materiais de leitura, ou ainda, eram utilizados para recortes de trabalhos escolares. Assim, atividades descontextualizadas, com o predomínio da concepção da leitura como uma única possível, a partir da relação direta entre significado e significante, são as encontradas no espaço familiar, que adere às condições de leitura escolar. Diante disso, o aluno passa a ser duplamente orientado em suas leituras de forma instrumentalizadora e desprovida de sentido.

Para Foucambert (1994), é necessário provocar, tanto nos pais quanto nos professores, uma reflexão sobre o que é leitura, a partir de sua própria prática, para acabar de vez com as falsas noções que continuam sendo utilizadas como referências na ação educativa escolar e familiar. Segundo o autor,

Até aqui só sabemos que são as condições familiares que permitem tornar-se leitor. E essas condições estão ligadas aos status das classes privilegiadas que é impossível - e ainda menos desejável - generalizá-los. Trata-se, pois, de encontrar as condições sociais e comunitárias que surtirão efeitos semelhantes (FOUCAMBERT, 1994, p.26).

1.2.3 Colaboração família-escola

Nos últimos anos, muitas pesquisas têm mostrado a importância que a família desempenha em relação ao processo evolutivo do aluno ao conhecimento, destacando as vantagens dessa parceria (BHERING; SIRAJ-BLATCHFORD, 1999; MAIMONI; RIBEIRO, 2006).

No relatório produzido para a UNESCO, a relação escola-família foi abordada como uma das metas para a educação do milênio (DELORS, 1999). Freitas et al. (1994), por exemplo, apontam como deve ser o envolvimento dos pais para o bom desempenho dos filhos na escola: verificar cadernos e exercícios desenvolvidos em sala de aula, acompanhar tarefas e trabalhos extraclasse, definir horários de estudo, entre outras. Steinberg et al. (1992 apud MAIMONI; BORTONE, 2001) assinalam que o envolvimento dos pais relacionava-se ao auxílio nas tarefas escolares realizadas em casa, quando eles eram solicitados. Segundo Maimoni e Bortone (2001), um resultado importante que surgiu, tanto em pesquisas nacionais quanto

nas internacionais, refere-se ao fato de que o envolvimento dos pais com a vida escolar dos filhos independe do nível socioeconômico e cultural. Acrescentam ainda que o auxílio dos pais aos alunos pode ser um importante determinante do sucesso escolar.

Dentre os diversos enfoques à parceria escola-família, poucos estudos foram desenvolvidos no sentido de mostrar como os pais podem ajudar seus filhos em práticas de leituras, contribuindo com a escola em relação à formação do sujeito leitor. Topping (1989), por exemplo, desenvolveu o procedimento de “leitura conjunta”, tendo por objetivo promover uma participação maior da família na aprendizagem do aluno. O método proposto pelo pesquisador consiste em ações bem definidas, em que o “tutor”, ou seja, alguma pessoa da família, diariamente, cerca de cinco minutos, escuta a leitura de um texto que o próprio “tutelado” escolhe. O roteiro proposto por Topping (1989) sobre a organização da “leitura- conjunta” poderia ser sucintamente apresentado do seguinte modo:

1 - *Seleção do material*: O aluno seleciona qualquer material de leitura de seu interesse;

2 - *Leiam juntos*: Leia juntamente com o aluno todas as palavras em voz alta; adapte sua velocidade de leitura exatamente a do tutelado, o qual deve ler cada palavra;

3 - *Corrija os erros*: Quando errar a pronúncia, diga-lhe a forma correta de pronunciá-la. (Se der mais pistas, a fluidez da leitura será interrompida). Ele deverá repeti-la corretamente. Continue. Corrija sempre desta maneira;

4 - *Aguarde*: Não pronuncie a palavra correta de imediato. Espere alguns segundos. Se o aluno ler a palavra adequadamente durante esse tempo (autocorrigir), não haverá necessidade de interferir;

5 - *Aguarde os sinais para ler sozinho*: O aluno dará algum sinal quando desejar ler uma seção sem ajuda;

6 - *Voltar à leitura conjunta*: Na leitura individual, o aluno poderá cometer um erro e não se autocorrigir em quatro segundos. Corrija o erro (como indicado acima) e continue a leitura juntos;

7 - *Continuar*: Siga assim, combinando a leitura conjunta com a leitura individual;

8 - *Estimular*: Elogie o aluno na leitura de palavras difíceis;

9 - *Revisão*: Fale sobre o livro. Por que é interessante? Dialogue sobre o significado das palavras difíceis. Quais eram as idéias principais do livro? Em que ordem apareciam? (TOPPING, 1989, p.20) tradução e adaptação nossa.

Nota-se, nesse método, que ele caminha à contramão dos conceitos de leitura expostos no tópico 1.1. Verifica-se que a ênfase recai na pronúncia correta. Pode-se observar que a prática da leitura, pelo método proposto por Topping (1989), recai em extrair um sentido do texto, e não dar um sentido ao escrito. Contrariamente, Jolibert (1994) afirma que a leitura não deve partir da decifração e oralização, ao contrário, deve ter início no contato direto com o texto – questionando um escrito, a partir de uma necessidade real de leitura, ler dando sentido real ao texto. A decifração faz com que o indivíduo não perceba o sentido global. Ainda, segundo a autora, a decifração deve acontecer, porém como um instrumento entre outros, nunca sistematicamente privilegiado.

Para Geraldi (1993), a maneira como são propostas as práticas de leitura: objeto de imitação, objeto de leitura vozeada e objeto de fixação de sentido, não remetem à compreensão. No método proposto por Topping (1989), a prioridade recai na correta pronúncia, em que o conhecimento prévio e o textual, fundamentais à compreensão, não são ativados. Isso é percebido na orientação aos pais para que façam correções nas pronúncias das palavras.

Bortone e Maimoni (2000), buscando a melhoria nas leituras e estímulo da aproximação dos alunos ao texto, propuseram estudos sobre a mediação de atividades de leitura exercida por pais em casa. Para tanto, fizeram adaptações no método de “leitura conjunta” desenvolvido por Topping (1989). As autoras realizaram duas pesquisas. A primeira, coordenada por Bortone, teve por participantes alunos da 2ª série do Ensino Fundamental de nível socioeconômico baixo, durante 6 semanas, por meio dos seguintes procedimentos: primeiramente, os pais liam junto com os filhos, em seguida, ouviam o filho ler, aproximadamente por 5 minutos, duas vezes na semana. Em reuniões convocadas pela escola, os pais receberam orientações de como proceder nas mediações. As escolhas dos textos aconteciam em dia e horário marcados, semanalmente, pelo filho, na biblioteca da escola. Também neste espaço, os alunos relatavam aos pesquisadores como procediam a leitura em casa e como era o envolvimento dos pais. Constatou-se que os alunos estavam motivados, já que não apenas um responsável participava, mas também,

outras pessoas da família. Ao analisar os resultados, as autoras apontaram dois fatos que devem ser destacados. Primeiro, os pais estiveram mais participativos e interessados com a vida escolar de seus filhos, mesmo sendo de nível socioeconômico baixo e não tendo a leitura como prática cotidiana. Segundo, porque as famílias passaram a associar a leitura como fator essencial ao crescimento intelectual das crianças. Ainda para as autoras, um outro aspecto observado foi a maior participação, na pesquisa, da mãe, do que do pai, indo ao encontro do que comumente ocorre em pesquisas nacionais e internacionais (BHERING et al., 1999), indicativo este de que a figura paterna ainda não foi incluída pela cultura escolar como colaboradora. O método de leitura conjunta:

[...] pode fornecer a pais e mães pistas para auxiliá-los a serem bons mediadores de aprendizagens escolares, contribuindo em particular para aumentar o potencial de aprendizagem da leitura, formando leitores proficientes (BORTONE; MAIMONI, 2000, p.46).

Na segunda pesquisa, coordenada por Maimoni, participaram 11 pais, os quais eram estudantes de licenciaturas, e seus filhos, com idades variando entre 6 e 16 anos. O método de mediação foi o mesmo utilizado no estudo coordenado por Bortone, explicitado anteriormente. Esperava-se que os pais, futuros professores, quando fossem exercer sua prática profissional, se utilizassem do aprendizado, criando condições para a colaboração família-escola, “evitando resistências que comumente ocorrem nessa interação” (MAIMONI; RIBEIRO, 2006, p. 296). Nesse estudo, quinzenalmente, os pais participavam de encontros, quando informavam os procedimentos realizados e suas possíveis dificuldades.

Diante das duas pesquisas, Maimoni e Ribeiro (2006) concluem que, apesar de o método de Topping (1989) de “leitura conjunta” ter como uma de suas metas facilitar a relação família-escola, nas duas pesquisas encontraram algumas dificuldades. No primeiro estudo, a dificuldade estava na compreensão dos procedimentos, pois os alunos foram orientados para que as escolhas dos textos despertassem o interesse dos pais, no entanto, selecionaram histórias infantis, longas, do seu próprio interesse; e os pais depois de um dia intenso de trabalho, chegavam a dormir durante a leitura. Outra dificuldade encontrada foi a falta de tempo dos pais em ouvirem as leituras dos filhos. Tais problemáticas apontam para

a importância da escolha do material a ser lido e também para o tempo disponível dos pais para o envolvimento na pesquisa.

Santos e Joly (1996) e Bortone et al. (2000), no tocante à “leitura conjunta”, afirmam que os pais podem ser beneficiados neste processo, podendo melhorar na leiturização. Assim, acredita-se ser possível que pais possam ser mediados em suas atividades de leitura, tornando-se mais proficientes na mesma e usando depois os recursos aprendidos na mediação das aprendizagens dos filhos em casa.

Partindo do princípio de que com a contemporaneidade a leitura não é mais apenas tarefa da escola e que as condições familiares exercem influência na formação do sujeito leitor, torna-se essencial desenvolver pesquisas que busquem avaliar as implicações da interferência da família nas práticas de leitura dos alunos.

CAPÍTULO 2

A OPÇÃO METODOLÓGICA

2.1 Abordagem qualitativa no estudo de caso

À medida que avançam os estudos em Educação, novas questões e desafios surgem, acarretando o desenvolvimento e aparecimento de novos métodos de pesquisa, diferentes dos empregados tradicionalmente. Por muito tempo, as pesquisas educacionais estiveram pautadas em referências positivistas e, para terem validade científica, seguiam os pressupostos das ciências físicas ou naturais.

Nesse contexto, acreditava-se que o estudo de um fenômeno educacional, por exemplo, poderia ser decomposto em variáveis básicas, a fim de verificar os efeitos exercidos por cada uma delas. Ainda, por meio do estudo analítico, ou até mesmo quantitativo, chegariam diante da compreensão desses fenômenos.

Com a evolução das pesquisas educacionais, passaram a ser poucos os estudos que se enquadravam nessa abordagem de pesquisa, devido ao caráter dinâmico e complexo dos fenômenos estudados. Aspectos antes não considerados passaram a ter relevância, tais como: sujeito, seu contexto e sua história. Segundo Lüdke e André (1986, p.5), trata-se de um “fenômeno educacional situado dentro de um contexto social, por sua vez inserido em uma realidade histórica, que sofre toda uma série de determinações”.

Outra característica presente nos trabalhos científicos tradicionais consistia na imparcialidade do pesquisador diante do objeto de estudo. Partiam do princípio que a separação entre o pesquisador, objeto estudado e os sujeitos da pesquisa, eliminaria qualquer presença de subjetividade, garantindo assim a objetividade.

Contrariamente a isso, as novas metodologias redefiniram o papel do pesquisador. Nessa nova abordagem de pesquisa, ele é visto como instrumento importante de coleta de dados. A subjetividade assume um papel de relevância, visto que a compreensão do fenômeno pesquisado é construída tanto por questionamentos sobre o objeto, quanto pelo conhecimento do fenômeno.

Desta forma, fica evidente que as ciências humanas não podem, por ter objetos distintos, utilizar os mesmos métodos das ciências exatas, visto a

necessidade de captar toda a realidade dinâmica presente no fenômeno educacional estudado, e ainda, considerar o contexto histórico em que está inserido. Para Bakhtin (1992), o homem deve ser estudado pelas ciências humanas em sua especificidade humana, ou seja, no processo contínuo de expressão e criação. Um estudo que não considera esses aspectos, não está inserido no âmbito das ciências humanas.

O presente trabalho considerou tais aspectos e seguiu os pressupostos da pesquisa qualitativa, por ser o modelo mais adequado para o que se pretendia investigar. De acordo com Lüdke e André (1986), este tipo de pesquisa caracteriza-se por: enfatizar o processo e não o produto; estabelecer contato direto e prolongado do pesquisador com a situação pesquisada; obter dados ricos em descrições de pessoas, situações e acontecimentos; considerar as entrevistas e os depoimentos como instrumentos de coleta de dados; levar em conta a perspectiva das pessoas envolvidas; ter como principal fonte de dados uma situação natural.

Existem vários tipos de estudos qualitativos. Cada um deles implica métodos específicos para avaliar a possibilidade da sua realização, bem como os procedimentos a adotar (BOGDAN; BINKLEN, 1994). Dentre as várias formas que a pesquisa qualitativa pode assumir, optou-se pelo estudo de caso. Yin (2005) observa que o estudo de caso tem sido utilizado como estratégia de pesquisa para contribuir com o conhecimento de fenômenos individuais, sociais, políticos e de grupos.

Merriam (1988 apud BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48) afirma que o estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico.

Segundo Lüdke e André (1986), no estudo de caso há a preocupação de compreender uma instância singular. Para os autores, por este constituir uma unidade dentro de um sistema mais amplo, o interesse incide naquilo que ele tem de único, de particular. Além disso, o estudo de caso qualitativo se desenvolve em uma situação natural e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada.

Uma das críticas que se faz a essa metodologia é do caso ser ou não “típico” de representação e possível de generalização. Diante disso, Gouveia (1984) aponta que a generalização passa a ter pouca relevância frente à particularidade que cada caso apresenta. Stake (1983) remete ao conceito de “generalização naturalística”, isto é, um caso particular pode apresentar semelhanças com outros tipos de casos ou situações. Assim, as generalizações acontecem no âmbito pessoal, o leitor de um

estudo de caso acessará todo o seu repertório de conhecimento, ou seja, todo o seu “conhecimento tácito” para desenvolver novas idéias, significados e compreensões (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Lüdke e André (1986) apontam sete características desta metodologia de pesquisa, orientando tanto na coleta como na análise dos dados. São elas:

1- Os estudos de caso visam à descoberta. Essa característica se fundamenta no pressuposto de que o conhecimento não é algo acabado, mas uma construção que se faz e refaz constantemente. Sendo assim, no desenvolvimento do seu trabalho, o pesquisador estará sempre buscando novas respostas e novas indagações.

2- Os estudos de caso enfatizam a “interpretação em contexto”. Um princípio básico desse tipo de estudo é que, para uma apreensão mais completa do objeto, é preciso levar em conta o contexto em que ele se situa. Assim, para compreender melhor a manifestação geral de um problema, as ações, as percepções, os comportamentos, as interações das pessoas devem ser relacionadas à situação específica em que ocorrem ou à problemática a que estão ligadas.

3- Os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa e profunda. O pesquisador procura revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação ou problema, focalizando-o como um todo. Esse tipo de abordagem enfatiza a complexidade natural das situações, evidenciando a inter-relação dos seus componentes.

4- Os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação. O pesquisador poderá coletar dados em diferentes momentos e situações, por meio de muitos informantes. Com esses subsídios, oriundos de fontes variadas, ele poderá cruzar, confirmar ou rejeitar, descobrir novos dados, afastar suposições ou levantar hipóteses alternativas.

5- Na apresentação do estudo de caso, o pesquisador procura relatar as suas experiências de modo que o leitor ou usuário possa fazer as suas “generalizações naturalísticas”, ou seja, associar dados encontrados no estudo com os que são frutos das suas experiências pessoais.

6- Estudos de caso procuram representar os diferentes e, às vezes, conflitantes pontos de vista presentes numa situação social. Quando o objeto ou situação estudada suscitar opiniões divergentes, o pesquisador tentará trazer para o estudo essa divergência de opiniões, revelando o seu próprio ponto de vista sobre a questão.

7- Os relatos do estudo de caso utilizam uma linguagem e uma configuração mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa. Os dados podem ser apresentados numa variedade de formas, tais como dramatizações, desenhos, fotografias, colagens, slides, discussões, mesas-redondas, etc. Os relatos escritos apresentam, geralmente, um estilo informal, narrativo, ilustrado por figuras de linguagem, citações, exemplos e descrições. É possível também que um mesmo caso tenha diferentes formas de relato, dependendo do tipo de usuário a que se destina. A preocupação aqui é com uma transmissão direta, clara e bem articulada do caso e num estilo que se aproxime da experiência pessoal do leitor. Pode-se dizer que o caso é construído durante o processo de estudo; ele só se materializa enquanto caso, no relatório final, em que fica evidente se ele se constitui realmente num estudo de caso.

Autores como Nisbet e Watt (1978 apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986) caracterizam o desenvolvimento de um estudo de caso em três fases. São elas:

- *Exploratória*: fase importante para delinear melhor o objeto de estudo, é o momento de definir o caso e estabelecer os contatos iniciais para entrar em campo. O estudo começa com um plano muito incipiente, que vai se delineando mais claramente à medida que o estudo se desenvolve. Para André (2005), a pesquisa tem como ponto inicial uma problemática que pode ser traduzida em uma série de questões, em pontos críticos ou em hipóteses provisórias;

- *Delimitação do estudo*: uma vez identificados os elementos-chave e os contornos aproximados do problema, o pesquisador pode proceder à coleta sistemática de informações, utilizando instrumentos mais ou menos estruturados, técnicas mais ou menos variadas, sendo sua coleta determinada pelas características próprias do objeto estudado;

- *Análise e interpretação sistemática dos dados*: organização de todo o material coletado, separando-o em diferentes arquivos, segundo as fontes de coleta, ou arrumando-o em ordem cronológica. É a leitura e releitura de todo o material para identificar os pontos relevantes e iniciar o processo de construção das categorias descritivas.

Neste sentido, o estudo de caso foi utilizado com o intuito de observar como quatro famílias de alunos interagiram com o jornal em suas casas. A partir das observações, buscou-se compreender as implicações deste contexto específico no desempenho leitor do aluno.

2.1.1 Instrumentos de coleta de dados

Tendo em vista que o estudo de caso qualitativo busca retratar a realidade de forma complexa e profunda, o pesquisador pode utilizar instrumentos de coleta de dados que viabilize estudar o objeto de pesquisa por diversas evidências. De acordo com Gil (2002, p.140), “dada à natureza metodológica do estudo de caso, é sempre necessário que o pesquisador socorra-se a mais de um instrumento de coleta de dados, caso contrário, a qualidade da pesquisa fica comprometida”. Além disso, segundo Palma Filho (2004), o estudo de caso qualitativo é um tipo de pesquisa, que, diante do imprevisto, viabiliza ao pesquisador ser criativo, não se ater aos protocolos de pesquisa, podendo mudar os métodos de coleta de dados.

A seguir são apresentados os instrumentos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa:

Entrevista

A entrevista proporciona ao pesquisador interagir com os sujeitos da pesquisa, permitindo uma reciprocidade tanto de perguntas quanto de respostas. Segundo Yin (2005), as entrevistas constituem uma fonte essencial de evidências para os estudos de caso.

Por meio da “entrevista focada” proposta por Merton et al. (1990 apud YIN, 2005), os sujeitos da pesquisa devem ser entrevistados por um curto período de tempo, uma hora, por exemplo. Neste caso, a entrevista torna-se espontânea e assume o caráter de uma conversa informal, no entanto, é importante seguir um conjunto de perguntas preestabelecidas.

Nesta pesquisa, a utilização desse instrumento de coleta de dados deveu-se à necessidade de averiguar a situação inicial dos sujeitos envolvidos no estudo antes de começarem a receber o jornal em suas casas, ou seja, buscou-se conhecer seus hábitos de leitura e o conhecimento que tinham acerca do jornal. Desta forma, tanto os alunos (APÊNDICE A) quanto os seus responsáveis (APÊNDICE B), por meio de uma conversa informal, cerca de uma hora, responderam a um conjunto de questões previamente elaboradas, visando obter a maior qualidade possível de informação. Os resultados obtidos na entrevista são apresentados no Capítulo 3.

Documentos pessoais

Nas pesquisas qualitativas, documentos pessoais é o termo utilizado para se referir a qualquer narrativa feita em primeira pessoa que descreve as ações, experiências e crenças do indivíduo (PLUMMER, 1983; TAYLOR; BOGDAN, 1984 apud BOGDAN; BIKLEN, 1994). Este material nada mais é do que um texto escrito pelos sujeitos da pesquisa, relatando, segundo o seu ponto de vista, suas próprias experiências.

O objetivo de coletar este tipo de material é o de obter provas detalhadas de como as situações sociais são vistas pelos seus autores e quais os significados que vários fatores têm para os participantes (ANGEL, 1945, apud BOGDAN; BIKLEN, 1994). Os documentos pessoais podem ser os materiais que os próprios sujeitos escrevem.

Neste estudo, pediu-se aos sujeitos, no final da pesquisa, que relatassem por escrito sua experiência com o jornal, a fim de verificar a interferência desta realidade específica – o recebimento diário do jornal – segundo seus próprios pontos de vista.

Além disso, pediu-se aos professores das alunas, dentre todos, apenas para aqueles que ministraram aulas nos anos de 2005 e continuaram no ano de 2006, que relatassem por escrito respondendo a seguinte pergunta: “O professor observou mudanças no desempenho do aluno do ano passado para este ano?”.

Observação participante

A observação propicia o contato direto do pesquisador com o objeto estudado. Segundo André (2005), se a visão de realidade é construída pelos sujeitos, nas interações sociais vivenciadas em seu ambiente de trabalho, de lazer e na família, torna-se fundamental uma aproximação do pesquisador a essas situações.

A opção pela observação participante deve-se porque o pesquisador deixa explícito aos sujeitos da pesquisa, desde o início, os objetivos do estudo e a sua identidade. Além disso, segundo Denzin (1978 apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986) esse instrumento é uma estratégia de campo que combina simultaneamente a análise documental, a entrevista de respondentes e informantes, a participação, a observação direta e a introspecção. Envolve não só a observação direta, mas todo

um conjunto de técnicas metodológicas, pressupondo um grande envolvimento do pesquisador na situação estudada.

Desta forma, tendo por aparato esse instrumento de coleta, a pesquisadora aproximou-se do ambiente a ser pesquisado, ou seja, semanalmente, em dia e horário preestabelecidos, visitava cada família para observar, mediante uma conversa informal, como era a interação entre aluno-jornal; pais-jornal; família e jornal.

Os encontros não foram gravados, nem filmados para que as famílias se sentissem mais à vontade, possibilitando estabelecer uma relação de confiança, essencial para o desenvolvimento do trabalho. O objetivo era o de conhecer a interação da família com o jornal. Então, a pesquisadora fazia anotações durante os encontros, com a permissão dos sujeitos, tanto quanto possível, dos relatos que informavam sobre o uso do jornal, aspecto importante para conhecer o que ocorria em situações não presenciadas. Após os encontros, com a ajuda das anotações feitas no decorrer da conversa, redigia os relatos.

É importante salientar que as falas dos sujeitos citadas no corpo do texto não são fiéis, mas paráfrases, pois houve a preocupação em grafar o texto segundo as normas ortográficas e de sintaxe. Tal aspecto não prejudica os resultados do estudo, pois não é o foco principal do trabalho.

Em todos os encontros com as famílias, não houve um roteiro rígido a ser seguido, assim, partia-se sempre de uma pergunta ampla, do tipo: “Como vão as coisas?”, permitindo aos responsáveis falar inicialmente do que quisessem ou considerassem melhor ou mais importante.

Ao término de um encontro, já era marcado com o responsável o próximo para a semana seguinte, não havendo uma diferença maior entre as datas em que marcava as entrevistas de uma e outra família. A duração das reuniões variava em torno de uma hora.

Nos primeiros encontros, a pesquisadora verificou que as famílias apresentavam dificuldade de interagir com o suporte jornal, justamente por não conhecê-lo. Diante disso, tendo por instrumento de coleta a “observação participante”, a pesquisadora passou, então, semanalmente, além dos encontros, a sugerir atividades que buscassem auxiliar as famílias a lidar com o jornal impresso, a conhecer sua estruturação, favorecendo o manuseio.

Em relação à leitura, foram fornecidos objetivos: diariamente, pais e filho teriam de encontrar textos de seu interesse no suporte; depois da leitura individual, deveriam compartilhar do assunto lido com o outro, apresentando suas opiniões e debatendo sobre os assuntos. Com isso, relatariam à pesquisadora como foi a interação entre aluno-jornal, pais-jornal e família-jornal durante a semana. Este método possibilitou prosseguir com as coletas.

A seleção e a organização das atividades exigiram um trabalho de pesquisa minucioso. Primeiramente, realizou-se um levantamento bibliográfico nos livros Faria (2001); Faria (2006); Faria e Zanchetta (2002). A partir desta pesquisa, fez-se uma seleção das atividades que auxiliariam as famílias a adentrarem no jornal, ou seja, atividades que abrangiam especificidades dos componentes do suporte, e também desenvolvessem habilidades para a localização de informações específicas. No entanto, foi preciso adequar as atividades para os sujeitos que estavam envolvidos na pesquisa: pais e filhos. É importante salientar que os quadros utilizados para apresentação das atividades são adaptações de Faria (2001).

Os momentos de reflexão foram possíveis por meio do registro, por escrito, do que era ouvido, com anotações das situações mais significativas, bem como de suas análises. Todas as atividades conduziram ao único propósito: averiguar a interação entre família-jornal. Abaixo o leitor poderá observar as atividades propostas às famílias.

ATIVIDADE A: CONTATO COM O JORNAL E SEU MANUSEIO

Nesta semana, a família observará a primeira página do jornal, identificando os elementos que a compõem.

Escolha matérias da primeira página para ler. Identifique-as nas páginas internas do jornal. Leia, debata com a família e argumente sobre os motivos que o(a) levaram a ler.

OBJETIVOS:

- Conhecer os componentes da primeira página;
- Diferenciar título de manchete;
- Observar a disposição dos títulos e manchetes na primeira página e suas diferentes formas;
- Localizar a continuação das notícias da primeira página;
- Buscar informações precisas por meio do aspecto gráfico da página.

Quadro 1 – Atividade A.

ATIVIDADE B: CADERNOS

A família deve ter observado que o jornal é composto por cadernos. Na opinião da família, qual a finalidade deles? Observe nos jornais da semana, os cadernos que saem todos os dias e os que saem apenas em alguns dias da semana. Faça um quadro indicando: nome do caderno, dia da semana em que é publicado, letra que o precede e o assunto de que cada um trata. Escolha para ler e debater uma matéria de cada caderno.

OBJETIVOS:

- Aprofundar o conhecimento dos jornais mediante estudo dos cadernos e seções;
- Levar as famílias a conhecerem os diferentes cadernos que compõem um jornal e os dias da semana em que são editados;
- Conceituar de forma genérica o que é um caderno;
- Conhecer as seções de cada caderno;
- Encontrar assuntos de seu interesse.

Quadro 2 – Atividade B.

ATIVIDADE C: CHAMADA

CHAMADA encontra-se na primeira página do jornal. “Trata-se de um pequeno título e/ou resumo de uma matéria, com o objetivo de atrair o leitor e remetê-lo para a matéria completa, apresentada nas páginas internas” (FARIA, 2001).

Juntamente com sua família, escolha durante esta semana, diariamente, uma notícia da primeira página para ler. Nas matérias escolhidas:

- Identifique todos os elementos que fazem parte da notícia (foto, legenda, título etc.). Quais as formas que uma chamada pode apresentar?
- Identifique e leia a continuação da notícia nas páginas internas. Observe: Os títulos da primeira página e o da página interna são os mesmos ou mudam? Qual o título mais chamativo e o mais explicativo?
- Reflita com sua família sobre a importância da primeira página.

OBJETIVOS:

- Chamar a atenção da família para a mudança dos títulos da primeira página para os da página interna;
- Mostrar a importância mercadológica da primeira página;
- Aprender a localizar informações pontuais;
- Conhecer os diferentes elementos que podem estar presentes numa chamada;
- Encontrar indícios que caracterizam uma chamada.

Quadro 3 – Atividade C.

ATIVIDADE D: LIDE

LIDE “Torna possível, ao leitor que dispõe de pouco tempo, tomar conhecimento do fundamental de uma notícia e rapidíssima e condensada leitura do primeiro parágrafo. Sua leitura pode também ‘fisgar’ o interesse do leitor e persuadi-lo a ler tudo até o final” (FARIA, 2001, p.28).

Escolha diariamente para ler com sua família duas matérias. Identifique o lide das matérias e observe se ele responde as seguintes questões: Quem? O quê? Quando? Como? Por quê?

Observem em qual ordem as perguntas são respondidas. Na opinião da família, qual a importância do lide?

Depois de identificado o lide, divida o texto em blocos, por ordem de importância, grife as informações que poderiam ser cortadas caso a matéria precisasse ser reduzida, adequando ao espaço da folha.

OBJETIVOS:

- Conhecer os elementos que constituem os parágrafos iniciais de um texto de notícia;
- Conhecer as cinco perguntas que, na maioria das vezes, compõem um lide: Quem? O quê? Quando? Como? Por quê?;
- Fazer com que a família observe a ordem dos dados;
- Estimular a família a sintetizarem dados e a organizar idéias com mais objetividade;
- Conhecer as características próprias do texto notícia;
- Verificar comportamento característico de leitores de jornal.

Quadro 4 – Atividade D.

ATIVIDADE E: ASSUNTOS DE PREFERÊNCIA DA FAMÍLIA

A família deverá observar, no jornal da semana, quais são os assuntos de sua preferência e indicar aqueles que, por alguma razão, são rejeitados. Passos a serem seguidos:

- Leitura e discussão das matérias entre a família;
- A família indica o que lhe interessa ou não, justificando sua posição;

Anotam as conclusões para apresentação oral à pesquisadora.

OBJETIVOS:

- Despertar a curiosidade das famílias para os textos impressos;
- Estimular as famílias a encontrar preferências por assuntos tratados nos jornais e a indicação daqueles que são rejeitados por alguma razão.

Quadro 5 – Atividade E.

ATIVIDADE F: SUITE

Diariamente, a família observará os jornais seguindo os passos abaixo:

- 1º) Levantamento das principais notícias da primeira página e decisão de quais matérias serão acompanhadas durante a semana;
- 2º) Nos dias seguintes, procurar a seqüência do fato escolhido, ler, debater com a família e anotar quais foram as informações novas;
- 3º) No dia marcado, a família apresentará um resumo de fatos importantes daquele período que foram editadas na primeira página do jornal;

OBJETIVOS:

- Acompanhar notícias (mesmo assunto) durante uma semana;
- Promover interação e debate.

Quadro 6 – Atividade F.

ATIVIDADE G: MATÉRIAS QUE CHAMAM A ATENÇÃO

Cada pessoa da família irá escolher uma notícia do jornal que tenha chamado à atenção. Em seguida, irá fazer um comentário por escrito, livre a respeito da matéria escolhida. Cada um apresentará suas anotações oralmente aos outros, podendo concordar ou discordar. Encerrado o debate, as pessoas irão acrescentar ao seu comentário a opinião emitida por cada um dos participantes.

Nesta semana, a família escolherá as matérias de acordo com sua preferência. A aluna deixará o jornal em lugares onde outras pessoas tenham fácil acesso e então, observará os seguintes aspectos:

- Quem de sua família teve contato com o jornal?- Em que situação/lugar a pessoa teve contato?
- Quanto tempo a pessoa manteve contato com o material?
- Como foi a leitura da(s) pessoa(s)?
- Quem da família teve mais contato com o jornal na semana de observação?

OBJETIVOS:

- Verificar preferências por assuntos do jornal;
- Observar a interação entre: aluno e jornal; família e jornal; família, aluno e jornal.

Quadro 7 – Atividade G.

ATIVIDADE H: ESCOLHA DE MATÉRIAS

Nesta semana, individualmente, a família irá buscar no jornal, diariamente, uma matéria que considere que a outra pessoa da família não tenha conhecimento. Em seguida, irá contar sobre o que leu e anotar a reação da pessoa com quem conversou.

OBJETIVOS:

- Promover o debate sobre os assuntos do jornal.

Quadro 8 – Atividade H.

ATIVIDADE I: FOTOJORNALISMO E IMAGEM

A - Selecionar com a família, diariamente 2 fotos no jornal. Observar os seguintes aspectos:

TEMA: O QUE está sendo mostrado?

LUGAR: ONDE está acontecendo?

DATA: QUANDO?

PERSONAGEM (NS): QUEM participa do evento?

AÇÃO: COMO se dá o evento?

OBJETIVOS:

- Estimular a observação detalhada das fotos jornalísticas;
- Expressar oralmente e por escrito o que observa na foto;
- Encontrar a seção à qual pertence uma foto e seus créditos;
- Desenvolver estratégias para a leitura de textos específicos.

Quadro 9 – Atividade I.

ATIVIDADE J: CHARGES

Selecione com a família durante a semana quatro charges. Identifique no jornal textos (escritos) que tragam informações sobre elas. Na opinião da família, qual a intenção das charges?

OBJETIVOS:

- Observar a diversidade de linguagens existentes no jornal;
- Interpretar charges não apenas como ilustração, mas também como fonte de informação;
- Desenvolver estratégias para a leitura de textos específicos;
- Estimular a leitura de textos a partir dos desenhos.

Quadro 10 – Atividade J.

ATIVIDADE K: ACOMPANHAR UM ASSUNTO

A) Nesta semana a família deverá acompanhar um assunto que esteja em pauta no jornal.

No dia marcado com a pesquisadora, relatará como foi desenvolvida a atividade, quais foram as pessoas envolvidas e o que esta atividade acrescentou a cada um. Deverá ser entregue um relatório por escrito, seguindo a mesma fórmula do lide, acrescentando no último parágrafo a conclusão. Esquema a ser seguido:

1º) quem- o que- quando- onde- por quê?

2º) como

3º) conseqüências

4º) conclusão

B) Converse sobre este assunto com três pessoas e anote a opinião emitida por cada uma delas.

OBJETIVOS:

- Propor leitura de textos que não fazem parte do repertório de conhecimento da família;
- Promover interação e debate entre as pessoas;
- Oferecer aos participantes novos conhecimentos, atitudes e reflexões.

Quadro 11 – Atividade K.

ATIVIDADE L: ESCOLHER 3 MATÉRIAS RELACIONADAS A UM MESMO TEMA

Nesta semana, escolha matérias para ler e comentar com sua família. As matérias deverão estar relacionadas a um mesmo assunto ou tema.

Passos a serem seguidos:

- 1- Leitura individual do aluno e responsável;
- 2- Leitura coletiva das matérias escolhidas;
- 3- Converse com sua família sobre a matéria escolhida;
- 4- Escreva contando como foi realizada a atividade, os assuntos que surgiram, a opinião de cada uma das pessoas envolvidas nesta atividade, dentre outras coisas que você considerar importante relatar.

OBJETIVOS:

- Verificar como as famílias identificam as matérias relacionadas a um mesmo assunto/ tema no jornal;
- Aprender a localizar informações pontuais;
- Propiciar a interação familiar na leitura do jornal.

Quadro 12 – Atividade L.

ATIVIDADE M: MATÉRIA DESTAQUE

Observe com sua família:

- Quais foram as matérias, que em sua opinião, publicadas nesses dias, o jornal considerou mais importante? Leia e comente.

OBJETIVOS:

- Conhecer a organização do jornal;
- Promover interação entre família e jornal.

Quadro 13 – Atividade M.

ATIVIDADE N: MATÉRIAS PREVISÍVEIS E IMPREVISÍVEIS

Nesta semana, a família observará o jornal, identificando os acontecimentos que deverão ser publicados no dia seguinte (suíte). Acompanhe diariamente o jornal e verifique os assuntos publicados. Comente a respeito.

Identifique e leia as matérias que a família considera que eram previsíveis, faça o mesmo com as matérias imprevisíveis.

OBJETIVOS:

- Observar a interação aluno-jornal-família;
- Verificar a interação familiar no desenvolvimento das atividades.

Quadro 14 – Atividade N.

ATIVIDADE O: MATÉRIAS DE INTERESSE PESSOAL E HUMANO

Procure no jornal, matérias (três de cada) que apresentem as seguintes características, leia e debata com sua família:

- Interesse Pessoal
- Interesse Humano

Pesquise em sua casa: quantas pessoas procuram ler as notícias sobre as condições do tempo. Peça-lhes que esclareçam as razões de seu interesse.

OBJETIVOS:

- Promover interação e debate entre as pessoas da família;
- Oferecer novos conhecimentos, atitudes e reflexões.

Quadro 15 – Atividade O.

ATIVIDADE P: PRODUÇÃO DE NOTÍCIA

Escolha matérias para ler e conversar com outras pessoas da família.

Produza uma notícia da situação que a família está vivenciando: recebimento diário e leituras do jornal. A notícia será publicada no *Jornal Stillo*².

OBJETIVOS:

- Verificar leituras e interação entre a família;
- Observar como as características da notícia se mostram presentes em seus textos.

Quadro 16 – Atividade P.

Encerrada a coleta de dados e a partir do conhecimento adquirido acerca das observações, seguiu-se para a análise sistemática dos dados. Para tanto, mediante leitura e releitura de todo o material coletado, ou seja, entrevista com alunos e as famílias; documentos pessoais; registro das observações das atividades realizadas pelos alunos, individualmente e em interação com a família, constituindo em aproximadamente 20 atividades, e também, 50 horas de visitas a cada família, totalizando 200 horas de observação, foram formuladas as seguintes categorias descritivas: apropriação do jornal pela família; colaboração da família nas leituras; e impacto do jornal no desempenho leitor do aluno. As categorias descritivas são relatadas no Capítulo 4.

Diante dos referenciais explicitados, e seguindo os moldes da organização do estudo de caso, apresenta-se neste momento o caso, a partir do qual será possível refletir criticamente sobre os resultados obtidos por esta pesquisa.

² O Jornal Stillo é um espaço reservado à produção e à leitura de notícias escritas pelos alunos da escola CGS, a fim de verificar como eles percebem e se apropriam de textos do gênero jornalístico. A publicação do jornal realizava-se por intermédio do blog, cujo endereço é www.cleophania.blogspot.com.

2.2 Identificação da escola

A pesquisa desenvolveu-se na Escola Estadual CGS, situada em um bairro periférico da cidade de Assis, interior de São Paulo. A escola foi fundada em 23 de janeiro de 1976, resultado da junção de duas outras instituições: o Grupo Escolar “Prof^a. Cleophânia Galvão da Silva”, o qual deu o nome atual à escola, e o Ginásio Estadual “Prof. Léo Pizzato”. A escola atende um total de 530 alunos, predominantemente de famílias com nível socioeconômico baixo. Os alunos são procedentes de regiões periféricas da cidade, abrangendo a Vila Operária e as vilas circunvizinhas, tais como: Vila Souza, Vila Carvalho, Vila Silvestre, Vila Marialves, COHAB Assis III e IV, Vila Maria Isabel, Vila Nova Florínea, Parque Universitário, Vila Prudenciana, com uma minoria procedente da zona rural. A escolha desta unidade escolar deve-se ao fato de ser representativa de classes sociais que não possuem acesso ao jornal e também por estar em andamento nesta instituição o projeto LATEX. Outro fator foi a aceitação da direção e da coordenação em desenvolver o projeto com seus alunos.

2.3 Identificação dos sujeitos da pesquisa

No dia 30 de junho de 2005, para definir as famílias que participariam da pesquisa, solicitou-se à coordenadora da escola, Sonia Carneiro, a seleção de alunos de 8^a série. Para tanto, ela deveria seguir alguns critérios, como: frequência; baixo nível socioeconômico; comprometimento na participação, tanto dos alunos quanto das famílias; que não fossem destacados pelo bom ou mau desempenho; e que seu contexto social não propiciasse contato com o jornal.

A coordenadora indicou quatorze alunos. No dia 1 e 2 de agosto de 2005, em uma sala cedida pela direção, a pesquisadora selecionou os quatro participantes. Para tanto, foi investigado, individualmente, o interesse dos alunos em participar da pesquisa, o tempo que eles e seus responsáveis dispunham e a região da cidade que moravam, pois a distribuição do jornal não atendia a todos os bairros. Alguns aspectos interferiram no processo, eliminando assim dez alunos, sendo eles: resistência em participar; os responsáveis não dispunham de tempo, pois trabalhavam em período integral; alguns alunos moravam em bairros que não eram

atendidos pela rede de distribuição das empresas jornalísticas. Mediante esses critérios quatro alunas foram selecionadas.

No dia 5 e 6 de agosto de 2005, a pesquisadora estabeleceu os primeiros contatos com os responsáveis das alunas para investigar o interesse da família em participar. Os encontros foram marcados com certa antecedência. As alunas foram as mediadoras, conversando previamente com seus pais, agendando o horário.

A pesquisadora foi bem recebida por todas as famílias. Foi possível observar a satisfação dos pais pelo fato de receberem em suas casas uma professora-pesquisadora.

Nessas datas, os responsáveis ficaram cientes da proposta de trabalho que seria desenvolvida por um período de seis meses: leitura e discussão de textos do jornal entre a família. Os pais deveriam se comprometer em participar das atividades e receber, semanalmente, a pesquisadora.

Não houve resistência por parte das famílias. Mas todas demonstraram a mesma preocupação: saber se precisariam pagar pelas assinaturas dos jornais.

As quatro alunas participantes da pesquisa foram designadas por A₁, A₂, A₃, A₄. Respectivamente seus responsáveis (mães e pais) por: M₁ e P₁; M₂ e P₂; M₃ e P₃ e; M₄ e P₄. E suas famílias indicadas por F₁, F₂, F₃ e F₄.

De forma aleatória, definiu-se que A₁ e A₂ receberiam o *Jornal de Assis* e A₃ e A₄, o jornal *Folha de S. Paulo*. Os participantes começaram a ter contato com o jornal no mês de setembro do ano de 2005.

CAPÍTULO 3

CAMINHO PERCORRIDO PARA COLETA DE DADOS

Este capítulo apresenta as condições iniciais dos sujeitos da pesquisa antes de tomar qualquer contato com o jornal. A entrevista com as alunas foi realizada no dia 2 de agosto de 2005, durante o período de aula e teve por objetivos: traçar um perfil do aluno; verificar seus hábitos de leitura, e também, os conhecimentos em relação ao jornal. A entrevista foi, então, estruturada em três partes: a primeira visou identificar a idade, com quem morava e o bairro, como se via na escola e as expectativas para o futuro; a segunda procurou observar os hábitos de leitura e preferências por programas televisivos; já a terceira apresentou o conhecimento da aluna sobre o jornal (APÊNDICE A). Em seguida, foram expostas as entrevistas com suas respectivas famílias, realizadas nos dias 5 e 6 de agosto de 2005, apresentando o seu contexto socioeconômico, o conhecimento que tinham sobre o jornal e suas práticas de leitura (APÊNDICE B).

3.1 Entrevista com as alunas

3.1.1 Perfil das alunas

Aluna A₁

A aluna A₁ tem 14 anos e cursa a 8^a série do Ensino Fundamental. Não tem irmãos. Mora com seus pais na Vila Souza, bairro periférico da cidade de Assis. Seu pai trabalha como pedreiro e sua mãe é dona de casa. Fora da escola, ajuda a mãe na realização de alguns serviços domésticos e a cuidar de sua avó. Além disso, faz curso de espanhol, duas vezes por semana, no Centro de Estudos de Línguas - CEL. Pratica esportes como vôlei, futebol e queimada, mas fez questão de afirmar que é somente nas aulas de Educação Física, para não ficar sem nota, pois não gosta.

O lazer está associado à igreja, festas e aos finais de semana, ao Programa Escola da Família, projeto desenvolvido pelo Governo do Estado de São Paulo. Ela afirmou que a falta de dinheiro não oferece muitas opções de lazer.

Ao demonstrar sua opinião sobre a escola, apresentou os seguintes argumentos:

A₁- “Considero a escola razoável, mas muitas coisas estão fazendo, contribuindo para a sua melhoria, como o “Game Super-Ação” (nome do projeto desenvolvido pelo Programa Escola da Família), no qual os alunos envolvidos organizam projetos para melhoria da escola; organização de festas para arrecadar dinheiro para fazer reformas”.

Quanto às expectativas para seu estudo, afirmou querer terminar o colegial e fazer faculdade, mas não sabe ao certo qual carreira seguir, acrescentou que pensaria melhor no futuro.

Aluna A₂

Cursa a 8^a série do Ensino Fundamental e tem 14 anos. Mora na Vila Operária com seus pais e uma irmã de 10 anos. Seu pai é autônomo e sua mãe dona de casa; mas, quando solicitada, presta serviços domésticos em outras residências.

O hábito de sair é pouco freqüente na família. Nos momentos de lazer, fazem caminhadas em área pública denominada popularmente de “Parque Buracão”, e, às vezes, vão à igreja. Afirmou gostar de jogar vôlei na escola e na rua. Fora da escola freqüenta o curso de alemão oferecido pelo CEL e revela a expectativa de poder ir à Alemanha:

A₂- “O interesse pela língua alemã surgiu, porque meus tios moram na Suíça. Até chegar lá demora, mas vale a pena”.

A aluna ajuda nas tarefas domésticas e também busca a irmã na escola, quando necessário. Não participa de atividades desenvolvidas pela escola: *“me convidaram para participar da rádio da escola, mas não me interessei. Fiz por um tempo aula de pintura no projeto Escola da Família, mas não freqüento mais”.*

Quanto à escola, argumentou:

A₂ - *“É importante porque meu pai parou de estudar na 6ª série e hoje o estudo faz falta. Meu tio fez faculdade e é professor de inglês, eu também tenho vontade de fazer universidade para dar aulas de inglês”.*

Para a aluna o acesso ao trabalho é garantido por meio dos estudos: *“quero terminar o colegial, acredito que, se eu estudar terei um bom emprego”.* Acrescenta que a família sempre a incentiva.

Aluna A₃

A aluna tem 14 anos e cursa a 8ª série do Ensino Fundamental. Mora com sua mãe e dois irmãos mais velhos na Vila Souza. O pai é comerciante e a mãe dona de casa. Apesar dos pais serem separados, o pai está sempre presente nas atividades familiares.

Ao saber que seria entrevistada, a aluna fez questão de salientar que participava do curso “Desenvolvimento Pessoal” oferecido pelo Centro Brasileiro de Cursos - CEBRAC. Em sua opinião, o curso oferece subsídios à pessoa que se preocupa em saber como se comportar em uma entrevista de emprego e a organizar currículos. Explicou que a avó ganhou o curso por intermédio de uma promoção no supermercado e lhe presenteou. A₃ demonstrou ser comunicativa e interessada em participar da pesquisa.

As atividades de lazer estão relacionadas à igreja. Disse que outras atividades são difíceis, pois como o pai e os irmãos trabalham, não era possível conciliar o horário.

Afirmou considerar a escola *“legal”, “boa” e “segura”.* A aluna atentou para a importância da escola na sua formação: *“A escola faz diferença na minha vida porque estou aprendendo”.* Já quanto ao futuro, explicitou: *“Quero ficar bem inteligente para poder entrar na faculdade. Sei lá, quero ser alguém na vida”.*

Aluna A₄

Também com 14 anos e cursando a 8ª série do Ensino Fundamental. Mora na Vila Operária com sua família: mãe, pai, irmã (9 anos) e irmão (12 anos). Sua mãe é dona de casa e seu pai trabalha na pedreira da cidade. Desde o início da entrevista, apresenta ser bastante tímida: fala baixo e mal olha para a pesquisadora. Fora da

escola, ajuda a mãe nas tarefas domésticas e passa a maior parte do tempo assistindo à televisão.

Ao falar sobre os hábitos de lazer da família, destacou a igreja e passeios na casa do avô aos domingos. Em relação aos eventos da escola, afirmou:

A₄- “Não me considero participativa dos eventos da escola. Vinha na Escola da Família aos finais de semana, mas parei, porque os meus pais saem e eu vou junto”.

A opinião em relação à escola se restringe a *“legal, importante, gosto muito”*. Em relação ao futuro disse que pretende terminar o colegial e trabalhar.

Nesta primeira parte da entrevista, buscou-se fazer uma descrição traçando o perfil das quatro alunas. Aspectos que podem ser destacados:

- Baixo poder aquisitivo;
- O contexto social não oferece muitas possibilidades de lazer;
- Acreditam que o estudo trará oportunidades de emprego e melhores condições de vida;
- Ausência de argumentação, por exemplo, ao pedir a opinião sobre a escola, A₁ apontou aspectos relacionados à sua estrutura física; A₂ a melhores condições de vida; A₃ superficialmente remeteu à aprendizagem; e A₄ restringiu sua resposta a “legal”, “importante”, “gosto muito”. Em nenhum caso fizeram referência ao ensino-aprendizagem, ou se aprofundaram em suas respostas.

3.1.2 Situação inicial das alunas em relação às práticas de leitura e preferências por programas televisivos

Nesta segunda parte da entrevista, buscou-se avaliar as práticas de leitura das alunas e suas preferências por programas televisivos. Para tanto, foram elaboradas especificamente as questões de 5 a 9, as quais podem ser visualizadas no “Roteiro de entrevista com os alunos-sujeitos da pesquisa” (APÊNDICE A). A partir das respostas obtidas nas entrevistas, os dados foram organizados em forma de quadros para uma melhor comparação das informações. O leitor poderá

visualizá-los no APÊNDICE C. Neste momento, são apresentados os resultados das entrevistas com as alunas.

Primeiramente, observou-se o interesse das alunas pela leitura. À pergunta, “*Você gosta de ler?*” (Quadro 1), apenas a A₃ respondeu negativamente.

Na busca de conferir os materiais que gostavam de ler, frequência e os objetivos em suas leituras, fez-se a seguinte pergunta: “*O que gosta de ler? Com que frequência você lê?*” (Quadros 2 e 3).

Frente a essa indagação, a A₁ e A₂ responderam gostar de livros. No entanto, neste ano, coincidentemente as duas leram apenas um, A₁ não recordava o nome e A₂ citou “*A Princesa Vampira*”, emprestado da biblioteca por sua irmã (10 anos). Acrescentaram ainda que, no ano anterior, tal prática estava associada à realização de trabalhos da disciplina de língua portuguesa e raramente faziam empréstimos na biblioteca; A₃ contou que gostava de piadas, poesia e romance, mas a sua leitura não era habitual. Lia apenas quando havia necessidade de fazer trabalhos; e A₄ afirmou gostar de revistas e jornais. Quando questionada a respeito do lugar que tinha contato com esses materiais e dos objetivos, respondeu emprestá-los de sua vizinha para ajudar os irmãos em trabalhos escolares. Disse ainda que, no ano passado, seu contato com os livros era mais intenso, pois a professora tinha o hábito de pedir leitura de livros para nota.

Isso demonstra que, apesar de três das alunas afirmarem gostar de ler, não liam. Tal aspecto é evidenciado em suas respostas. Em todos os casos, essa prática não era uma atividade habitual. As alunas não possuíam autonomia para realizarem leituras desvinculadas das práticas escolares e nem, com a exceção de A₃, tinham familiaridade para indicar os gêneros textuais de que mais gostavam. Os materiais que afirmaram gostar eram os sugeridos pelo professor na escola e os seus objetivos se restringiam à realização de trabalhos.

Nas respostas coletadas, não houve indícios da oportunidade de leituras diárias no contexto familiar, tampouco referência à família como a responsável. Com esse dado pode-se inferir que, tanto o baixo poder aquisitivo quanto a falta de orientações aos pais no sentido de mediar as atividades de leitura de seus filhos, acabam interferindo na ausência dessas práticas.

É claro que não se pode afirmar que indivíduos menos favorecidos, pelas suas condições sociais, não apreciam e não valorizam a leitura. Basta lembrar das pessoas com poder aquisitivo razoável que não são exemplos de verdadeiros

leitores. Ou ainda, crianças e jovens, alunos de escolas bem conceituadas, filhos de pais intelectuais, freqüentadores de livrarias e bibliotecas, que nem sempre se apresentam como aqueles que cultivam o gosto e o prazer pelas histórias dos livros ou o interesse pelas informações contidas em jornais e periódicos.

No entanto, sabe-se que as condições de acesso à leitura, a variedade de materiais e as situações de interação são mediadores importantes na formação de indivíduos leitores. Não se pode esquecer que, sem o chamado ambiente letrado, dificilmente se resolve o problema da falta de leitura e da formação de indivíduos leitores.

Para os sujeitos da pesquisa, a escola é o único espaço que viabiliza o acesso ao mundo da leitura. No entanto, a partir dos dados coletados constatou-se que as situações de leitura estavam diretamente associadas à realização de trabalhos escolares. Tais aspectos demonstram que a leitura, para as alunas, não denotava prazer, busca de conhecimento e informação, compreensão, mas sim uma atividade com fins utilitários: trabalhos escolares.

Esses dados revelam a importância da pesquisa que ora se apresenta: avaliar a relevância da colaboração da família no despertar do interesse dos filhos pela prática de leitura e verificar a possibilidade da parceria escola-família na formação de sujeitos leitores. Ao colocar em contato as famílias com o jornal, estar-se-á oportunizando situações de usos significativos da escrita, alicerçadas no real. Nessas condições, ler é atribuir sentido, é questionar, levantar hipóteses e verificá-las.

Ao investigar o contato das alunas com a televisão, verificou-se que, das quatro entrevistadas, todas tinham contato (Quadro 4). A₁, A₂ e A₄ dedicavam grande parte de seu tempo na frente desse veículo de comunicação. Tal aspecto é decorrente do lazer acessível, considerado o baixo custo que a televisão oferece. Os programas preferidos pelas alunas eram as novelas e filmes (Quadro 5). Apenas A₃ respondeu que naquele período não estivera em contato com a televisão, pois o aparelho de sua casa estava queimado, mas antes desse episódio, freqüentemente.

Diante disso, constata-se que a formação das alunas estava restrita a uma abundância de sugestões por parte das mídias (MARTINS et al., 2003), visto que seu contexto social não oferecia inúmeras possibilidades de lazer, relações pessoais, de futuro e de conhecimento.

3.1.3 Conhecimento do suporte jornal

Em relação ao conhecimento sobre o jornal, foram elaboradas três questões, de 10 a 12 (APÊNDICE A). De início, as alunas se depararam com as seguintes perguntas: *“Onde tem contato com o jornal? Para quê?”*; *“Quais assuntos você gosta de ler no jornal?”*; *“Você tem conhecimento de como é estruturado um jornal?”*. As respostas a essas perguntas encontram-se na íntegra nos quadros 6, 7 e 8 (APÊNDICE C).

Em relação à primeira pergunta, A₁ respondeu considerar o jornal importante, porque trazia várias notícias e mantinha as pessoas informadas. Disse que, na época das Olimpíadas, a professora pediu um trabalho e foi o jornal, emprestado do tio, que a auxiliou em suas pesquisas. Em sua resposta, A₂ também apontou o suporte como legal e importante, disse ainda que quando a irmã e/ou prima pediam a sua ajuda para realizar trabalhos escolares, emprestava de um parente, mas em relação aos seus próprios trabalhos, o utilizava ocasionalmente. A₃ comentou que gostava de ler notícias e se interessava por propagandas de cursos, acrescentou que, às vezes, seu pai comprava jornais de anúncios e levava para a família ler. E A₄ respondeu apenas “gosto”, comentou que uma vizinha e sua tia assinavam e, quando necessário, pedia emprestado. Nota-se em todos os casos, a leitura associada à realização de trabalhos escolares e não a uma prática diária de busca de informação e conhecimento.

Diante das respostas explicitadas, pode-se observar que de uma maneira ou de outra, todas já tiveram contato com esse veículo de informação. Porém, seu contexto social nunca propiciou um contato intenso e diário, visto que as respostas ficam restritas a: “gosto”, “interessante”, “importante” e “legal”. Quando a pesquisadora perguntou o porquê de “gostar”, de achar “interessante” e “legal”, não conseguiam argumentar, não aprofundavam suas respostas. A₃ não indicou um assunto ou uma seção específica do jornal, disse apenas gostar de ler propagandas de cursos, talvez por ser “o jornal de anúncios”, comprado pelo pai, sua única referência. Já as outras alunas não fizeram nenhuma referência a aspectos específicos. Tais indícios comprovam a falta de familiaridade com o suporte. Apesar disso, não descartaram a importância da leitura e reconheceram que o veículo contribui com as atividades escolares, visto que na realização de seus trabalhos recorrem ao suporte.

Portanto, o jornal não fazia parte do contexto das alunas. Elas nunca vivenciaram a expectativa de, logo pela manhã, receber o jornal em suas casas. Ou ainda, participar de conversas e tecer comentários sobre as manchetes do jornal com a família nas atividades cotidianas. Comportamento característico de leitor, como por exemplo, espalhar as folhas do jornal pela casa, folhear os cadernos à procura de um texto específico, como histórias em quadrinhos, resumos de novelas, horóscopo, previsões climáticas, notícias do mundo, entre outros; não faziam parte de seus repertórios de conhecimento.

Ao serem questionadas sobre a forma como o jornal era estruturado, as respostas foram às seguintes: A₂ e A₄ responderam que sabiam um pouco, mas nunca utilizaram o jornal na escola; A₁ disse que, no ano passado, usou o jornal na escola, mas não se lembrava de como era organizado; e A₃ disse que não tinha conhecimento sobre a sua estruturação. Evidencia-se, assim, que o contato das alunas com o jornal não acontecia nem nas suas casas nem na escola.

Os resultados obtidos nas entrevistas demonstraram a importância de familiarizar os sujeitos da pesquisa com esse mundo da escrita. Era preciso que conhecessem a estrutura do jornal e as suas características próprias, para que pudessem adentrar facilmente neste meio de comunicação em busca de informações.

De acordo com os autores que fundamentam o estudo, a formação de um leitor competente perpassa pelo conhecimento da estrutura, ou seja, a forma como o texto é escrito. (FOUCAMBERT, 1994; JOLIBERT, 1994; KLEIMAN, 1989; SMITH, 1989).

3.2 Entrevista com as famílias

A entrevista com as famílias mostrou dados relevantes sobre seu contexto social e de que modo a leitura estava presente na vida familiar. Em três famílias, a pesquisadora era aguardada pelas mães e seus filhos. No entanto, houve a preocupação de explicar que o pai estava ausente devido ao seu trabalho. Somente na família de A₃ o pai participou da entrevista.

Primeiramente, será apresentado o perfil socioeconômico das famílias, utilizando-se as Tabelas 1, 2 e 3 (APÊNDICE D), compostas pelas respostas dos

responsáveis. O mesmo esquema será utilizado para mostrar seus hábitos de leitura.

3.2.1 Perfil socioeconômico

Neste primeiro contato, a pesquisadora constatou que o núcleo familiar dos participantes, caracterizava-se pela seguinte estrutura: o papel fundamental de chefe da casa é representado pelo pai, enquanto que a responsabilidade das mães fica restrita a cuidar da casa e dos filhos. Quando questionadas sobre quem estava mais preocupado com a educação dos filhos, duas mães responderam que ambos, e as outras duas disseram que eram elas, pois passavam a maior parte do tempo com os filhos. Entretanto, hesitaram e acrescentaram:

M₂- “Não que isto signifique que o meu marido se preocupe menos. Ele não é muito de ficar em cima dos estudos das filhas”;

M₄- “O pai não gosta que eles falem”.

O baixo poder aquisitivo das famílias ficou comprovado pela observação de suas moradias, que são consideravelmente humildes. Das famílias entrevistadas: F₁, F₃ e F₄ possuem casas próprias e F₂ mora em uma casa emprestada (Tabela 1). A baixa renda familiar foi comprovada pelos salários que variam entre 1-3 salários mínimos (Tabela 2).

Apesar de apresentar baixo poder aquisitivo, as quatro entrevistadas possuem televisão e rádio; duas têm vídeo cassete e uma tem computador. Tais fatores podem ser explicados pela necessidade criada pela mídia e a facilidade de consumo que o mercado proporciona. É importante salientar que a família que possui computador está com sua televisão queimada e sem previsão de conserto (Tabela 3).

Ao perguntar às famílias, qual o grau de escolaridade elas almejavam para seus filhos, essas projetam nas filhas as expectativas que não conseguiram alcançar: terminar os estudos e ingressar na faculdade. Acreditam que chegar à faculdade é a chance de ter um futuro melhor e diferente dos pais. Em geral, a

tendência mais observada foi a de que o estudo possibilita a aquisição de um emprego melhor, ou ainda ascensão social:

M₁- *“Quero muito que a minha filha chegue à faculdade e vou me esforçar para que isto aconteça. Acredito que, com o ensino superior, as chances de emprego são maiores”;*

M₂- *“Quero muito que a minha filha faça faculdade. Esse é o meu sonho. Acredito que, para ter um bom emprego, é necessário estudo. Hoje, percebo que os estudos fazem falta para mim e para o meu marido para encontrar serviço”;*

M₃- *“Quero muito que faça faculdade, para não ter que depender do marido”;*

M₄- *“Desejo que ela faça um curso técnico e depois o curso de psicologia”.*

Observou-se que o hábito de sair é pouco freqüente entre as famílias, as atividades de lazer são restritas à igreja, caminhada no Parque Municipal e visitas familiares. As filhas têm o hábito de acompanharem a família e, ocasionalmente, saem sem os responsáveis. Neste primeiro diagnóstico das famílias, fica evidente que o nível socioeconômico dos sujeitos da pesquisa é baixo.

3.2.2 Utilização da leitura e o valor atribuído

Os dados referentes às declarações das famílias quanto aos seus hábitos de leituras, materiais que utilizavam para buscar informações e conhecimento sobre o jornal podem ser conferidos nas Tabelas 4 a 10 (APÊNDICE D).

Ao perguntar às famílias sobre suas práticas de leitura e materiais utilizados (Tabela 4 e 5), F₁ afirmou não ter. Sua mãe (M₁) disse que, às vezes, tinha contato com o jornal na casa de seu irmão. Segundo ela, nessas oportunidades, buscava informações a respeito de tudo, e acrescentou que sempre incentivava a filha a assistir telejornais para ficar informada sobre as notícias.

Já F₂ respondeu gostar de ler sobre profissões. Indicou como material de leitura, uma apostila do Centro Paula Souza, que ganhou no momento da inscrição para concorrer a uma vaga no curso técnico de enfermagem. A mãe (M₂) disse que a oportunidade de receber jornais em casa seria muito boa, pois um dos motivos que

a fez reprovar “no vestibulinho” do curso explicitado acima, foi a falta de leituras sobre a atualidade. Acreditava que o recebimento de jornais auxiliaria a filha a adquirir o hábito de leitura.

Segundo M₃, apesar de a filha não gostar, ela lia bem. A família falou que a televisão e o rádio atrapalhavam o hábito de leitura da filha. Às vezes, faziam a leitura da Bíblia com o objetivo de “*aprender cada vez mais*”. Quando perguntado se faziam sugestões de leituras aos filhos, a mãe respondeu “às vezes”. O pai demonstrou muito interesse pela pesquisa, para ele muitos assuntos tratados na escola não tinham ligação com a vida dos alunos: “*Muita coisa eu não sei o porquê de ensinar*”. A mãe disse que a filha era bem interessada e todas as oportunidades que surgiam (referindo-se à pesquisa), ela aproveitava.

Quanto à leitura, M₄ disse não ter o hábito de ler e nem de fazer sugestões à filha. Na fala da entrevistada:

M₄- “*No momento não, antes lia bastante. O serviço de casa ocupa muito do meu tempo, mas não reclamo, gosto de fazê-lo. Antes tinha uma vizinha que me incentivava a ler*”.

Sobre os hábitos de leitura da filha, M₄ afirmou que, quando retirava livros na biblioteca, trazia para casa e ficava até tarde lendo, principalmente os de poesias. Acrescentou que hoje, não tinha mais este hábito, ficava acordada até tarde, assistindo à televisão.

Na casa de F₁, a mãe sugeria à filha buscar informações nos telejornais. Baseado nisso, é importante observar que leitores freqüentes sabem que a mídia não se aprofunda em suas informações, não possibilita condições de se chegar às próprias verdades, não oferece liberdade de traçar seu próprio caminho na busca da real compreensão. Segundo Montezano (1997, p.64),

A tendência dos telejornais é escolher as notícias que vão ao ar e, de acordo com o grau de importância, elas são “escaladas” para que ocupem o tempo disponível. Se este não for suficiente, as “menos importantes” são cortadas, ficam para o próximo noticiário ou vão parar em arquivos.

Na fala de M₂, esta se mostra consciente da importância da leitura para atualizar-se, e também da necessidade de envolver a filha em atividades de leitura. No entanto, seu contexto não propiciava o acesso a jornais e revistas, materiais

esses, responsáveis pela inserção dos sujeitos nos contextos sociais atuais. A sua leitura estava restrita a um único livro, no qual a língua se apresentava de maneira desvinculada de suas condições de produção, de seus usos e funções reais.

Para M₃, a leitura estaria associada à oralização de um escrito, tal aspecto é evidenciado ao explicitar que a filha lê bem. Sabe-se que a decodificação é importante, mas não basta para que haja compreensão. A compreensão do leitor está relacionada também, e principalmente, à atribuição de sentido a um texto. Ela é considerada uma atividade interativa, justamente porque os sinais captados pelo olho interagem com o conhecimento de mundo do leitor.

No relato de M₄, notou-se a ausência de práticas de leitura no lar. Já a televisão mostrou-se um recurso constantemente citado como parte das atividades diárias.

A partir dos dados apresentados, verifica-se a necessidade de provocar nas famílias uma reflexão sobre o que é leitura, a partir de sua própria prática, para acabar de vez com as falsas noções que utilizavam como referências.

As famílias nunca assinaram um jornal. Ao terem que indicar um de sua preferência e assuntos de seu interesse (Tabela 6 e 7), as famílias da A₁, A₂ e A₃, responderam não ter preferências. No entanto, ao explicitar um assunto, M₁ relatou preferir notícias a esportes. E M₄ disse ouvir bons comentários sobre o jornal F.S.P., afirmando que seus assuntos preferidos eram “atualidades” e que do marido e do filho, “esportes”.

O contexto social dos sujeitos da pesquisa não propiciava o contato diário com o jornal. Tal aspecto foi confirmado ao não saberem apontar algum assunto de interesse deles, como é o caso das famílias F₂ e F₃; ou ainda, por responderem de maneira imprecisa, como pôde ser observado nas seguintes falas:

F₁- *“Prefiro notícias”*;

F₄- *“Gosto de ler sobre atualidades”*.

Tais aspectos confirmaram a não-familiarização dos sujeitos com o suporte, havendo necessidade de, no desenvolvimento da pesquisa, envolver as famílias com o material e com o seu uso, pois essas condições eram indispensáveis para adentrarem no jornal. É preciso que o leitor esteja familiarizado em suas leituras, com

o suporte por meio do qual os textos se materializam, viabilizando relações dialógicas com o meio.

Frente à Tabela 8, pode-se inferir que os sujeitos da pesquisa não assinavam o jornal, porque o contexto social que se inseriam apresentava-se como um obstáculo significativo: reduzida capacidade aquisitiva, o que mantinha o livro, o jornal e a revista na categoria dos produtos de consumo da elite (MELO, 1999).

Apesar de não assinarem o jornal, as famílias da A₁ e A₂ disseram ler o material na casa de parentes. Já para A₃ e A₄, o contato acontecia raramente em estabelecimentos comerciais e sempre que surgia alguma ocasião aproveitavam para dar uma “olhadinha” (Tabela 9). Este fato é importante, porque mesmo não tendo acesso diário, nas oportunidades vivenciadas, sentiam necessidade de manuseá-lo. Isso mostra que a leitura deve ser provocada nos diversos contextos de uso. Quando questionados se sabiam como está estruturado o jornal, todos responderam negativamente (Tabela 10).

O quadro delineado nas entrevistas com as alunas e seus responsáveis trouxe informações importantes. De imediato, destacam-se os dados referentes à falta de familiaridade dos sujeitos da pesquisa com o jornal, visto que o contato não acontecia nem na escola nem em sua casa. A capacidade argumentativa mostrou-se insatisfatória, provavelmente por causa da falta de repertório para avaliar o assunto e da ausência de práticas de leitura.

Portanto, há necessidade de colocar os sujeitos em contato com os gêneros textuais jornalísticos, e com o suporte. Quanto mais contato e conhecimento o leitor tiver em relação aos diversos gêneros, maior será a sua compreensão durante a leitura, pois tais aspectos interferem em suas expectativas em relação aos textos.

CAPÍTULO 4

A FAMÍLIA E O JORNAL

Neste capítulo encontra-se o foco principal da pesquisa: a interação dialógica entre família e jornal, que possibilitou análises e reflexões sobre a sua utilização na casa do aluno. O envolvimento dos sujeitos com o material foi acompanhado semanalmente pela pesquisadora, que teve por foco, em suas observações, os eventos de leitura julgados relevantes para o contexto da pesquisa.

Alguns recursos utilizados – entrevistas com as alunas e com todo o grupo familiar; observações do comportamento espontâneo dos indivíduos; relatos dos sujeitos que informavam sobre os usos do jornal como suporte de leitura; e também, produção de texto relatando sua interação com o material – permitiram delinear o que ocorria em situações não presenciadas pela pesquisadora. Os sujeitos, ao sentirem que suas experiências seriam valorizadas, não pouparam palavras, teceram comentários importantes sobre a sua interação com o jornal e sobre as pessoas que se envolveram nos eventos de leitura.

No decorrer dos encontros, a pesquisadora anotava os depoimentos dos sujeitos. Imediatamente, após as reuniões, redigia um texto relatando as observações, a partir das visitas domiciliares às famílias. Este incluiu falas dos participantes, descrições do ambiente e atividades que se realizavam ao longo da visita.

Essas atividades foram propostas, visto que tanto os responsáveis quanto os alunos não demonstraram nas entrevistas ter familiaridade com o suporte e também, porque na primeira semana de contato com o jornal, a falta de domínio foi evidente (tópico 4.1). As atividades tiveram por propósito facilitar as suas leituras e fazer com que adentrassem no suporte.

Como tais atividades não eram o objeto deste estudo, optou-se por não relatá-las separadamente, uma vez que apenas contribuíram para investigar e avaliar a interação entre a família e o jornal e as implicações dessa situação no desempenho leitor do aluno. Encerrada a coleta de dados, iniciou-se o trabalho de reflexão.

A partir de leituras e releituras de todo o material coletado surgiram as seguintes categorias: apropriação do jornal pela família; colaboração da família nas leituras; e importância da interação aluno - família - jornal. As categorias serão apresentadas levando-se em conta a teoria que fundamenta o estudo. Mas antes disso, apresentam-se as impressões de cada família a partir do primeiro contato com o material.

4.1 Contato inicial das famílias com o jornal

O trabalho com o jornal na casa das famílias se desenvolveu a partir da leitura diária das matérias publicadas. As alunas e seus responsáveis foram orientados a manuseá-lo de acordo com seus interesses. Deveriam ler textos e em seguida comentarem com as outras pessoas da família sobre o assunto que mais chamou a atenção. Na primeira semana de recebimento do jornal, a pesquisadora recolheu as suas impressões relacionadas ao contato com o suporte.

A leitura do jornal pode acontecer das mais diversas maneiras: ler apenas as chamadas da primeira página; folhear rápido para ter um apanhado geral das informações; encontrar o caderno de sua preferência. Cada leitor de jornal tem sua estratégia de leitura, a qual é definida de acordo com o seu interesse: pesquisa, entretenimento (horóscopo, cruzadinha, resumo de novelas, filmes da semana etc.), informação, entre outros. No entanto, as famílias que participaram da pesquisa, não tinham familiaridade com este meio de informação. As estratégias de leitura eram as mesmas utilizadas com os livros de literatura: leitura na íntegra, da primeira até a última página; páginas não eram saltadas e nem folheadas rapidamente. Assim, as duas famílias que receberam o jornal local não encontraram problemas em utilizar essa estratégia de leitura, visto que o seu conteúdo era pouco extenso comparado com o jornal de âmbito nacional. Este fato se comprova pela fala de M_1 “*leio o jornal inteiro, todo dia na hora que ele chega*”. No entanto, as duas famílias que receberam o jornal “Folha de S. Paulo”, ficaram preocupadas, pois não conseguiam ler na íntegra o conteúdo veiculado diariamente. Na reunião semanal, com cada família, as mães disseram:

M₃- *“Estou me sentindo perdida. Não estou conseguindo ler o jornal inteiro, ele é muito grande, não dá tempo. No lugar deste não posso receber um da cidade que é menor”?*

M₄- *“Não dá tempo de olhar tudo, estou espantada, não sei por onde começar com o tanto de coisas para ler”.*

Então, informou-se às famílias que um leitor de jornal tem liberdade nas suas leituras, ele seleciona assuntos de acordo com seu interesse: informar-se, divertir-se, procurar uma informação. Mas, outra problemática foi levantada: fazer os filhos lerem.

É possível inferir que as alunas não liam, porque além de não conhecerem a forma como é estruturado, o que acaba dificultando, não sabiam que um assunto do qual gostassem poderia ser encontrado nas páginas do jornal. Tinham um conceito preestabelecido, o que gerava desinteresse pelo material. Segundo as alunas:

A₃- *“Acho chato, só fala sobre política, é muito grande”.*

A₄- *“Via com um pouco de antipatia, preferia assistir na televisão”.*

Embora os pais não conhecessem a estrutura do jornal, se esforçavam para encontrar textos para ler e compartilhar com seus filhos. Na fala do P₃,

“Depois que o jornal passou a vir aqui em casa, estou exigindo que meus filhos leiam, eu estou sempre lendo”.

O uso de jornais na casa pelas alunas dependeu da colaboração e do entusiasmo dos responsáveis. Os pais apontaram ter o hábito de ler o jornal diariamente. Esse fato é relevante, pois ao presenciar exemplos de leitura em suas casas, as alunas podiam ter a oportunidade de se interessar pela leitura. Segundo Bakhtin (1986) é nas relações estabelecidas com os outros que ocorre a apropriação do objeto.

Os sujeitos irão se apropriar e fazer uso do material nas vivências de leituras compartilhadas, em contextos reais. Nas interações com o outro, durante a leitura, poderão perceber detalhes não identificados antes, estabelecer relações, divergir

quanto à interpretação. Esse divergir de opiniões mostra as diferentes interpretações conduzindo os leitores à construção de significados, ou seja, a compreensão.

Portanto, é de suma importância o desenvolvimento de projetos de pesquisas que valorizem as práticas de leituras inseridas em contextos reais, tendo a família como colaboradora, mediadora do processo. A leitura com essas características passa a ser um instrumento de inserção social.

4.2 Apropriação do jornal pela família

A formação do sujeito leitor perpassa pela familiarização com o material de leitura. Ao ter conhecimento de como é estruturado o jornal, conseqüentemente, o sujeito passa a conhecer os assuntos por ele veiculados e a encontrar com facilidade as informações de seu interesse.

O conhecimento e a familiarização estão estritamente relacionados à compreensão. O indivíduo que lê diariamente o jornal conhece as características dos gêneros textuais jornalísticos, e também, do suporte em que esses textos se materializam. Segundo Kleiman (1989), quanto mais conhecimento o leitor tiver em relação aos textos que entra em contato, maior será a sua compreensão. Por exemplo, o leitor de jornal que tem interesse pelos resumos das novelas, manuseia rapidamente as suas folhas, pois sabe que este texto é publicado em um caderno específico.

Tais aspectos facilitam aos indivíduos adentrarem no jornal; descobrirem assuntos de seus interesses; desenvolverem estratégias em suas leituras e, além disso, implica na compreensão. Assim, ao verificar que as alunas não liam porque não conheciam o material, o caminho encontrado foi o de familiarizá-las com o suporte, pois apesar de receberem diariamente, não davam muita importância.

Desta forma, foram propostas atividades entre os meses de setembro e novembro de 2005 e entre os meses de março e julho de 2006. Neste período foram realizados 26 encontros com as famílias. Entre os meses de dezembro e fevereiro, houve uma pausa nas assinaturas, acompanhando o período de férias escolar.

Neste momento, apresenta-se o relato de como as famílias, a partir das atividades desenvolvidas, foram se apropriando do suporte. Aponta-se para o leitor os indícios relatados pelos sujeitos da pesquisa, nos encontros semanais com a

pesquisadora, tanto em relação à aquisição de estratégias de leitura específica para o jornal, como as dificuldades e os conceitos preestabelecidos sobre o suporte. Tais aspectos foram detectados no depoimento dos sujeitos. Os relatos são referentes as seguintes atividades: a) Contato com o jornal e seu manuseio; b) Cadernos; c) Chamada; d) Lide. (tópico 2.1.1 - Instrumentos de Coleta de Dados).

FAMÍLIA 1

As pessoas envolvidas na atividade eram sempre as mesmas: mãe e filha. A família aguardava a pesquisadora na cozinha com todos os jornais da semana empilhados sobre a mesa. Quando questionadas sobre quem, além das duas, tinha acesso ao jornal, o pai foi citado. Explicaram que ele não participava dos encontros semanais, pois trabalhava e chegava tarde, mas colaborava em algumas atividades de leitura.

Eles procuravam ler matérias de interesse comum. Por exemplo, a mãe comentou que o marido tinha que passar pelo INSS e, como o órgão estava em greve, passaram a acompanhar esse assunto. Faziam atividades em grupo, envolvendo até mesmo o namorado da filha. Esse dado foi confirmado ao relatarem que em um determinado dia resolveram conferir se os resumos das novelas veiculados pelo jornal correspondiam, de fato, aos transmitidos pela televisão. A esse respeito pode-se inferir que a aluna estava experimentando práticas de leitura, em situações significativas e funcionais.

Em relação às estratégias utilizadas na leitura, verificou-se que a mãe continuava lendo o jornal inteiro, mesmo com as atividades propostas, não mudou a sua maneira de manuseá-lo. Um dado significativo é que estava se sentindo com mais assuntos para conversar e compartilhar com a filha. Ao dialogar, ao trocar idéias, a mãe aguçava algumas importantes capacidades para o bom desempenho da filha como leitora: argumentar, levantar hipóteses e verificá-las, relacionar e comparar. Portanto, mãe e filha estavam sendo beneficiadas pelo uso do jornal.

Ao contrário da mãe, a aluna passou a utilizar a estratégia aprendida: lia a primeira página selecionando assuntos de seu interesse, tais como: resumos de novelas, esportes, notícias policiais e da cidade. Ao notar as dificuldades do pai em

manusear o material, mostrou o caminho que ele deveria percorrer para encontrar assuntos de seu interesse, e a maneira como eram dispostos os cadernos. Isso fez com que passasse a não ler o jornal todo, folheava, atendo-se apenas aos “*destaques*” (títulos). Suas preferências eram pelos resumos das novelas e pelo caderno Classificados. Apesar de a filha tê-lo informado que esse caderno era publicado somente às 4ª feiras e sábados, ele insistia em procurar nos outros dias. Nota-se que os pais se esforçavam e davam exemplos de leitura no lar.

Durante a semana, todas as matérias que liam, anotavam em uma folha os seus títulos, data de publicação e página, facilitando, assim, sua apresentação à pesquisadora. No entanto, esqueceram de colocar as referências para a seguinte matéria: “Conti se aproxima da vaga no Nacional”. A filha, ao perceber que a mãe não localizava com facilidade, mas folheava todas as páginas e lia todos os títulos, argumentou:

A₁- “Mãe, as matérias sobre esporte vem sempre na última folha, não precisa ficar olhando o jornal inteiro”.

A partir do exemplo acima, é possível perceber que a aluna estava familiarizada com a estrutura do jornal. O contato diário e as atividades possibilitaram que adquirisse estratégias para adentrar no suporte. Além disso, praticava a cidadania, auxiliando tanto a mãe quanto o pai em suas leituras, transmitindo informações importantes. De acordo com Foucambert:

A troca oral e o diálogo direto desprendem o pensamento do ato que lhe dá existência e o transformam num objeto autônomo, que em troca cria a identidade do sujeito. Como ressalta Bakhtin “só me torno consciente de mim, só me torno eu mesmo ao me revelar ao outro, através do outro e com ajuda dele. Os atos mais importantes constitutivos da consciência de si, determinam-se por meio da relação com outra consciência (com um ‘tu’). (FOUCAMBERT, 1998, p. 46).

Diante disso, pode-se afirmar que o processo de conhecimento tem sua origem na dinâmica interativa, é por intermédio de outras pessoas que o sujeito estabelece relações com o objeto de conhecimento. Nesse processo, o contexto familiar viabilizou a relação sujeito - objeto - sujeito.

É importante salientar que o suporte não se limitava apenas às pessoas da casa, mas se estendia a outras. Diariamente, acontecia que, depois da leitura pela família, a avó materna vinha buscar o jornal para ler com seus filhos. Afirmaram que de segunda-feira ninguém o pedia emprestado, pois sabiam que, justamente nesse dia da semana, o jornal não era entregue. Segundo a aluna:

A₁- “Eles buscam o jornal porque querem prestar concurso e o jornal informa! Quando nos reunimos na casa da minha avó, o meu tio é o que mais fala sobre o que leu no jornal, um quer falar mais que o outro, se minha avó não vem buscar o jornal ele é quem vem. Se eu fosse professora obrigaria meus alunos a lerem! Sabe, eu prestei vestibulinho para estudar no Industrial e não passei, mas não foi por falta de capacidade, mas por falta de paciência de ler, agora estou lendo mais, pego livros na biblioteca. O jornal ajuda também!”

Neste depoimento, verifica-se indícios de que A₁ passou a se interessar pela leitura. Antes do recebimento diário do jornal, das relações dialógicas com a família, não reconhecia o seu valor. As reuniões familiares que descreve são de suma importância, pois como já explicitado anteriormente, os significados são construídos mediante o uso efetivo da linguagem nas atividades dialógicas.

A aluna relatou ainda que antes de conhecer o jornal, não compreendia o motivo pelo qual, uma pessoa dedicava parte de seu tempo na leitura “*daquele negócio só*”. Tais aspectos comprovam a necessidade de os sujeitos da pesquisa conhecerem o material. Como poderiam interagir, estabelecer uma relação dialógica com um suporte desconhecido?

Além de não o conhecerem, a família não sabia que o jornal informava sobre acontecimentos que envolviam seu contexto social, pois de uma maneira ou de outra, os fatos, as decisões que acontecem seja na sua cidade, seja no Estado, seja no país, implicam na sua vida pessoal.

O contato com o material propiciou aos sujeitos a apropriação dos aspectos gráficos e o conhecimento da estrutura do jornal. Tal aspecto é importante porque exercita, segundo Foucambert (1994), a “pilotagem”, isto é, o reconhecimento dos aspectos gráficos, como índices visuais necessários à antecipação da leitura. Ao se familiarizarem com o jornal, adquiriram habilidades fundamentais de leitores competentes. A partir disso, passaram a buscar a prática da leitura diária, sendo beneficiados com informações importantes de seu convívio social. Por exemplo, a matéria ‘Inscrições para as vagas de Nível Elementar do Regional estão abertas’

(27.06.06 - JA) informava sobre a abertura de um concurso. A família, ao ler o texto, compartilhou dessa informação com um parente que estava desempregado; 'Cidade realizará novo mutirão de mamografia' (17.05.06 - JA) conscientizou a mãe sobre a importância dos exames de prevenção; 'Postinho' (07.05.06 - JA) noticiava a abertura de um Posto de Saúde no bairro em que moravam, divulgando seus horários de funcionamento, bem como, os serviços prestados.

A família adentrou no suporte e percebeu que tratava de assuntos de seu cotidiano, de seu momento histórico.

Nos encontros, após a realização das atividades, propunha-se uma reflexão sobre o que haviam aprendido. Abaixo, o leitor, poderá conferir os depoimentos dos sujeitos sobre as quatro atividades propostas. Destacam-se os quatro termos jornalísticos e a definição dada pelos sujeitos.

PRIMEIRA PÁGINA	<i>“A primeira página nos ajuda a localizar melhor as notícias de dentro do jornal, porque indica a sua página. O resumo nos faz interessar mais pelas notícias”. (mãe) “Na primeira página aparece apenas o nome da matéria, a página, mas o nome do caderno não aparece!” (aluna).</i>
CHAMADA	<i>“Um pequeno comentário na primeira página sobre as matérias que estão dentro do jornal” (mãe).</i>
LIDE	<i>“Com o lide ficamos sabendo melhor das notícias: Como?, Quando?, O quê?, Quem? e Por quê?. O lide apresenta um resumo de toda matéria no primeiro parágrafo” (mãe e aluna).</i>
CADERNOS	<i>“Facilita na procura, pois tem as páginas. Quando estou à procura de um assunto, já sei onde encontrar com a divisão dos cadernos. Por exemplo, quando quero um assunto sobre esportes abro o caderno de esportes. Sabia que o caderno agronomia, classificados e social não vem todos os dias, tem os dias certos da semana” (mãe e aluna).</i>

Essas informações técnicas foram utilizadas pela família como conhecimento prévio durante suas leituras, favoreceram a apreensão do significado, contribuindo para a efetivação da leitura.

FAMÍLIA 2

Nos encontros semanais, a pesquisadora era aguardada sempre pela mãe e suas filhas. Ao questionar sobre assuntos de suas preferências, responderam ser: horóscopo e acidentes. Somente liam o caderno de Esporte quando tratava de matérias relacionadas ao time de basquete da cidade de Assis. A aluna afirmou que sua irmã gostava de ler os resumos das novelas, mas ela mesma não se interessava. Lia apenas, quando, por algum motivo, não assistia à novela. Já o horóscopo acompanhava diariamente. O seu pai tinha pouco contato com o material, pois trabalhava fora, mas sua preferência era por esporte. O jornal era recolhido diariamente pela avó que morava na casa da frente.

No início da pesquisa folheavam o material pela curiosidade, pois não o conheciam. Antes de recebê-lo, não tinham conhecimento da maneira como ele era estruturado. Segundo a aluna,

A₂- “Sabia que ele tinha separações, mas não muito bem. Tinha contato com jornais antigos, não me lembro o nome. O jornal não chamava muito minha atenção, mas folheava. Não sabia como encontrar as matérias, coisas mais específicas”.

Embora relate o contato com o jornal, e também, o seu uso para ajudar a irmã e a prima na realização de trabalhos escolares (tópico 3.1.3), o conhecimento mais aprofundado sobre suas características específicas, sobre os assuntos por ele veiculados não fazia parte de seu repertório. Tal aspecto comprova que a família nunca vivenciou o uso do jornal em situações significativas e funcionais. Até mesmo as atividades escolares envolvendo o jornal não o abordavam em sua complexidade, limitavam-se às “práticas de sistematização” que mais inibem do que criam verdadeiras situações de leitura.

A partir disso, comprova-se, novamente, a necessidade de familiarizá-los com o suporte, pois seu uso e sua função não faziam parte do conhecimento dos indivíduos. Para eles, o material denotava recortes de palavras, frases, imagens, trabalhos artesanais. O jornal apresentou ao cotidiano dos alunos situações reais e a partir do contato diário, passaram a apropriar e a desenvolver estratégias em suas leituras, comportamento esse de leitores autônomos. Segundo a aluna,

A₂- *“Minha mãe pega o jornal de manhã, folheia, lê os títulos das matérias, mas o texto todo, apenas das que chama a sua atenção. Quando chego da escola faço a mesma coisa. Depois, eu mostro para ela as que li e ela mostra para mim as que leu. Lemos o jornal todos os dias, sempre que comento sobre algum assunto, já está sabendo, porque ela lê antes de mim”.*

Além de manusear com mais facilidade o jornal, a família passou a se interessar pelas matérias publicadas. No entanto, continuavam não tendo contato com outros materiais de leitura.

Em geral, as matérias de seus interesses ficavam próximas do conhecimento de mundo dos sujeitos. Por exemplo, ao lerem “Três pessoas se ferem em batida na David Passarinho”, disseram que o título chamava a atenção, pois era um lugar próximo de sua casa.

Nota-se que as escolhas eram feitas considerando a proximidade do assunto com o seu contexto social. O interesse pela leitura decorria de fatores como a familiaridade e o envolvimento com a questão tratada, além do conhecimento mínimo sobre o tema (ZANCHETTA, 2002).

Comentaram que, com o recebimento do jornal e as leituras diárias, estavam se sentindo mais informados, com mais assuntos para conversar com parentes e amigos. No entanto, se sentiam mais à vontade para conversar sobre assuntos que tinham conhecimento. A consideração da família alude bem ao que Foucambert (1994) diz sobre as atividades de leitura. Para o autor, para que haja compreensão, é preciso que se saiba previamente bem mais do que consta no texto. O jornal é produto do meio social e, portanto, os sujeitos da pesquisa liam assuntos em que havia certa correspondência entre o conteúdo veiculado e os seus conhecimentos prévios.

À medida que se apropriavam do suporte, os elementos do jornal – cadernos, chamada, manchete, lide – passaram a fazer parte do conhecimento da família e a ganhar significado. A família definiu alguns termos, como pode ser observado no quadro abaixo:

PRIMEIRA PÁGINA	<i>“Na primeira página aparece a matéria mais importante do dia, ocupa um espaço maior no jornal, o título é grande. Às vezes, nós não concordamos com as que o jornal considera mais importante”</i> (mãe e aluna)
CHAMADAS-	<i>“As chamadas podem apresentar várias formas, tais como: apenas o título e a página; título e resumo; título, foto e legenda. Percebemos também, que o mais chamativo é o que está localizado na primeira página, despertando a curiosidade do leitor. E o mais explicativo está na parte interna do jornal”</i> (mãe e aluna).
LIDE	<i>“O lide ajuda o leitor a ficar informado mesmo que tenha pouco tempo”</i> (mãe e aluna).
CADERNOS	<i>“Dividem as matérias por assunto, facilitando ao leitor encontrar determinados assuntos. Por exemplo, minha mãe não gosta do caderno policial, quando lê o jornal ela não deve nem olhar. Os que mais gosto são: Cidades, diversão, apenas esportes não leio muito”</i> (mãe e aluna).

A partir disso, a família passou a transitar pelo jornal com um conhecimento diferenciado dos leitores que não têm essa informação prévia. A falta de conhecimento da maneira como o jornal se organiza e também dos assuntos que ele veicula fazia com que fosse rejeitado como material de leitura, não sentia prazer em manuseá-lo. Portanto, comprova-se a necessidade de conhecer a estrutura do jornal.

FAMÍLIA 3

Mãe e filha participaram de todos os encontros realizados no decorrer da pesquisa. Já o pai e os irmãos estiveram presentes em apenas alguns. Em algumas reuniões esteve presente um amigo da família.

Ao iniciar o recebimento do jornal, o pai, mesmo não morando na mesma casa que os filhos, e, não tendo o hábito da leitura, passou a exigir que lessem. Tal medida acarretou em problemas com a filha, a qual não lia as matérias, não conversava sobre os assuntos veiculados, apenas folheava o jornal. Um dos filhos se interessou, pois pretendia prestar um concurso e as leituras contribuiriam para a sua atualização. Nos encontros, recolheram-se algumas de suas impressões acerca do suporte: os assuntos do jornal são mais detalhados que do telejornal; as notícias

sempre retomam as informações anteriores. Acrescentou que, por estarem sem o aparelho de televisão em casa, estavam desatualizados.

Todos os dias, logo pela manhã, era a mãe quem recolhia o jornal e dava a primeira “*olhadinha*”. A aluna e a mãe se interessavam pelas histórias em quadrinhos, cruzadinha, receitas e horóscopo. O pai e os irmãos preferiam assuntos da atualidade, pois gostavam de se manter informados. Tanto a mãe quanto a filha utilizavam as mesmas estratégias durante a leitura: escolhiam as matérias a partir de seus títulos, ou ainda, por apresentarem uma imagem chamativa. Por exemplo, a imagem da matéria ‘Mulher fica 63 dias enterrada no Paquistão’ (14.12.05, FSP, A15) chamou a atenção da aluna, despertando o seu interesse pela leitura. A isso Faria e Zanchetta explicam:

Uma diagramação agradável favorece a leitura sem que haja muito esforço para decodificar os modos pelos quais o jornal se mostra, inclusive orientando o caminho da leitura. Para se ter uma idéia disso, basta dizer que, exceto em ocasiões específicas, um editor não coloca uma foto sobre determinado fato abaixo do texto noticioso correspondente, isto porque, como expediente e “entrada” no assunto, é mais comum que o leitor tenha a sua atenção voltada, de início, para a imagem, indo depois para o texto escrito (FARIA; ZANCHETTA, 2002, p.75).

Portanto, mãe e filha “entraram” no texto por meio da imagem. Esse aspecto é viabilizado pela diagramação do jornal que é pensada de modo a facilitar a decodificação dos leitores. Em muitos outros momentos, tal aspecto incidiu.

Em relação às leituras, observou-se que os textos escolhidos, em sua grande maioria, restringiam-se a assuntos do contexto familiar. Por exemplo, selecionaram a matéria ‘Equilíbrio em todas as fases’ (20.08.06, equilíbrio), porque tratava de um assunto do interesse pessoal da aluna: crescimento entre 13 e 19 anos.

Esse é um dado significativo, pois no início da pesquisa, a aluna não demonstrava nenhum interesse pelo material.

Tais indícios comprovam que a melhor maneira de desenvolver o gosto pela leitura é por meio de práticas significativas, em contextos reais. As pessoas tornam-se leitoras, segundo Smith,

[...] quando são engajadas em situações nas quais a linguagem escrita é usada de maneira significativa, assim como elas aprendem

a linguagem falada quando estão em contato com pessoas que usam a fala de maneira significativa (SMITH, 1999, p. 6).

Na época do recebimento do jornal, estava em pauta o retorno do astronauta Marcos Pontes, de sua viagem ao espaço. Sobre essa notícia a aluna disse que entendeu melhor lendo no jornal do que ouvindo nos noticiários televisivos, afirmando que a leitura trazia a compreensão dos fatos ocorridos. Tal aspecto deveu-se porque a aluna adentrou no texto com perguntas preestabelecidas e obteve respostas, sendo essa a condição necessária para o entendimento. Assim, a leitura passou a conotar atribuição de sentido.

Diante dos relatos feitos até então, pode-se perceber indícios de que as pessoas da família estavam se interessando e interagindo mais com o “novo” veículo de comunicação. Nos encontros semanais, observou-se que estavam mais familiarizados com a estrutura do jornal.

A família refletiu sobre a importância de elementos como, primeira página, manchete, lide e cadernos e passou a contar em suas leituras com esse novo conhecimento adquirido. Abaixo, relato dos participantes:

PRIMEIRA PÁGINA	<i>“Destaca algumas matérias dos cadernos do jornal”.</i>
MANCHETE	<i>“São as matérias que têm o tamanho da letra maior na primeira página. Algumas vêm junto com foto” (mãe e aluna).</i>
LIDE	<i>“Um leitor que não tem muito tempo para ler o jornal, lendo o primeiro parágrafo da notícia fica sabendo do que trata a matéria”. Responde às seguintes questões: quem, o que, quando, como, onde e por quê.</i>
CADERNOS	<i>“Cadernos têm a finalidade de separar as notícias por assunto. Por exemplo, se a pessoa quer saber sobre algum fato do Brasil, observa o caderno Brasil, cotidiano, se quiser saber sobre a bolsa de valores, olha no caderno dinheiro”. (mãe e aluna)</i>

FAMÍLIA 4

Nesta família, as pessoas que mais participavam das reuniões eram a mãe e seus três filhos. Aguardavam a pesquisadora em todos os encontros com os jornais

empilhados sobre a mesa do centro na sala. O pai não participava dos encontros semanais, pois estava no trabalho, mas não deixava de ler o jornal e de ajudar nas atividades. Tanto o pai quanto o filho se interessavam pelo Caderno Esporte. As preferências da mãe e da aluna coincidiam: ciências e saúde. A filha mais nova gostava dos resumos das novelas e lia para todos da casa. Ao ouvir o barulho do jornaleiro, levantava e corria ao encontro do jornal, até mesmo em um dia que estava doente. Tais indícios demonstram que a leitura passou a denotar prazer, atribuição de sentidos, aspecto importante à formação do sujeito leitor.

A mãe declarou que, antes de recebê-lo, tinha aversão ao material, preferia a televisão. Segundo ela,

M₄- “Antes eu via o jornal e não gostava, achava que era muita coisa. Antes do jornal chegar em casa nunca tive interesse, pensava assim: posso ver na televisão, mas hoje sei que aqui é bem mais explicado, a gente fica mais sabida”.

No início da pesquisa, a mãe folheava o jornal e separava as notícias que chamavam a sua atenção para os filhos lerem, pois eles não tinham interesse. A leitura da aluna ficava restrita às escolhas de sua mãe. Na fala da mãe: “*A₄ passou a ler as matérias que seleciono, parece que ela passou a gostar mais*”. Assim, ela era mediadora entre os filhos e o jornal.

Nos encontros semanais, era a mãe quem apresentava as matérias selecionadas. A filha apenas gesticulava a cabeça, não pronunciava nenhuma palavra, mesmo quando o questionamento era dirigido a ela. No entanto, passou a utilizar uma nova estratégia, pedia à filha que selecionasse as matérias. Na fala da mãe,

M₄- “Desta vez foi a A₄ quem procurou as matérias no jornal, depois sentamos para ler e conversar sobre as matérias. Eu a fiz ler junto comigo, depois teve que dar sua opinião, coisa que não faz sempre”.

Com isso, a aluna e seus irmãos adentraram no suporte e passaram a desenvolver suas próprias estratégias de leitura. Na escolha das matérias liam os títulos, tanto da primeira página, quanto os de dentro do jornal. Muitas matérias chamavam a atenção, então liam o lide e escolhiam as mais interessantes.

As atividades promoveram a “entrada” da família efetivamente no jornal, possibilitando o conhecimento do suporte e também dos diversos textos que o

compunha. Desmistificou a imagem sóbria que tinham desse veículo de comunicação. Portanto, cada um passou a trilhar seu caminho como leitor, escolhendo textos de acordo com seus interesses e necessidades.

As matérias escolhidas eram de fácil entendimento e de alguma forma relacionavam-se ao cotidiano da família. Por exemplo, a aluna escolheu: 'Dor nas costas é a 2ª causa de afastamento do trabalho' (23.04.06), pois seu pai reclamava sempre de dores nesta região. Esse assunto trouxe conhecimento à família, como se pode observar pelo depoimento abaixo:

“Descobrimos onde se localiza o nervo ciático! É muito interessante porque está relacionado com a nossa saúde. Aprendemos que existem vários tipos de tratamento”.

Os indivíduos comentaram sobre a quantidade de informações novas que passaram a ter acesso com as leituras diárias. O material trouxe oportunidades de realização de leituras efetivas e apresentou ao cotidiano dos sujeitos da pesquisa situações reais produzidas nas relações sociais. Segundo a aluna, o jornal fez com que a família se inteirasse dos acontecimentos que estavam ocorrendo no mundo, ampliando a noção de realidade social que permeava o seu cotidiano.

Abaixo, segue o quadro com as reflexões dos sujeitos acerca das atividades desenvolvidas:

PRIMEIRA PÁGINA	<i>“Nesta atividade observei que a primeira página é tudo, é importante, compõe o jornal inteiro, se não fosse a primeira página teria que folhear o jornal inteiro para encontrar uma matéria. A matéria da primeira página e a de dentro do jornal, o que muda é que a de dentro explica mais” (mãe e aluna).</i>
CHAMADA	<i>“A chamada pode ser apresentada na primeira página com uma matéria chamando o olho do leitor para outra matéria, para fazer com que ele leia as outras partes também, assim o leitor passa a ver as partes internas do jornal. Em outra parte apenas a matéria principal, quando é chamativa e interessa ao leitor, já nos leva para dentro do jornal” (mãe e aluna)</i>
LIDE	<i>“O primeiro parágrafo da notícia apresenta um resumo sobre o assunto tratado”.</i>

CADERNOS-

“Para separar o tipo da matéria. Por exemplo, as matérias da Copa saem no caderno Copa; já as matérias sobre o mundo saem no caderno Mundo; as de opinião, são as opiniões de diversas pessoas sobre assuntos diversificados; Brasil, são os assuntos que acontecem no Brasil; assuntos referentes à política saem tanto no caderno Brasil, como no Mundo, Dinheiro; Ciência, publicam pesquisas; Dinheiro, tudo que envolve dinheiro, economia; Cotidiano, ocorrências do dia-a-dia; Ilustrada traz novelas, cinemas, televisão, moda. Folhinha é direcionada para as crianças, desenhos, histórias em quadrinhos, brincadeiras; Classificados não leio; Folhateen, voltada para os jovens, olho um pouco; Informática, computador, vídeo game; Equilíbrio a maioria das matérias é sobre saúde, frutas, má alimentação” (mãe e aluna)

Portanto, como já explicitado, reitera-se a importância de familiarizar os sujeitos com o suporte em que os textos se materializam. Quando liam o jornal, a aquisição de informações a respeito de sua estrutura era resgatada pelos indivíduos, tornando, assim, a sua leitura mais dinâmica, selecionando rapidamente a informação desejada, aspectos esses necessários ao conhecimento prévio do leitor.

Comentários

A hipótese de que o aluno rejeita o material porque não consegue transitar por ele com facilidade foi confirmada. Ao aprender a interagir com o suporte, e também, ao descobrir que poderiam compartilhar com o jornal de assuntos de seus interesses, as famílias passaram a usar o material com a função social que lhe é própria.

As alunas, nesse momento da pesquisa, já estavam mudadas em relação às atitudes anteriores de leitura. A atividade promoveu a “entrada” das famílias efetivamente no jornal, possibilitando o conhecimento do suporte e também dos diversos textos que o compunham. Desmistificou o conceito preestabelecido que as participantes tinham do jornal, como se pode depreender de suas próprias falas:

A₁- *“Antes não tinha contato com o jornal então não interessava, eu não sabia que tinha colunas de esportes, novelas, cidades, e isso é bem legal! Eu não sabia nem como ler o jornal!”.*

A₂- *“Eu desde o início li o jornal, acho que pela curiosidade de nunca ter lido! Minha mãe está gostando bastante! Apesar de trabalhar fora, me ajuda bastante”.*

A₃- *“Quando o jornal começou a chegar em minha casa, pra falar a verdade eu não era muito ‘chegada’, e nem me preocupava em olhar. Com o passar do tempo, eu tive que me preocupar para fazer as atividades. Com a ajuda do meu irmão, eu percebi que aquele baita jornalão não era tão difícil assim de se ler e com o tempo fui aprendendo a lidar melhor com ele, e estou aprendendo até hoje. Antes apenas folheava e achava que tinha lido, depois o meu irmão passou a me ajudar, tinha paciência de folhear o jornal devagar me mostrando as matérias. Hoje, eu que procuro sozinha as matérias para o jornal mural, depois eu minha mãe e meu irmão lemos. Estou mais interessada, passei a ler, antes só folheava, descobri que tem vários assuntos interessantes, eu até achei o meu pai mais legal para conversar”.*

A₄- *“Antes de receber o jornal, eu não sabia tanto sobre o que estava acontecendo ao meu redor, e também como ele era. Agora que comecei a recebê-lo, vi como é importante, mas nos primeiros dias eu nem ligava muito para ler. Ao realizar os trabalhos comecei a ler e a gostar mais porque vi que nele existem muitas notícias importantes sobre o que realmente está acontecendo no mundo ao nosso redor. Hoje eu estou lendo mais!”.*

A cada encontro com as famílias, avanços foram percebidos em relação ao conhecimento da estrutura do jornal: manuseio, identificação dos cadernos e das matérias internas. Verificou-se que as famílias estavam empenhadas nas atividades, aguardavam a pesquisadora no horário marcado, com a atividade pronta, davam opiniões, argumentavam, incentivavam as filhas a lerem.

Dominaram a forma como o jornal se organizava, passaram a ter um comportamento característico de leitor. Utilizavam as estratégias aprendidas para encontrar assuntos de suas preferências e necessidades. Assim, seus interesses e objetivos passaram a direcionar suas leituras. O fato de utilizarem o jornal em suas casas, não tendo um tempo estabelecido, permitiu maior conhecimento sobre o suporte e maior liberdade nas leituras, pois podiam fazer suas próprias escolhas. Diante dos relatos feitos até então, percebeu-se indícios de que as alunas se interessaram pelo jornal, descobriram estratégias de leitura e passaram a interagir com novas informações. Verificou-se, ainda, que a aquisição desse novo conhecimento, não se restringe apenas às alunas, abrange também os seus familiares.

A aquisição de informações a respeito da estrutura complexa do jornal foi resgatada pelas alunas, como conhecimento prévio necessário para sua

compreensão no ato de ler. Assim, ao interagirem com as novas informações, acessaram seus conhecimentos prévios, atribuindo sentido ao texto.

A pesquisa confirmou que as práticas de leitura têm que estar centradas em contextos significativos, somente assim poderá fazer sentido ao leitor.

As escolhas dos textos pelas famílias ficavam restritas ao convívio social, não se vêem inseridas “num contexto de relações históricas”, mas em instituições e grupos próximos, como por exemplo: parentes, vizinhos, escola. Portanto, a partir das leituras dos sujeitos da pesquisa e de seus argumentos, verificou-se que transitavam ora pelo “Plano dos indivíduos”, ora pelo “Plano das redes interpessoais” e em algumas situações pelo “Plano das organizações”. Outros planos³ não foram observados.

Os sujeitos viram que por meio de suas leituras era possível obter variadas informações e que algumas delas estavam próximas de sua vida cotidiana. Assim, o que os impedia de adentrar no suporte, era a falta de familiaridade tanto da maneira de lidar com o material, quanto de conhecer os assuntos veiculados. Tal aspecto comprova que o cotidiano que as alunas se inserem não propicia a leitura de textos jornalísticos em contexto de uso.

4.3 Colaboração da família nas leituras

O uso de jornais na casa pelos alunos dependeu da colaboração e do entusiasmo dos responsáveis, pois mesmo não compreendendo a maneira como o

³ Na busca de verificar como se constituem as relações entre os sujeitos da pesquisa e o seu contexto, bem como identificar se a leitura do jornal e as discussões entre os integrantes da família proporcionam a ampliação dessas relações, tem-se por base uma possível gradação que auxilia no sentido de verificar as relações dos sujeitos quanto ao tempo histórico. A saber: Plano dos indivíduos: os indivíduos vivem predominantemente a experiência dos tempos individual; Plano das redes interpessoais: o indivíduo se põe situado em instituições e grupos próximos; Plano das organizações: neste plano, mais abrangente, o indivíduo consegue perceber-se como parte de organizações sociais capazes de mover ou transformar a vida; Plano dos sistemas: é o plano em que os alunos conseguem perceber os sistemas político, econômico e mesmo os recreativos; Plano da sociedade: neste plano, o indivíduo consegue perceber a sociedade como um todo, mas um todo dividido em conjuntos interativos. (ZANCHETTA, 2001, p.70)

material era organizado, mesmo não tendo o hábito da leitura, eles se esforçavam para ler e fazer seus filhos lerem. Essa atitude não foi fácil para as famílias, pois como explicitado nas entrevistas (tópico 3.2), desconheciam o suporte. No entanto, mesmo não o conhecendo, duas famílias desenvolveram estratégias para despertar o interesse dos filhos para a leitura:

M₃- *“Deixo o jornal próximo dos lugares que meus filhos ficam, no sofá, na mesa da cozinha para ver se eles pegam para ler. Já percebi que gostam de ver os signos, mas acabam dando uma olhada nas outras coisas”.*

M₄- *“Folheio o jornal todo, separando as matérias que acho interessante, depois passo para minha filha ler, mas acredito que um dia ela escolherá sozinha”.*

No início da pesquisa, a leitura dos jornais na casa das famílias era praticada pelas filhas, dependendo do apoio dos responsáveis para que isso ocorresse. Tal aspecto demonstra que as famílias podem vir a ser ótimas aliadas da escola, implicando positivamente no desenvolvimento leitor dos alunos. No início da pesquisa, os responsáveis não tinham interesse pelo material. Mas, mesmo pertencentes a um nível socioeconômico baixo e não tendo a leitura como prática cotidiana, liam, procuravam estratégias, pois demonstravam interesse pelo aprendizado dos filhos, e também, porque passaram a associar a leitura como fator essencial ao crescimento intelectual dos filhos. Portanto, configura-se aqui a importância de se instruir os pais sobre a maneira como mediar as práticas de leitura em casa, pois a falta de conhecimento gera práticas que mais inibem do que criam verdadeiras situações de leitura.

As famílias, a partir do recebimento diário do jornal, puderam se envolver em práticas inseridas no seu cotidiano, tais como: leitura do jornal durante as refeições; leitura da previsão do tempo para programar passeios; leitura do horóscopo, resumos das novelas; leitura de histórias em quadrinhos como parte importante de lazer ou do descanso. Essas práticas confirmaram que o comportamento dos pais em relação à leitura do jornal implica os indivíduos serem leitores, ou seja, que encontram prazer na realização da atividade. Tais aspectos atestam à afirmação de Foucambert (1994) quando este enfatiza que são as condições familiares que permitem tornar-se leitor.

Além disso, constatou-se que as atividades de leitura no lar implicaram mudanças nos responsáveis, visto que eles desenvolveram suas próprias

estratégias de leitura e passaram a se interessar pelo suporte. Tais constatações vêm ao encontro de pesquisas realizadas por Santos e Joly (1996) e Bortone et al. (2000), no tocante à “leitura conjunta”, em que afirmaram que os pais podem ser beneficiados neste processo, podendo melhorar na leiturização. Segundo o depoimento de P₃,

“Hoje estou mais interessado no jornal, me envolvi. No início não sabia nem como ler, estava acostumado com o jornal JNN (jornal de anúncios). Este é diferente, fala sobre tudo é outra coisa”.

Assim, acredita-se ser possível que pais possam ser mediados em suas atividades de leitura, tornando-se mais eficientes na mesma e capazes de utilizar, posteriormente, os recursos aprendidos na mediação das aprendizagens dos filhos em casa.

Em todos os encontros, a participação maior era da mãe, coincidindo com o que comumente ocorre em pesquisas nacionais e internacionais (BHERING et al., 1999). Elas liam o jornal diariamente com os filhos. Já as leituras dos pais não eram diárias. Com exceção de P₃ que, no início da pesquisa, teve um envolvimento muito grande, não faltando aos encontros, dando boas contribuições durante as discussões. Segundo a filha,

“O meu pai me deu uma boa ajuda, me acordava até mesmo nos domingos para lermos o jornal”.

O pai não participou durante todo o processo, fazendo com que a mãe, pela curta trajetória escolar, se mostrasse insegura nessa tarefa, sentindo-se quase incapaz de ajudar. Segundo ela *“ele explicava melhor”*. Para ajudar nas suas leituras pedia a outras pessoas, como vizinhos e amigos da família.

Indícios seguros de que o jornal era bem-vindo no meio familiar e tinha efeitos positivos foram apontados pelos responsáveis: M₁ colocou que o uso dos jornais no lar levou a filha a se interessar mais pela leitura; M₂ disse que se sentiam *“com mais assunto para conversar”*, pois estavam mais atualizados; para M₃, a presença do jornal diário na casa promovia maior interação entre a família; e M₄ declarou que estavam mais informados sobre os acontecimentos de seu país e do mundo. Todas

as famílias viram no jornal uma fonte de influência positiva, o que reforça a validade da parceria escola-família nos eventos de leitura. Sobre a filha, M₁ salientou, ainda,

“Ela está mais interessada lendo mais, pediu até para eu comprar livros para ela. Acredito que a culpa da não leitura dos filhos é dos pais. Se eu tivesse a cabeça que tenho hoje teria começado a ler para ela desde cedo”.

A presença do jornal na casa contribuiu de várias maneiras: permitiu o desenvolvimento do gosto pela informação; aumentou o conhecimento; trouxe mais facilidade para opinar, argumentar e escrever; e, também, permitiu aos sujeitos entenderem melhor os problemas de sua cidade, de seu país e do mundo.

A partir das vivências de leituras compartilhadas, da interação com o outro, os sujeitos perceberam detalhes não identificados antes, estabeleceram relações, divergiram quanto à interpretação. Esse entrelaçar de opiniões mostra as diferentes pistas de raciocínio que conduzem os leitores à construção de significados, aspectos esses, essenciais para a formação do sujeito leitor.

Portanto, a partir do relato dos sujeitos da pesquisa verifica-se a riqueza da relação dialógica propiciada pelas leituras do jornal na casa das famílias. O jornal trouxe informação e também interação nas famílias, oportunizando a construção do conhecimento. Para Bakhtin, é no fluxo da interação verbal que a palavra se transforma e ganha diferentes significados, de acordo com o contexto em que ela surge; sua realização como signo ideológico está no próprio caráter dinâmico da realidade dialógica das interações sociais.

A importância das atitudes de leitura, de questionamento e de realimentação diária de conhecimento por meio do jornal no lar é importante, pois além dos familiares serem padrões de leitura, esse contexto viabiliza atividades de leituras reais em contextos significativos. Em nenhum momento da pesquisa a leitura conotou decifração e oralização, ao contrário, por intermédio do contato direto com o texto, de uma necessidade real de leitura, os sujeitos atribuíam sentidos ao escrito.

A pesquisadora perguntou às famílias se elas sentiram mudanças em seu cotidiano a partir do recebimento do jornal. As respostas podem ser conferidas abaixo:

M₁-“Mudou a rotina da família, porque antes não líamos, agora ficamos ansiosos esperando o jornal, na 2ª feira o jornal faz falta. É muito bom receber o jornal porque quando sobra um tempinho, não tem nada para fazer pegamos o jornal para ler”;

M₂-“As pessoas quando contam uma notícia acabam aumentando, com o jornal ficávamos sabendo o que acontecia ao certo”.

M₃-“Tinha muitas coisas que não conhecia e tive acesso à informação por meio do jornal. “Ainda mais que aqui em casa não temos TV”.

M₄-“Fiquei pensando, é claro que muda, porque eu sabia conversar com meus filhos sobre os ataques do PCC. Tudo isso porque, eu lia no jornal. Sabe, o jornal vem com mais detalhes, do que o jornal da TV que fala também, mas não fixamos. A₄ melhorou no sentido de ler e transmitir. Hoje, não preciso separar mais as matérias para ela ler, seleciona sozinha. Acredito que está pegando mais confiança nela mesma, mudou bastante no sentido de falar”.

Tais aspectos demonstram que as famílias estavam se sentindo beneficiadas pelo recebimento do jornal, modificaram seu comportamento em relação à leitura do jornal. Os sujeitos da pesquisa descobriram mais um canal de comunicação e compreensão do mundo. As alunas, com a colaboração dos pais, souberam utilizá-lo como material de leitura, encontrando uma grande quantidade de informações, ampliando seu conhecimento de mundo.

É importante ressaltar que dois elementos contribuíram para os resultados obtidos na pesquisa: a escolha do material e a liberdade nas leituras. O jornal, por ser um material que apresenta uma grande quantidade de assuntos e gêneros textuais, despertava tanto o interesse das alunas quanto dos pais. Além disso, os pais eram livres para ler o material de acordo com o seu tempo e objetivos.

4.4 Impacto do jornal no desempenho leitor do aluno

Neste tópico, a atenção estará voltada para os eventos de leitura que aconteciam na casa das famílias. Juntamente com o trabalho de reconhecimento da estrutura do jornal, pais e filhos liam o jornal. Todos os dias, eles tinham que fazer a leitura do jornal e escolher um assunto para compartilhar com o outro. Todas as discussões e leituras feitas durante a pesquisa não serão aqui relatadas, pois se tornaria uma descrição muito extensa, visto que foram seis meses de estudo. Dessa

maneira, foram selecionadas as situações que mostram como as famílias e as práticas de leitura no lar implicaram no desempenho leitor das alunas. Um dado importante é que as alunas passaram a se interessar mais pelo material quando descobriram que assuntos de seus interesses podiam ser encontrados em suas páginas. Para tanto, foi necessária a familiarização com o suporte.

4.4.1 Leitura e compreensão

No início da pesquisa constatou-se que as quatro alunas se sentiam mais à vontade ao expressarem seus pensamentos oralmente. Apresentavam dificuldades em escrever seus argumentos, se posicionar criticamente sobre um determinado assunto. Tais indícios podem ser observados abaixo:

A₁- *“Prefiro responder de cabeça, porque conversando chego a conclusões”.*

A₂- *“Prefiro falar o que penso”.*

A₃- *“Tenho dificuldade de me expressar no papel”.*

A₄- *“Não consigo explicar por escrito, não posso ler”.*

Outro aspecto também identificado refere-se à argumentação. Elas tinham dificuldade de falar sobre os assuntos veiculados pelo jornal com os pais. Na maioria das vezes, recorriam ao texto e liam fragmentos inteiros, repetindo o que estava escrito. Sendo esse o estágio inicial de compreensão das alunas.

Nesse sentido, pode-se inferir que a leitura, para as alunas, não significava atribuir sentido ao texto, mas extrair o sentido do interior dele mesmo. Elas não compreendiam o que liam, pois quando há o entendimento, a pessoa consegue produzir oralmente um texto paralelo. Contar uma notícia que ouviu no rádio para o outro, ou ainda, resumir filmes e novelas é uma atividade que os sujeitos vivenciam diariamente, no entanto, não conseguiam expressar oralmente o que liam para os pais. Tal aspecto é decorrente da maneira como é tratada a linguagem nas práticas escolares: transmissora de informação; textos prontos à espera do leitor para extrair o seu sentido; compreensão associada à identificação de informações pontuais no

texto. Diante disso, compreensão, para as alunas, se associava à decodificação. Como já explicitado no capítulo 1, a decodificação é importante, mas não é garantia de compreensão.

O presente trabalho fundamentou-se no conceito de leitura como compreensão. A noção de compreensão está atrelada à concepção de linguagem que é produzida nas relações sociais dos sujeitos. Neste sentido, a língua é considerada como um fenômeno cultural, social, histórico e cognitivo que se materializa no uso. Por isso, acreditar que nas atividades de leitura o sentido não está pronto no texto à espera de um leitor para extraí-lo. O leitor tem o papel de co-autor, ou seja, durante as suas leituras as informações presentes no texto interagem com o seu conhecimento de mundo, resultando na produção de sentidos. Portanto, não é justificável buscar todos os sentidos no texto como se estivessem prontos. O texto não está pronto, ele se encontra aberto às diversas possibilidades de compreensão. O sentido é resultado da relação dialógica entre leitor e texto, por isso dizer que quanto mais conhecimento prévio o leitor tiver maior será a compreensão. Na hora de efetivar a leitura todos os conhecimentos entram em jogo: conhecimentos lingüísticos, sociais, históricos, também crenças e ideologias. E é a partir desses elementos que o sentido é construído. Compreender os textos não é uma atividade de recepção passiva, mas uma ação sobre os próprios textos.

Com o recebimento diário do jornal, buscava-se que as condições de leitura e compreensão se realizassem seguindo o que acontece comumente no dia-a-dia das pessoas, e que após a leitura houvesse a produção oral do texto para outras pessoas da família. Neste sentido, os pais colaboraram, pois diante das atitudes das alunas descritas acima, eles reagiam da seguinte forma:

M₁- *“Não precisa ler o que está escrito no texto, fala o que você pensa”.*

M₂- *“Você disse o que está escrito. Faz anotações e apenas lê não consegue falar sobre a matéria sem ler”.*

M₄- *“Fala o que você entendeu!”.*

As leituras diárias e as conversas entre a família, permitiram que as alunas transitassem dessa situação explicitada acima. Não se limitavam à decodificação,

liam o texto, selecionavam o que dizer e contavam com outras palavras o que estava escrito. No entanto, passaram a relacionar as informações veiculadas pelo texto com seus conhecimentos pessoais. Assim, a compreensão se restringia às suas experiências individuais, então, as escolhas das matérias a serem lidas limitavam-se ao universo que era próximo e concreto. Tal aspecto pode ser confirmado nos relatos abaixo. Para tanto, deu-se destaque às matérias lidas, e também aos comentários dos sujeitos da pesquisa.

FAMÍLIA 1

Bombeiros socorrem dois motociclistas acidentados com ferimentos graves (JA, 29.03.06, p.9).

A₁- *“O primeiro motivo de eu ter escolhido essa notícia é que minha mãe presenciou esse acontecimento, foi na esquina de casa, todos os vizinhos ficaram preocupados”.*

FAMÍLIA 2

Vereadores aprovam emendas ao orçamento para retorno do carnaval. (JA, 07.12.05).

A₂- *“Eu e minha família (mãe, e duas filhas) pensamos que com a chegada do carnaval na cidade, não só atrairia os moradores de Assis, como também os da região também. Poderíamos assistir ao desfile”.*

FAMÍLIA 3

Violinista de 13 anos vai estudar na Osesp (FSP, 31.05.2006).

A₃- *“O meu irmão quando era mais novo aprendeu a tocar com a mesma idade dele 6 anos, acho que ele deve ser da Congregação Cristã. Diz que ao invés de ficar no computador, prefere tocar violino. Quando ele era mais novo até irritava a gente”.*

FAMÍLIA 4

Pesquisa vê elo entre TV e crianças gordas (FSP, 08.12.05).

M₄- *“A TV incentiva as crianças a comer gorduras. Minha filha quando criança ficou com vontade de comer um chocolate que não existia ainda para vender em Assis”*.
A₄- *“A minha irmã sempre fica com vontade do que vê na televisão”*.

Comentários

Diante da exposição dos comentários dos sujeitos da pesquisa provocados pela leitura do jornal, confirma-se que este material trouxe às famílias conhecimento e informação, pois mostrou notícias do meio social em que estavam inseridas. Por meio dele, as alunas encontraram informações sobre os mais diversos assuntos presentes em seu cotidiano. Geralmente, a família 1 lia assuntos próximos de seu convívio, seguindo os do caderno Polícia e os de oportunidade de emprego. A família 2, além dos assuntos que tinham proximidade com seu cotidiano, gostava dos referentes à saúde e à educação. A família 3 dedicava parte de suas leituras a assuntos que causavam impacto, matérias sobre celebridade, entretenimento. E a família 4 dedicava-se à leitura de receitas, humor e às que causavam impacto.

Embora as escolhas dos textos a serem lidos pelas famílias fossem próximas de seu contexto social, elas estabeleceram com o texto uma relação dialógica. Nas leituras acessavam seus conhecimentos pessoais, ou seja, o conhecimento enciclopédico que cada indivíduo tem para atribuir sentido ao texto.

Em outros momentos da pesquisa foi possível perceber, por meio das escolhas dos textos e dos argumentos, que os indivíduos transitavam pelo “plano das redes interpessoais”, e não freqüentemente pelo “plano das organizações”. Em diversos momentos, ao argumentarem sobre um assunto, remetiam ao senso comum, de modo que não era possível verificar algum tipo de exercício de reflexão.

No entanto, a leitura aproximou os sujeitos do contexto social em que viviam, passaram a relacionar os conteúdos veiculados com o universo em que estavam inseridos. Baseando-se nos estudos de Bakhtin (1986), é possível afirmar que o jornal veicula diariamente a mobilidade e a recriação permanente do signo lingüístico como resultado da intensa interação local, nacional e global. Desta forma, as famílias passaram a interagir com esse emaranhado de relações, liam diariamente o material. O jornal provocava a busca e gerava condições de respostas.

O recebimento diário do jornal favoreceu o estabelecimento de relações dialógicas entre pais e filhos; família e jornal; alunas e jornal.

As famílias, ao perceberem que alguns assuntos de seu interesse tinham continuidade, passaram a acompanhar textos específicos. As famílias 1 e 2, por exemplo, acompanharam os assuntos sobre os casos de dengue presentes na cidade. As famílias 3 e 4 seguiram diariamente o caso dos atentados da facção criminosa do PCC, a votação do referendo que tratava da legalização ou não do porte de armas. A partir das leituras, aproximaram-se do contexto social em que vivem, compreenderam o significado de palavras que não faziam parte de seu repertório de conhecimento.

O jornal é importante no processo educativo porque permite, entre outras coisas, a inquietação para a busca de outros conhecimentos ou informações que são necessários para aquela comunidade de alunos em especial, naquele momento, assim como foi neste relato. Trazer a leitura do jornal para dentro do lar para dialogar sobre assuntos de seus interesses não foi simplesmente atualizar as famílias, mas modificar a relação delas com as práticas de leitura. Por isso, o jornal nesta pesquisa foi a ferramenta para seduzir o aluno, convencendo-o a pensar no cotidiano, na sua história.

4.4.2 Leitura de gêneros textuais jornalísticos

✓ Charges

O jornal é um suporte que veicula diferentes gêneros textuais. O acesso a esse material favorece aos leitores o conhecimento das características específicas de cada texto. Desta forma, essas novas informações passam a ajudar na compreensão, permitindo a antecipação e a atribuição de sentidos.

O contato diário com o jornal, com os diversos tipos de textos permitiu que as famílias ampliassem seus horizontes passando a ler assuntos mais abrangentes de seu convívio social, e utilizassem estratégias para a compreensão de textos específicos, como é o caso das charges.

A crítica política do jornal, em sua grande maioria, é registrada por meio desse texto. O cartunista elabora uma caricatura para uma determinada

situação, comumente de caráter político, acentuando nos traços e nas situações. Na leitura das charges é preciso que o leitor utilize o que ele já sabe, ou seja, o conhecimento prévio sobre aquele determinado assunto, caso contrário não conseguirá construir sentido ao texto. Pode-se dizer com segurança que para haver compreensão desse texto, é preciso que o leitor tenha conhecimento sobre o assunto, conhecimento do contexto (texto notícia) ao qual ele se refere, caso contrário não compreenderá a intenção da crítica. Tal aspecto foi comprovado no início da pesquisa, em diversos momentos as famílias afirmaram que não entendiam esse gênero específico, recortavam os desenhos, mas não atribuíam sentidos e não consideravam seus créditos. Segundo os indivíduos,

A₁- *“Aqui em casa ninguém entende as charges, recortei porque achei legal!”*

M₂- *“Não gostamos de charges porque não entendemos!”*

De acordo com Kleiman (1989), a pouca familiaridade sobre determinado assunto gera incompreensão, a qual, na maioria das vezes, se deve às falhas no conhecimento de mundo. Para que a compreensão aconteça é necessário que seja ativado todo conhecimento relevante para o entendimento do texto a ser lido. A partir das leituras diárias, das conversas, da observação, as famílias passaram a atribuir sentido às charges e a apropriar-se das estratégias necessárias à leitura desse gênero específico. Segundo a fala dos sujeitos,

A₁- *“Agora entendi! Quando aparecem esses desenhos é sempre relacionado a uma matéria!”*

A₃- *“A finalidade das charges é a de criticar porque todas as que vimos fazem críticas a alguma coisa”.*

M₄- *“Logo de cara eu achei difícil, a minha filha teve mais facilidade e me ajudou. Encontrou os textos, leu para mim e depois que observei as charges entendi!”*

Abaixo, encontram-se as leituras das charges realizadas pelas famílias.

FAMÍLIA 1



Figura 1 - Charges do *Jornal de Assis* do dia 21.06.06.

A₁- *“Confesso que não achei fácil realizar essa atividade. Essa faz crítica à gordura do Ronaldinho, está todo mundo dizendo que ele está gordo. Crítica a maneira como Ronaldo vem jogando, tanta pressão que acaba afundando no campo. A mídia é capaz de mudar a imagem das pessoas. Hoje, olhei na internet e vi que estavam abraçando o Ronaldo, estava sorrindo, mudou a imagem dele”.*

FAMÍLIA 2



Figura 2 - Charges do *Jornal de Assis* do dia 20.06.06.

A₂- “Está babando por uma televisão, mas não pode comprar. Na Copa as pessoas preocupam-se com televisão. É como se as pessoas dessem mais atenção para a Copa do que para os problemas. As pessoas não querem saber o que os políticos estão fazendo”.

FAMÍLIA 3

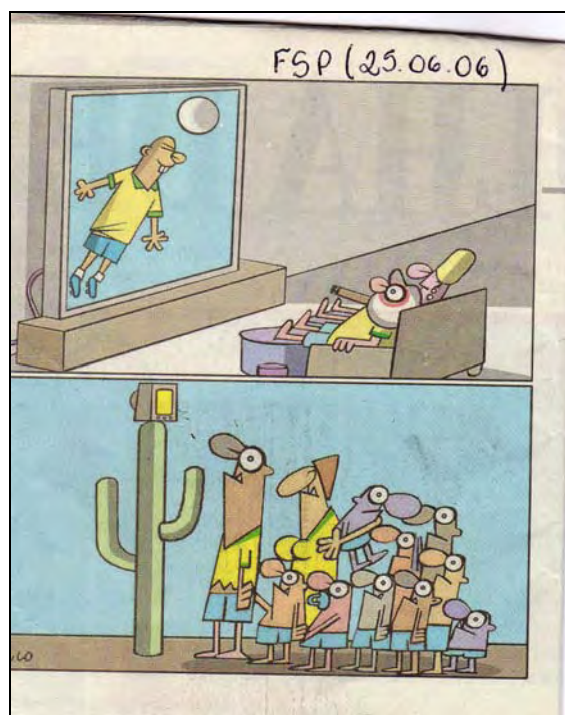


Figura 3 - Charges do Jornal Folha de S. Paulo do dia 25.06.06.

A₃- “Eu entendi que o Lula está na casa dele com uma televisão grande, sofá confortável, vendo televisão. E em baixo, as outras pessoas estão todas desconfortáveis, debaixo do sol, situação de pobreza, e o governo não toma nenhuma atitude”.

M₃- “Esta foi dica do meu marido. Ele disse que a maior parte dos assuntos está relacionada à Copa, todos estão fora da realidade só pensando na Copa”.

FAMÍLIA 4



Figura 4 - Charges do Jornal *Folha de S. Paulo* do dia 16.06.06.

A família relacionou a reportagem 'O peso da Copa' publicada no dia 16.06.2006 (ANEXO A) com a charge escolhida. Para a família,

A₄- *"Charges aumentam expressões físicas, parece que ele está com um peso tremendo nas costas, é a pressão da mídia".*

M₄- *"Na matéria que lemos o Ronaldinho dizia que ninguém merece tanta pressão. A imprensa cai em cima, olha o nome do texto 'O peso da Copa'".*

A₄- *"O título em dois sentidos: pressão da imprensa e obesidade! Estão dizendo que o Ronaldo está gordo, mas vi a foto, é músculo!"*

Nessas interpretações foi possível observar que as famílias estavam empenhadas nas leituras, os responsáveis colaboravam procurando textos, lendo, interpretando. Os sujeitos perceberam que o sentido não estava pronto no texto, mas era fruto do processo dialógico entre seu conhecimento de mundo e a informação veiculada pelo jornal.

✓ Fotos jornalísticas

Neste tópico, pretende-se relatar como as famílias percebiam as fotos divulgadas pelo jornal, e também, as estratégias de leitura que utilizavam para dar significação às imagens. Embora estivessem lendo o jornal diariamente, buscando informações, acompanhando os fatos, e soubessem manusear o jornal com grande facilidade, não apresentavam familiaridade com a linguagem não-verbal. Nos encontros semanais com a pesquisadora, esporadicamente, uma família ou outra comentava sobre uma foto, quando causava impacto pela violência exagerada ou por se tratar de uma pessoa conhecida. Em nenhuma outra circunstância uma foto foi suscitada. A mãe de A₃, por exemplo, disse que muitas fotos publicadas “impressionavam” a filha.

Em um dos encontros semanais, a família separou uma foto específica para apresentar à pesquisadora. A reportagem era sobre o vírus da gripe aviária e a foto retratava as medidas que haviam sido tomadas: galinhas enterradas vivas.



Figura 5 - Foto do jornal *Folha de S. Paulo* do dia 21.10.2005.
Em relação a essa imagem, foram feitos os seguintes comentários:

M₃- *“Tem coisas que não são interessantes mostrar, porque chocam. A minha filha nem queria ver mais o jornal. O jornal impressiona e à noite ela dá trabalho, tem medo”.*

A₃- *"Fiquei brava com as pessoas que tiveram a idéia de matar as galinhas!"*

M₃- "Não querem perder tempo, nem matam"!

Ao observar a foto, a família restringia a sua leitura à superfície, amparada por seus próprios juízos. Talvez pela dificuldade de ler um texto que veiculava informações que não faziam parte de seu conhecimento de mundo.

Os leitores se formam com a leitura de diferentes obras que contêm uma diversidade de textos que servem, como ocorre nos contextos extra-escolares, para uma multiplicidade de propósitos - informar, entreter, argumentar, persuadir, organizar atividades/ (KAUFMAN, 1995, P.45).

O jornal traz a possibilidade de os seus leitores se relacionarem com outros contextos. Ao folheá-lo é como se o leitor abrisse os olhos para ver o que há de bom ou de ruim no mundo. A partir das leituras diárias os sujeitos entraram em contato com a linguagem na sua forma de produção e passaram a dialogar com o "outro". Segundo Bakhtin (1986, p.317) "nosso próprio pensamento [...] nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio". Daí a importância de práticas de leitura em contextos reais, tendo como materiais textos significativos.

A leitura do fotojornalismo é tão importante quanto a leitura dos textos impressos, ambos influem na formação do sujeito leitor. As fotografias presentes nas páginas do jornal não têm por finalidade ilustrar o texto jornalístico, mas informar. Analisá-las sob essa ótica tratar-se-ia de uma leitura superficial e ingênua, visto que a foto veiculada pelo jornal tem a mesma função do texto verbal. No entanto, muitas práticas escolares limitam o seu uso a trabalhos de recortes e colagem, não consideram o seu caráter de texto nem suas referências. Tal prática foi observada por F₂, que tinha o hábito de recortar as fotos que chamavam a sua atenção. Elementos como data, página, cadernos, legenda e até mesmo o texto verbal relacionado à imagem não eram considerados. Por exemplo, explicaram que selecionaram a foto referente à matéria 'Senhora de 115 anos passa por necessidades' (19.10.2005, JA) porque "chocava". Embora tivessem contato com o suporte, não consideravam os créditos da foto, limitavam a sua natureza à mera ilustração. Quando questionadas sobre a compreensão a respeito da foto responderam associando essa imagem à emoção, à comoção, como *"coitada viveu tantos anos e acabou assim!"*.

Sem a leitura da legenda, por exemplo, a fotografia abaixo, mostrando a simulação de um acidente pelo Corpo de Bombeiros, foi tomada por F₂ como um acidente real.



Figura 6 - Foto do *Jornal de Assis* do dia 11.11.2005.

Não observaram, entretanto, o que estava escrito em letras maiúsculas e na cor vermelha: “Resgate simulado”. Ao perceberem as legendas das fotografias, e a importância de sua leitura, compreenderam que se tratava de simulação. Para Faria e Zanchetta:

A diferença entre texto escrito e a imagem (e fotos em geral) é que as palavras reduzem a possibilidade de se encontrar vários sentidos no texto. A foto, ao contrário, é polissêmica, ou seja, dá margem a diversas interpretações (FARIA; ZANCHETTA, 2002, p.93).

Depois da atividade realizada, a família refletiu e chegou à seguinte conclusão:

“Acredito que os textos sempre auxiliam na compreensão. No caso das fotos é importante ler primeiro a legenda, depois o texto”.

Isso foi constatado também por F₁, que explicitou:

A₁- “Legenda auxilia na compreensão de todas as fotografias”.

Na leitura da foto abaixo, os elementos mais evidentes e próximos do cotidiano, ou seja, do conhecimento prévio da família são prontamente identificados.

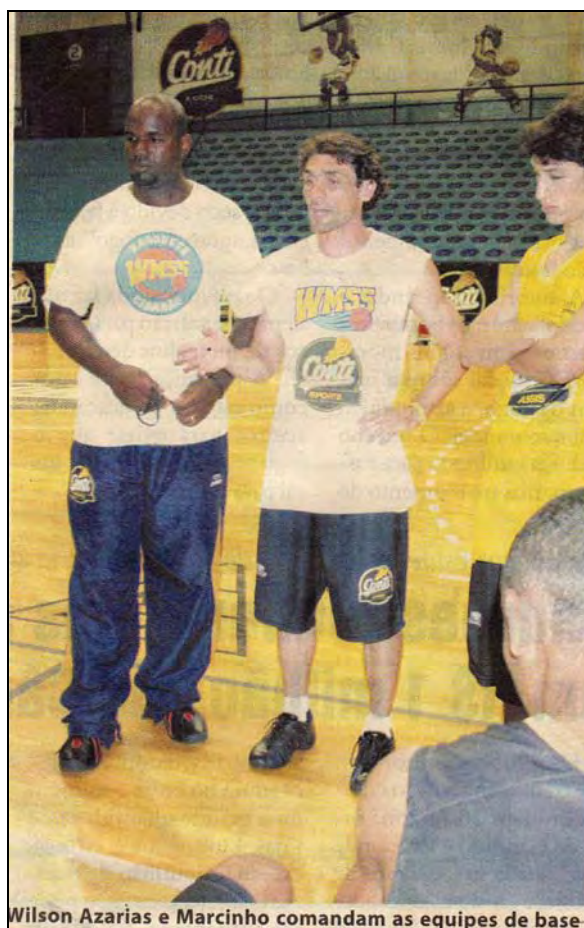


Figura 7 - Foto do Jornal de Assis do dia 30.05.2005.

A família interpretou usando as pistas deixadas pela própria foto: são atletas, pois estão no ginásio de esporte usando uniformes dos jogadores de basquete da cidade de Assis.

Ao contrário de F₁, nas leituras, F₄ não considerava a legenda, nem os indicadores presentes nas fotos. Abaixo a fotografia selecionada pela família:



Figura 8 - Foto do jornal Folha de S. Paulo do dia 17.11.2005.

Nessa foto, os jogadores australianos se passaram por brasileiros. A família acrescentou que a cor do uniforme comprovava essa informação. Não consideraram, por exemplo, o nome dos jogadores grafados na camiseta. No entanto, ao lerem a legenda, observaram o equívoco de sua interpretação:

M₄- *"Nossa! Foi pegadinha! Até eu achei que fosse a seleção brasileira".*

A₄-*"Olha o nome escrito no uniforme, é diferente dos nomes escritos em português".*

Segundo Bakhtin (1986) o enunciado do falante está sempre acompanhado de uma resposta ativa do ouvinte/interlocutor. Dessa maneira, a compreensão foi construída na relação dialógica entre aluna-jornal-família. Assim, a família passou a refletir sobre a polissemia da linguagem.

Embora essa família seja contemporânea aos acontecimentos veiculados pelo jornal, a distância entre os sujeitos da pesquisa e os contextos retratados gerava a incompreensão. É preciso direcionar o olhar para o exercício da busca de indicadores, para as possibilidades a que o signo não-verbal remete o leitor e assim construir seu significado.



Figura 9 - Foto do jornal Folha de S. Paulo do dia 18.11.2005.

Os elementos destacados nessa fotografia são utilizados para a construção de uma narrativa em que a ministra da Casa Civil Dilma Rousseff é identificada de início como a esposa do presidente Lula. No entanto, a mãe se apreende ao aprendizado construído na relação dialógica descrita anteriormente e lê a legenda. Em seguida diz,

M₄- *“Não é não! Que foto! Eles devem estar cochichando algum segredo”.*

A maneira como foram fotografados leva um leitor inexperiente a imaginar uma insurreição contra o presidente Lula. É necessário trazer à tona esse olhar ingênuo para que, motivados pelo assunto, os sujeitos possam estar atentos a outras informações necessárias para efetivar a leitura crítica de imagens. É importante explicitar novamente que, assim como os textos jornalísticos, a foto

veiculada no jornal impresso ocupa, intencionalmente, um espaço e uma determinada posição.

Observou-se que as leituras ficaram restritas à imagem, não demonstraram interesse em ler a notícia completa no interior do caderno. A leitura dos textos relacionados às fotografias com certeza mudaria a argumentação das famílias.

De maneira geral, este relato aponta a falta de familiaridade das famílias com a linguagem não verbal. A leitura é uma atividade inesgotável, assim como as manifestações de expressões e significados que o homem produz nas suas relações sociais. A linguagem não verbal, mais especificamente a fotografia, é composta por muitos elementos, tais como: cor, formas, gestos, movimento, entre outros. Portanto, destaca-se a importância de se recolher os indícios presentes na foto.

A prática da leitura é a mesma, independente do texto ser escrito ou imagético. As várias linguagens que são produzidas no meio social requerem do leitor produção de sentidos. É preciso aprender a compreender outras linguagens. Caso não sejam criadas condições para que o aluno possa ler diferentes linguagens, deixar-se-á de ensiná-lo a compreender a realidade em que vive. Os significados são socialmente construídos, e, por isso a importância de inserir os sujeitos no fluxo dessa construção. É importante salientar que o texto não-verbal pode contribuir para a compreensão do mundo e, também, formar opiniões, muitas vezes sem criticidade alguma.

O trabalho voltado à análise de fotografias incidiria no aprendizado da leitura, uma forma eficiente de ensinar a ver. Segundo Faria (1994 p.108), “a observação do que se vê formará o leitor atento aos pormenores do texto que se lê”.

Este estudo não tem por objetivo interferir no ambiente pesquisado, modificar comportamentos, mas observar se a interação da família com o jornal, implica na formação de leitores. Os pais podem ser ótimos colaboradores desmistificando a idéia de que ler significa decodificar letras impressas. Tais aspectos vão ao encontro do que Foucambert (1994, p.132) observa: “ler não é receber um saber existente, mas sim, transformar a situação que faz com que não se saiba ler”.

✓ **Leitura de notícia**

O conhecimento das características dos gêneros textuais acaba implicando a produção textual dos indivíduos, visto que ao escrever um texto, procuram o melhor gênero para portar determinado assunto. Por exemplo, a forma como é estruturada uma notícia não é a mesma de um editorial. Segundo Bakhtin,

Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinha-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações (BAKHTIN, 1992, p. 302).

O jornal veicula essa abundante diversidade de gêneros textuais a que Bakhtin reporta. À medida que se percebeu o envolvimento das famílias com o suporte, pediu-se lhes que escrevessem uma notícia da situação que estavam vivenciando: interação da família com o jornal. Elas foram avisadas de que suas produções seriam publicadas no *Jornal Stillo*. O intuito era observar como as características desse gênero específico se mostravam presentes em seus textos.

Para tanto, teve-se por aparato Faria e Zanchetta (2002, p.27-28), que pontuam algumas características próprias deste gênero textual, destacadas a seguir:

- *Concretude*: o texto jornalístico apresenta fatos concretos. Os adjetivos são evitados, detalhes e longas descrições tendem a ser suprimidos. Tal aspecto deve-se ao não comprometimento do jornal. Já os substantivos e os verbos são utilizados com maior frequência.
- *Expressão das aparências e não da sugestão*: nas notícias as suas informações devem ser concretas, passíveis de serem provadas ao leitor.
- *Texto sintético*: utilização de frases curtas. Orações subordinadas são evitadas, facilitando a vida de quem escreve e de quem lê, pois não se exige tanto esforço para a compreensão.
- *Limitação do repertório verbal*: evita-se o uso demasiado de sinônimos.

- *Redação em terceira pessoa*: a escrita em terceira pessoa contribui para a idéia de objetividade do texto, evidenciando um distanciamento dos fatos e credibilidade da informação.

Segundo Lage (1985), a notícia se define como um relato de fatos, tendo início pelo mais importante ou interessante. O autor afirma que se trata de uma exposição dos acontecimentos e não de uma narração. Portanto, no primeiro parágrafo do texto jornalístico aparecem as informações mais importantes da notícia. Os outros parágrafos veiculam as demais informações de acordo com sua relevância para a compreensão do fato noticiado. Isso até chegar aos *detalhes secundários*, que podem, na maioria das vezes, serem suprimidos da notícia sem prejudicar o entendimento.

Isso pode ser mais bem representado pelo esquema convencional da notícia que, no jornalismo contemporâneo recebe o nome de pirâmide invertida (ZANCHETTA, 2004, p.70). Veja abaixo:

Quem • O quê • Quando • Onde • Como • Por quê

Informações que complementam o lide

Detalhes de importância mediana

Detalhes secundários

✓ **A produção da notícia**

O objetivo da proposta era o de observar se as alunas, com a colaboração dos pais, conseguiam transformar uma situação cotidiana que está próxima do texto narrativo, da ordem cronológica, em um texto informativo de caráter jornalístico. Os

textos encontram-se em anexo. A produção de A₁ (ANEXO B), A₂ (ANEXO C), A₃ (ANEXO D) e A₄ (ANEXO E).

A análise das produções revelou que as notícias estavam próximas do esquema do lide jornalístico. Os títulos dados pelos sujeitos, de maneira geral, destacaram o assunto principal da notícia: famílias recebiam e interagiam com o jornal em suas casas.

As alunas conseguiram escrever sem se incluir nos textos. Não encontraram dificuldade em se distanciar do contexto e em adotar um posicionamento impessoal para expô-los. Os depoimentos foram registrados como pertencentes a outras pessoas e não como do próprio autor do texto. Tal aspecto implicou na produção de notícias mais objetivas.

No entanto, A₃ não conseguiu ordenar de maneira expositiva. Inicia o texto de forma expositiva, mas no desenvolvimento, torna-se narrativo, seguindo uma ordem cronológica e não de importância. Tal aspecto pode ser observado no seguinte trecho:

“A₃, de 14 anos, estudante da escola CGS, estava cursando a 8ª série do Ensino Fundamental, quando um dia em sua escola encontrou uma moça chamada Paula, que era estudante de mestrado e também era professora”.

Isso é resultado do contato quase que exclusivo, nas práticas escolares, com estruturas predominantemente narrativas.

Nas outras produções, nota-se uma tendência ao desenvolvimento do lide jornalístico, mesmo ocorrendo ainda falta de informações pertinentes ou acréscimo de informações secundárias, que caberiam no desenvolvimento da notícia. E ainda, ao texto expositivo.

De maneira geral, observou-se que as alunas perceberam quais são as informações que devem ser destacadas em uma notícia: “quem”, “o quê”, “quando”, “onde”, “como” e “por quê”, mas não conseguiram ordená-las de maneira expositiva.

Esta pesquisa comprova que, embora a mídia esteja bastante presente no contexto social dos sujeitos da pesquisa, o gênero textual jornalístico, especificamente a notícia, é pouco trabalhada no âmbito escolar e, conseqüentemente, não fazia parte do conhecimento de mundo das alunas. Tal aspecto é decorrente da predominância do gênero narrativo no contexto escolar.

A partir dos resultados obtidos, verificou-se certo avanço por parte das alunas, pois além de manusearem o jornal, ler diariamente, demonstraram alguns indícios de compreensão da escrita do texto jornalístico. Pode-se apontar: preocupação com a redação em 3ª pessoa, o que evidencia o distanciamento do autor em relação ao texto; atenção voltada para os elementos que compõem o lide; especificação do evento e local noticiados, o que também permite que a notícia seja lida em contextos mais amplos.

✓ **Documentos Pessoais**

A fim de verificar, depois de seis meses de recebimento e leituras do jornal, possíveis mudanças no comportamento leitor das alunas, segundo seus próprios pontos de vista, a pesquisadora pediu às famílias que escrevessem um texto relatando a sua interação com o suporte e as implicações desta situação específica em seu desempenho como leitor (ANEXO F).

De maneira geral, constatou-se, pelo depoimento dos sujeitos, que no início da pesquisa não davam importância para o jornal, não conheciam sua estrutura, e também, sua função. Por não conhecê-lo, não liam e, além disso, formulavam juízos a seu respeito, considerando-o *“chato”, “difícil de entender”* e *“complicado”*.

As famílias em questão não tinham condições para manter a assinatura de um jornal, sendo a escola um dos únicos espaços possíveis para as alunas fazerem uso do material. No entanto, em seu relato, A₄ observa que apesar de ter contato com o material para realização de trabalhos escolares, não conhecia o material, pelo contrário, tinha um conceito preestabelecido, o que implicava no desinteresse pelo material: *“achava que só falava sobre política”*.

A maneira de manusear o suporte e o conhecimento dos assuntos por ele veiculados favoreceu as famílias a adentrarem no material, encontrando assuntos de seus interesses. Conforme se familiarizavam, a frequência nas leituras era maior. Tal informação indica que os sujeitos estabeleceram com o material uma relação de necessidade alicerçada em interesses pessoais. Neste processo, o “outro” foi muito importante, a leitura promoveu condições de interação. Os sujeitos se apropriaram da linguagem por meio de conversas sobre assuntos variados, reflexões sobre temas diversos e questionamentos.

É preciso que os indivíduos tenham em suas casas espaços para estabelecerem a relação dialógica com o conhecimento. Neste processo, o responsável ocupa um papel essencial e, por meio do diálogo, conduz a troca de experiências, socializa as leituras, favorecendo a formação de leitores.

Ao comparar os dados iniciais da pesquisa em que os sujeitos não liam, com os finais, em que tanto as alunas quanto seus familiares afirmaram estar se sentindo mais informados, com mais assuntos para conversar, compreendendo o que acontecia em seu contexto social, comprova-se que as situações de leitura e discussão no lar implicam na formação de sujeitos leitores. Um outro dado importante, é que o jornal desencadeia o interesse por práticas de leituras, independente da idade, visto que não apenas as alunas, mas também, seus pais estavam mudados. O processo foi lento, mas conduziu os sujeitos à apropriação deste meio de comunicação. A colaboração dos pais foi essencial. Mesmo não dominando o dispositivo, se esforçavam para entender e ler, implicando no desencadeamento de leituras diárias.

É válido, também, destacar alguns aspectos que indicam mudanças nas práticas de leitura e escrita das alunas:

- A frequência de leitura é maior;
- A₁ passou a emprestar livros da biblioteca;
- Perceberam que a leitura do jornal proporcionava a relação dialógica entre a família;
- Necessidade de ler o jornal para buscar informações;
- Sentiam mais confiança para compartilhar dos assuntos lidos com outras pessoas;
- Tinham mais assuntos para conversar;
- Aumento da auto-estima;
- A₁ e A₂ participaram da produção de um jornal escolar, e a maioria das notícias foram de suas autorias.
- A₄ passou a expressar com mais facilidade suas dúvidas, questionamentos e críticas;
- Apontavam com facilidade assuntos e cadernos de seus interesses;
- Apresentaram melhora na argumentação.

4.4.3 Jornal impresso e outras mídias

Acumular informações não significa necessariamente ter conhecimento. As muitas informações provenientes da mídia que circulam na sociedade moderna, informações passageiras e superficiais são fáceis de serem esquecidas. Por outro lado, o conhecimento é resultado do ir além da superfície da informação; o conhecimento demanda tempo, investigação, pesquisa pertinente; o conhecimento é fruto de questionamentos, de discernimento, de sistematização de informações significativas a partir da leitura mais atenta das mídias, de uma visão mais abrangente sobre o que foi dito ou publicado. É neste sentido que o jornal se torna um rico instrumento, pois possibilita a transformação da informação em um dado significativo na direção de um conhecimento mais aprofundado.

Antes de receber o jornal, as famílias tinham acesso à informação por meio da televisão, do rádio, ou ainda por ouvir alguém contar. No entanto, o ato de ler, apesar de ser o único meio de apropriação de conhecimento, ampliação de horizontes e de conseqüente participação, não fazia parte do contexto social dos sujeitos.

As famílias que receberam o jornal FSP, entenderam tais aspectos ao perceberem que a televisão veiculava informações mais rápidas, e resumidas. Assim passaram a preferir e a buscar o jornal por este apresentar mais detalhes e maior cobertura das notícias. Na fala dos sujeitos,

A₃- “Quando vejo sobre um assunto na televisão, na casa de meus amigos, e não entendo bem, procuro no jornal e acabo entendendo melhor! Por exemplo, isso daqui (aponta para a foto do brasileiro Marcos Pontes que estava de volta à Terra) eu já tinha visto na televisão e entendi melhor lendo o jornal!”.

F₄- “Preferia assistir as notícias, mas hoje vejo que o jornal traz matérias interessantes que não passam na televisão, tenho um outro olhar para o jornal. Exemplo: Telefone mais barato para quem recebe três salários mínimos, esse assunto não passou na televisão, fiquei sabendo pelo jornal. Na televisão as notícias são mais curtas, aparece mais imagem, o jornal explica mais. Aprendemos mais acompanhando o jornal, é duro ficar por fora do assunto”.

Tal aspecto não foi percebido pelas famílias que receberam o jornal de Assis, talvez por ser um meio de comunicação mais restrito à cidade e à região. Desta forma, ao comparar as notícias veiculadas pelo jornal impresso com as do rádio, não

percebiam diferenças. No entanto, o contato diário com o jornal despertou o interesse em buscar mais informações e conhecimentos, assim apontam para os telejornais, como um complemento na busca do conhecimento, não percebendo que esse veículo trata as informações de maneira rápida e superficial. Segundo as mães,

M₁- “A minha filha tem prestado mais atenção nos jornais da televisão, antes não ligava muito, agora presta mais atenção! Estamos ouvindo na televisão, rádio. Antes do programa do Padre Marcelo passa o jornal da Antena, escuto, na hora que chega o jornal, leio. Todas as informações que escuto, a maioria sai no jornal. No jornal vemos as mesmas informações que escutamos”.

M₂- “Minha filha se interessou mais pelo jornal, até passou a assistir mais telejornal coisa que não fazia antes”.

O jornal trouxe benefícios às famílias. Ajudou-os a compreender, a descobrir e a ficar informados sobre assuntos relacionados ao seu contexto social, ampliando seu repertório de conhecimento. Quando os alunos indagaram sobre coisas que não conheciam, foi o conhecimento que se ampliou. Quando confrontaram aquilo que já conheciam com novas informações, foi o conhecimento que se enriqueceu. A informação é o primeiro passo para a construção do conhecimento. Esta afirmação é importante e esclarecedora, já que o jornal é uma grande fonte de informação (MORAN, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta dissertação, foram apresentadas algumas considerações que serão retomadas, pois ressaltam a importância da família na constituição de sujeitos leitores.

Primeiramente, retomam-se os objetivos que permearam esta pesquisa, que buscou avaliar as implicações do recebimento diário do jornal na formação do aluno como leitor. Para tanto, o estudo partiu de uma situação específica: quatro famílias de alunas de 8ª série de uma escola estadual receberam o jornal em suas casas por um período de seis meses. A investigação visou observar as mudanças que aconteciam no comportamento leitor das alunas quando recebiam o jornal em suas casas, tendo a família como mediadora nas atividades de leitura. O contexto social em que os sujeitos da pesquisa estavam inseridos não viabilizava a interação com esse tipo de material. Sendo assim, após conhecerem o material, perceberam que o seu acesso à informação era restrito.

Por meio dos pressupostos da pesquisa qualitativa, mais especificamente do estudo de caso, a pesquisadora observou a interação entre aluno-jornal; família-jornal; aluno-jornal-família. Ao utilizar como instrumentos de coleta de dados as entrevistas, a observação participante, o documento pessoal verificou-se que as quatro alunas modificaram seu comportamento em relação à leitura do jornal. Neste processo, a família desempenhou um papel importante, auxiliando e encorajando seus filhos a interagir com o material.

A partir das concepções de linguagem como interação, apresentadas no capítulo 1, adotou-se uma concepção de leitura que sustentou todo o trabalho. Justificou-se a escolha pelo jornal como material de leitura, bem como destacou-se alguns trabalhos envolvendo o uso do suporte em contextos escolares, não-escolares e também a colaboração dos pais em atividades de leitura. O segundo capítulo demonstrou ser a pesquisa qualitativa, dentre suas vertentes, o estudo de caso, a metodologia que mais se adequava ao que se pretendia investigar. Esse capítulo também justificou a importância de cada um dos instrumentos de coleta de dados. No capítulo 3, foi relatada a situação inicial dos sujeitos da pesquisa em relação às práticas de leitura e os seus conhecimentos acerca do jornal, facilitando

assim, a comparação dos dados obtidos no início com os resultados finais. O último capítulo apresenta as três categorias descritivas: apropriação do jornal pela família; colaboração da família nas leituras; impacto do jornal no desempenho leitor do aluno. Essas categorias foram elaboradas a partir da leitura de todo material coletado: entrevista com alunas e suas famílias; registro das observações das atividades realizadas pelas alunas, individualmente e em interação com a família, constituindo em aproximadamente 20 atividades, 50 horas de visitas a cada família, totalizando 200 horas de observação e textos produzidos pelos sujeitos relatando suas vivências com o jornal.

Durante todo o período de coleta de dados, verificou-se, pelos depoimentos dos sujeitos da pesquisa, que as atividades propostas foram essenciais para adentrarem no suporte, rompendo o conceito preestabelecido que tinham em relação ao material. O conhecimento mais aprofundado sobre alguns elementos presentes no jornal permitiu aos indivíduos conhecerem e descobrirem assuntos de seu interesse. Por meio das leituras diárias, puderam se utilizar do conhecimento adquirido, ou seja, do conhecimento prévio para interagir com as novas informações. Assim, pais e filhos, juntos, descobriram a importância da leitura como compreensão do contexto social em que estavam inseridos.

Cada indivíduo que abre o jornal tem interesses diferenciados, alguns buscam entretenimento, outros, informação. Ao realizar a leitura do jornal, em primeiro lugar, a pessoa deve ter conhecimento de que há uma ampla variedade de assuntos e que, portanto, se faz necessária uma procura seletiva de textos relacionados aos seus objetivos. Um comportamento que evidencia a familiaridade com o material é a seleção prévia mediante a leitura da manchete, da chamada ou das legendas da primeira página. As alunas se apropriaram desse conhecimento por meio de situações reais de leitura, não somente os responsáveis eram exemplos de leitores, mas também, os parentes e os vizinhos que pediam o material emprestado. Com isso, desenvolveram estratégias em suas leituras, descobriram assuntos de seus interesses e passaram a buscar respostas na leitura. Portanto, foi preciso familiarizar os sujeitos com o suporte para adentrarem no material de leitura e entenderem o seu uso.

Diante dos dados obtidos pelo último instrumento de coleta, os documentos pessoais, verificou-se a satisfação das famílias em participar da pesquisa e as mudanças de comportamento das alunas em relação à leitura do jornal. Esse veículo

de comunicação viabiliza aos indivíduos o contato com informações presentes em seu contexto social. A partir do momento que aprenderam a manusear o suporte, passaram a buscar a prática da leitura, o que permitiu aos sujeitos compreenderem fatos e decisões que acontecem seja na sua cidade ou no mundo e que de certa forma interferem na sua realidade, desenvolvendo a leitura e a criticidade.

A presente pesquisa constatou que as famílias de baixo poder aquisitivo podem ajudar seus filhos a se tornarem leitores, pessoas mais informadas. Para tanto, dois fatores implicam decisivamente: o acesso a materiais e a orientação aos pais de como colaborar nas leituras, visto que foram os responsáveis pela inserção das filhas no mundo da leitura. No início da pesquisa, mesmo desconhecendo o material, esforçavam-se para que se efetivasse a leitura no lar.

A prática da leitura em situações significativas possibilitou progressos tanto às alunas quanto aos seus familiares, demonstrando que o jornal inserido no contexto familiar é um instrumento capaz de ampliar a cultura e a noção de realidade social, aspecto essencial na formação do leitor. Em toda a pesquisa, os sujeitos eram livres para percorrer seus próprios caminhos, escolhendo os gêneros textuais e também os assuntos de seus interesses para ler. Dessa forma, entraram em contato com a linguagem do jornal e interagiram com os assuntos por ele veiculados.

Com o intuito de investigar as implicações dessa situação particular no desempenho das alunas na escola, tendo por aparato os documentos pessoais investigou-se, no final da pesquisa, junto aos professores que ministravam aulas nessa sala as possíveis mudanças. Para tanto, lhes foi requisitado que respondessem por escrito à seguinte pergunta:

“O professor observou mudanças no desempenho do aluno do ano passado para este ano”?

É importante salientar que, embora a questão fora entregue a nove professores, apenas cinco contribuíram. De maneira geral, os aspectos apontados foram: maior interesse pelas aulas; produção de textos coerentes; passaram a fazer mais perguntas; estavam mais atentas a detalhes do texto; melhora na argumentação.

É na vivência de leituras compartilhadas que os sujeitos apreendem sentidos não estabelecidos anteriormente, estabelecem relações, concordam ou discordam

quanto à interpretação. Os eventos de leitura no lar, o valor atribuído pelos responsáveis a essas práticas, são fatores que implicam o desencadeamento do interesse ou desinteresse por parte dos filhos em relação à leitura.

O estudo visou conhecer as implicações no comportamento leitor do aluno quando ele utiliza o jornal como material de leitura, com a colaboração da família. A pesquisadora, ao observar o diálogo entre os sujeitos e o comportamento de cada participante, manteve o compromisso de oferecer ao leitor subsídios para refletir sobre um trabalho mais integrado entre a família-escola, mostrando o papel da família na formação do leitor.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, A.J. O Planejamento de Pesquisas Qualitativas em Educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.77, maio 1991.

ANDRÉ, M.E.D.A. Estudo de Caso: Um Potencial em Educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.49, maio 1989.

_____. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

ARAUJO, M.J.G.M. Práticas de leitura na escola e nas famílias em meios populares. In: **23ª Reunião Anual da Anped**, Caxambu, 2000.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia de Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BELLONI, M.L. Escola versus televisão: uma questão de linguagem. **Educação & Sociedade**, Campinas, n.52, p. 571-583, dezembro 1995.

BHERING, E.; SIRAJ-BLATCHFORD, I. A relação escola-pais: um modelo de trocas e colaboração. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 106, p.191-216, 1999.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BORTONE, M.E.; MAIMONI E.H.; PAIVA, T.O. Estudo preliminar sobre o envolvimento de pais no processo de construção da leitura da criança na escola. **Anais do V CONPE**, Itajaí (SC), 270, 2000.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BRANDÃO, H.N. Gêneros do discurso na escola. In: CHIAPPINI, L. **Aprender e ensinar com textos não escolares**. São Paulo: Cortez, v.5, p.17-45, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Média e tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC/SEF, 1999.

CARVALHO, M.E.P. Modos de Educação, gênero e relações escola - família. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 121, p. 41- 58, jan./abr. 2004.

CASTANHEIRA, M.L. **Entrada na escola, saída da escrita**. BH, MG: Faculdade de Educação, UFMG, 1991. (Dissertação de Mestrado)

CAVALHO, G.; CHARTIER, R. **História da Leitura no Mundo Ocidental 1**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

CENTRE DE LIAISON DE L'ENSEIGNEMENT ET DES MÉDIAS D'INFORMATION. Paris: CLEMI. Disponível em: < [http:// www.cleml.org](http://www.cleml.org)> Acesso em 15 agosto 2007.

CHARTIER, A.M. **Ler e escrever: entrando no mundo da escrita**. Tradução: Carla Valduga. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 1999.

ERBOLATO, M.L. **Técnicas de Codificação em Jornalismo**. São Paulo: Ática, 1991.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins. **Condições de construção de leitores alfabetizando: um estudo na escola e na família em camadas populares**. BH, MG: Faculdade de Educação, UFMG, 1993. (Dissertação de Mestrado)

FARIA, M.A. A importância da imprensa escrita na sala de aula. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte: Dimensão, v.4, n. 19, p.85-95, jan./fev. 1998.

_____. **O Jornal na Sala de Aula**. 11ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Como usar o jornal na sala de aula**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FARIA, M.A.; ZANCHETTA, J. **Para Ler e Fazer Jornal na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. **A Criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FREITAS, G.B.; MAIMONI, E.H.; SIQUEIRA, M.M.M. Escala reduzida de envolvimento de pais na vida escolar do aluno (EEPVA). **XXIV Reunião Anual de Psicologia**, da Sociedade Brasileira de Psicologia, 437, 1994.

FREITAS, M.T.A. A Abordagem Sócio-Histórica como Orientadora da Pesquisa Qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 116, p.22-39, julho 2002.

GERALDI, J.W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: _____. **O texto na sala de aula**. 2ª ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

_____. **Portos de Passagem**. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GOUVEIA, A.J. Notas a respeito das diferentes propostas metodológicas apresentadas. **Cadernos de pesquisa**. São Paulo, n. 49, p.67-70, maio 1984.

GUILHARDI, M.I. Mídia, poder, educação e leitura. In: BARZOTTO, V.H.; Guilhardi, M.I. **Mídia, educação e leitura**. São Paulo: Anhembi Morumbi: Associação de Leitura do Brasil, p.103-112, 1999.

JOLIBERT, J. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KAUFMAN, Ana Maria. **Escola leitura e produção de textos**. Trad. Inajara Rodriguez. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KLEIMAN, A. **Texto e Leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1989.

_____. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, R. **Alfabetização e letramento: perspectivas lingüísticas**. Campinas, SP: Mercado de letras, 1998.

_____. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas, SP: Mercado de letras, 1999.

KRAMER, S. A Abordagem Sócio-Histórica na Pesquisa Qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p.7-19, julho 2002.

LOZZA, C. Os programas de jornais na educação brasileiros: um diagnóstico. **Relatório Conclusivo realizado junto às empresas jornalísticas filiadas à Associação Nacional de Jornais (ANJ)**. Set. 2004 Disponível em: <<http://www.anj.org.br>> Acesso em: 12 junho 2007.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 1985.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986.

MAIMONI, E.H. Envolvimento de pais na vida escolar do aluno – problemas de definição e medida. **Revista da SPTM**, 1 (1), p.15-18, 1998.

MAIMONI, E.H.; RIBEIRO, O.M. Família e escola: uma parceria necessária para o processo de letramento. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v.87, n.217, p.291-301, set/dez 2006.

MAIMONI, E.H.; BORTONE, M.E. Colaboração família-escola em um procedimento de leitura para alunos de séries iniciais. **Psicologia Escolar e Educacional**. v.5, n.1, p.37-48, Campinas, jun. 2001.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

MANUAL Geral da Redação. 2.ed. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1987.

MARTINS; A.F.R.; FESTA, F.G.; TEODORI; L.M.M.; BARNABÉ, L.E. Tempo e espaço na escola: contextos socioculturais e econômicos. **Revista Núcleo de Ensino.** v 1, 2003.

MELO, J.M. Estímulos midiáticos aos hábitos de leitura. In: BARZOTTO, V. H.; Guilhardi, M.I. **Mídia, educação e leitura.** São Paulo: Anhembi Morumbi: Associação de Leitura do Brasil, p.39-47, 1999.

MONTEZANO, P.C. Telejornal: o cotidiano de sala de aula. In: CHIAPPINI, L. **Aprender e ensinar com textos não escolares.** São Paulo: Cortez, p.63- 78, 1997.

MORAN, J.M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: BEHREUS, M.A.; MASETTO, M.; MORAN, J.M. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica.** 8.ed. Campinas: Papyrus, 2004.

OSAKABE, H. O mundo da escrita. In: ABREU, M. **Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º Cole.** Campinas, S.P: Mercado de Letras, p. 15 – 22, 1995.

PALMA FILHO, J.C. Estudo de Caso. **Pedagogia Cidadã: cadernos de formação – Metodologia de Pesquisa Científica e Educacional.** São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004.

PAROLI, R.M.; ALMEIDA JUNIOR, J.B. Avaliação de programas de uso de jornal em sala de aula oferecido aos professores por empresas jornalísticas. In: **29ª Reunião Anual da ANPED,** Caxambu. Educação, Cultura e Conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos. Petrópolis: Parkgraf Editora, v. 1, p.1-19, 2006.

PAULINO, G. **Tipos de textos, modos de leitura.** Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

PAVANI, C.G.C. Considerações sobre a imprensa, educação e transformação. In: BARZOTTO, V.H.; Guilhardi, M.I. **Mídia, educação e leitura.** São Paulo: Anhembi Morumbi: Associação de Leitura do Brasil, p.113-120, 1999.

PAVANI, C. (org.). **Jornal (in) formação e ação.** Campinas, SP: Papyrus, 2002.

RAIMUNDO, C. Escola pode ser decisiva no hábito de ler jornal. **Público na Escola**. Portugal. Boletim Mensal 145, out. 2004.

ROJO, R.H.R. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. Texto de divulgação científica elaborado para o **Programa Ensino Médio em Rede**, Rede do Saber/SEE-SP e para o Programa Ler e Escrever – Desafio de Todos, CENPEC/SMESP. SP: SEE-SP e SME-SP, 2004.

SANT'ANNA, M.A.D. Os gêneros do discurso. In: **Pedagogia Cidadã - Cadernos de Formação** (Língua Portuguesa). São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004.

SANTOS, A.A.A.; JOLY, M.R.C. Lendo histórias em família: influência sobre o vocabulário infantil e desempenho em leitura e escrita. **Psicologia Escolar e Educacional**, p.39-44, 1996.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler**. Porto Alegre: Artmed, 1989.

_____. **Leitura significativa**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SOARES, I.O. **Comunicação e Criatividade na Escola**. São Paulo, Paulinas, 1989.

SOARES, M.B. Natureza interdisciplinar da leitura e suas implicações na metodologia do ensino. In: ABREU, M. **Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º Cole**. Campinas, S.P: Mercado de Letras, p.87-98, 1995.

STAKE, R.E. Pesquisa qualitativa/naturalista – Problemas epistemológicos. Educação e seleção. P.19-27, jan./jun, 1983.

THUSWOHL, M. Em todo mundo, jovens lêem cada vez mais. **Jornal da ANJ**, 138, Brasília, p.9, junho 1999.

TOPPING, K. Lectura conjunta: una poderosa técnica al servicio de los padres. **Comunicación, Lenguaje y Educación**, 3-4, p.143-151, 1989.

VIANA, F.V.; SILVA, Y.J. O jornal e a prática pedagógica. In: CHIAPPINI, L. **Aprender e ensinar com textos não escolares**. São Paulo: Cortez, p. 79-97, 1997.

ZANCHETTA, J. Proposta de aplicação dos conceitos de tempo, espaço e texto na escola pública. **Revista Núcleo de Ensino**. vol.1, dezembro 2001

_____. **Imprensa Escrita e Telejornal**. São Paulo: Unesp, 2004.

_____. Desafios para a abordagem da imprensa na escola. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 26, p. 1497-1510, 2005a.

_____. Apontamentos sobre a imprensa na escola. **Revista Educação & Sociedade**. Campinas, n. 93, 2005b.

YIN, R.K. **Estudo de Caso Planejamento e métodos**. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Roteiro da entrevista com os alunos - sujeitos da pesquisa

Nome: _____

Endereço: _____

Idade: _____ anos

Série: _____

1- Com quem você mora?

2- Fale sobre sua vida fora da escola. O que faz quando não está na escola?

3- Dê sua opinião sobre a escola. Como você se vê na escola?

4- Que expectativas têm para seu estudo?

5- Você gosta de ler? O que gosta de ler?

6- Com que frequência você lê?

7- Você tem o hábito de emprestar livros da biblioteca? Com qual frequência?

A- () habitualmente

B- () ocasionalmente

C- () não lê

8- Além de você, quem mais da sua família tem contato com este material?

9- Com que frequência assiste televisão? Quais programas de preferência?

10- Onde tem contato com o jornal? Para quê?

11- Quais assuntos você gosta de ler no jornal?

12- Você tem conhecimento de como é estruturado um jornal?

APÊNDICE B

Roteiro da entrevista com as famílias dos alunos - sujeitos da pesquisa

Nome do responsável:

1- Faixa etária do(s) entrevistado(s):

- | | | |
|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> 15-20 anos | <input type="checkbox"/> 41-50 anos | <input type="checkbox"/> 71-80 anos |
| <input type="checkbox"/> 21-30 anos | <input type="checkbox"/> 51-60 anos | |
| <input type="checkbox"/> 31-40 anos | <input type="checkbox"/> 61-70 anos | |

Grau de parentesco com o aluno _____

2- Qual a profissão?

3- Renda familiar:

- A- entre 1 a 3 salário mínimo
- B- entre 4 a 6 salário mínimo
- C- entre 7 a 9 salário mínimo
- D- mais de 10 salário mínimo

4- Moradia:

- A- própria
- B- aluguel

C- () emprestada

5- Quais dos objetos abaixo possui?

A- () televisão

B- () rádio

C- () vídeo cassete

D- () DVD

E- () computador

F- () outros _____

6- Quem está mais preocupado com a educação dos filhos?

A- () pai

B- () mãe

C- () outros

7- O que espera da filha na escola? Qual o grau de escolaridade almeja para ela?

8- E a aluna, que expectativas tem em relação ao seu estudo (percepção do responsável)?

9- O que acha do desempenho de sua filha na escola? (leitura)

10- Você tem o hábito de ler?

- A- () habitualmente
- B- () esporadicamente
- C- () não lêem

11- Qual o motivo da não leitura?

Obs. Questão dirigida apenas para quem respondeu ao item c da questão anterior.

- A- () falta de tempo
- B- () falta de dinheiro
- C- () cansaço
- D- () desinteresse
- E- () não alfabetizado
- F- () outros _____

12- Que materiais utiliza para leitura?

13- Local de aquisição desses: _____

14- Qual é o seu objetivo na leitura? Faz sugestões de leitura aos filhos?
(informação, curiosidade, prazer, outros)

15- Tem o hábito de assistir televisão, com qual frequência? Quais programas de preferência?

- A- () menos de uma hora por dia
- B- () de 2 a 4 horas
- C- () mais de 4 horas
- D- () somente nos finais de semana

E- () não assiste televisão

16- O que a família faz nos momentos de lazer?

17- Você tem o hábito de ler jornal? Com qual frequência?

A- () habitualmente

B- () esporadicamente

C- () não lê

18- Qual o jornal de sua preferência?

19- Há assuntos de seu interesse no jornal?

20- Você assina ou assinou algum jornal? Em que local você tem contato?

21- Você tem conhecimento da maneira como é organizado um jornal?

APÊNDICE C

PERGUNTAS	RESPOSTAS
✓ Você gosta de ler?	<p><i>“Gosto de ler sim. No ano passado li um livro para fazer trabalho de língua portuguesa. Este ano li um, mas não me lembro do nome”. (A₁)</i></p> <p><i>“Sim. Este ano, o único livro que li e gostei foi ‘A Princesa Vampira’, livro que a minha irmã (10 anos), emprestou da biblioteca da escola em que estuda e trouxe para ler em casa”. (A₂)</i></p> <p><i>“Não gosto de ler muito, leio apenas quando preciso fazer trabalhos”. (A₃)</i></p> <p><i>“Gosto, mas este ano não emprestei livros da biblioteca, no ano passado emprestava mais porque a professora pedia”. (A₄)</i></p>

Quadro 17 – Interesse da aluna pela leitura.

PERGUNTAS	RESPOSTAS
<p>✓ O que gosta de ler?</p>	<p><i>“Gosto de ler livros”. (A₁)</i></p> <p><i>“Interesse mais por livros”. (A₂)</i></p> <p><i>“Gosto de piadas, poesia e romance”. (A₃)</i></p> <p><i>“Gosto de revistas e jornais. Empresto da minha vizinha para ajudar meus irmãos com os trabalhos de escola”. (A₄)</i></p>

Quadro 18 – Preferência por um material específico de leitura.

PERGUNTAS	RESPOSTAS
<p>✓ Com que frequência você lê?</p>	<p><i>“Leio quando tenho trabalhos escolares”. (A₁)</i></p> <p><i>“Leio sempre que a professora pede trabalhos”. (A₂)</i></p> <p><i>“Leio pouco, somente para fazer alguma atividade para nota na escola”. (A₃)</i></p> <p><i>“Somente para ajudar meus irmãos com os trabalhos de escola ou com os meus próprios”. (A₄)</i></p>

Quadro 19 – Frequência da leitura das alunas.

PERGUNTAS	RESPOSTAS
<p>✓ Com que frequência assiste televisão?</p>	<p><i>“Diariamente”.</i> (A₁)</p> <p><i>“Assisto televisão o dia todo”.</i> (A₂)</p> <p><i>“Antes de a televisão queimar, assistia todos os dias”.</i> (A₃)</p> <p><i>“Sempre”.</i> (A₄)</p>

Quadro 20 – Frequência que assiste à televisão.

PERGUNTAS	RESPOSTAS
<p>✓ Quais programas de preferência?</p>	<p><i>“Assisto novelas e filmes”.</i> (A₁)</p> <p><i>“Não tenho preferência por nenhum programa em especial, mas gosto de novelas e filmes”.</i> (A₂)</p> <p><i>“Meu programa preferido é Malhação”.</i> (A₃)</p> <p><i>“Gosto de novelas”.</i> (A₄)</p>

Quadro 21 – Preferência das alunas pelos programas televisivos.

PERGUNTAS	RESPOSTAS
<p>✓ Qual a sua opinião sobre jornal impresso?</p>	<p><i>“Considero o jornal importante. Traz várias notícias e mantêm as pessoas informadas. Na época das Olimpíadas a professora pediu um trabalho e foi o jornal que me auxiliou nas pesquisas”. (A₁)</i></p> <p><i>“Acho o jornal legal e importante”. (A₂)</i></p> <p><i>“Gosto de ler notícias e me interesso por propagandas de cursos. Acho interessante”. (A₃)</i></p> <p><i>“Eu gosto”. (A₄)</i></p>

Quadro 22 – Opinião das alunas em relação ao jornal.

PERGUNTAS	RESPOSTAS
<p>✓ Onde tem contato com o jornal? Para quê?</p>	<p><i>“Tenho contato com o jornal na casa do meu tio. Empresto quando preciso fazer trabalhos da escola”. (A₁)</i></p> <p><i>“O contato com jornal acontece na casa de um tio sempre que minha irmã e/ou prima precisam realizar trabalhos escolares e pedem a minha ajuda. Ocasionalmente o jornal auxilia na realização de meus próprios trabalhos”. (A₂)</i></p> <p><i>“Às vezes, o meu pai compra jornal de vendas e anúncios na banca”. (A₃)</i></p> <p><i>“A minha vizinha e a minha tia assinam, quando preciso empresto delas.”. (A₄)</i></p>

Quadro 23 – Lugares que propiciam o acesso da aluna ao jornal e objetivos na leitura

PERGUNTAS	RESPOSTAS
<p>✓ Você tem conhecimento de como é estruturado um jornal?</p>	<p><i>“Estudei o ano passado, mas não lembro”. (A₁)</i></p> <p><i>“Um pouco”. (A₂)</i></p> <p><i>“Não. Nunca trabalhei com o jornal na sala de aula”. (A₃)</i></p> <p><i>“Mais ou menos”. (A₄)</i></p>

Quadro 24 – Conhecimento das alunas sobre como é organizado o jornal.

APÊNDICE D

✓ *Moradia*

	F ₁	F ₂	F ₃	F ₄
Própria	X		X	X
Alugada				
Emprestada		X		

Tabela 1 – Tipo de moradia das famílias

✓ *Renda familiar*

	F ₁	F ₂	F ₃	F ₄
1 – 3 salários	X	X	X	X
4 – 6 salários				
7 - 9 salários				
Acima de 10 salários				

Tabela 2 – Renda mensal das famílias

✓ *Objetos que possuem*

	F ₁	F ₂	F ₃	F ₄
Televisão	X	X	X	X
Rádio	X	X	X	X
Vídeo-cassete	X	X		
DVD				
Computador			X	
Jornal e revista				

Tabela 3 – A mídia presente na casa das famílias

✓ *Você tem o hábito de ler?*

	F ₁	F ₂	F ₃	F ₄
Habitualmente		X		
Esporadicamente	X		X	
Não tem hábito				X

Tabela 4 – Práticas de leitura

✓ *Que materiais utiliza para leitura?*

	F ₁	F ₂	F ₃	F ₄
Jornal	X			
Apostila		X		
Bíblia		X	X	
Nenhum				X

Tabela 5 – Materiais utilizados na leitura

✓ *Há assuntos de seu interesse no jornal?*

	F ₁	F ₂	F ₃	F ₄
Sim				X
Não	X	X	X	

Tabela 6 – Interesse por assuntos que aparecem no jornal

✓ *Tem algum jornal que seja de sua preferência?*

	F ₁	F ₂	F ₃	F ₄
Sim				
Não	X	X	X	X

Tabela 7 – Preferência da família por algum jornal específico

✓ *Você assina ou assinou algum jornal?*

	F₁	F₂	F₃	F₄
Sim				
Não	X	X	X	X

Tabela 8 – Assinatura de jornais pelas famílias

✓ *Você tem o hábito de ler o jornal? Com qual frequência?*

	F₁	F₂	F₃	F₄
Habitualmente				
Esporadicamente	X	X	X	
Não lêem				X

Tabela 9 – Frequência da leitura do jornal pelas famílias

✓ *Você tem conhecimento da maneira como é organizado um jornal?*

	F₁	F₂	F₃	F₄
Sim				
Não	X	X	X	X

Tabela 10 – Conhecimento de como é composto o jornal

ANEXOS

ANEXO A

» www.folha.com.br/copa2006

copa 2006

FOLHA DE S. PAULO * SEXTA-FEIRA, 16 DE JUNHO

INCLUI ESPORTE

OS FANÁTICOS CHECAM COR DO
XIXI
ENQUANTO ESPERAM PARA
PEGAR O BRASIL
pág. M

A rodada em tempo real » www.folha.com.br/copa2006

“ Cada probleminha que acontece aqui tem uma repercussão enorme. As pessoas do Brasil não têm culpa disso. Mas não sou eu que faço o jornalismo

o peso da Copa

O atacante Ronaldo durante treino da seleção, ontem, em Königstein

Michael Probst/Associated Press

ANEXO B

O JORNAL TRAZENDO BENEFÍCIOS

A aluna A₁ da escola CGS que está cursando o 1º colegial foi convidada a desenvolver um projeto “jornal com a família” pela professora Ana Paula.

As atividades eram realizadas uma vez por semana na casa da aluna. O objetivo do projeto é discutir como o jornal traz benefícios a nossa vida.

Segundo A₁ o jornal trouxe benefícios como o interesse pela leitura e até mesmo pelo jornal. Todos os dias, quem recebia o jornal era sua mãe. A₁ realizava as atividades.

Na casa de A₁ o jornal é algo essencial, pois ela e sua família ficam sabendo de todos os acontecimentos.

Aluna: A₁

ANEXO C

JORNAL VISA MELHORIA DE ESTUDANTE

A aluna da escola CGS, A₂, iniciou um projeto com a ajuda da instrutora Ana Paula, a professora responsável.

Ana Paula e seu grupo de estudo fizeram vários trabalhos, uma vez por semana eram realizados na casa da aluna. Não era só A₂ que participava das atividades, sua família também. Como o horário da escola e o serviço de seu pai eram diferentes, eles liam na hora que podiam, mas nunca deixaram de ler. A família ficou lendo o Jornal de Assis por aproximadamente 8 meses (duração do projeto).

O trabalho que é realizado por profissionais da Unesp, campus de Assis, visa principalmente a melhoria da aluna, ou como ela se comporta diante das situações cotidianas escolares, já que esse projeto trouxe muitas informações para ela. E é claro a vontade de ler, a melhoria na interpretação, enfim sua vontade de aprender.

Aluna: A₂

ANEXO D

A FAMÍLIA QUE CONHECEU O JORNAL

A aluna A₃, de 14 anos, estudante da escola CGS, estava cursando a 8ª série do Ensino Fundamental, quando um dia em sua escola encontrou uma moça chamada Paula, que era estudante de mestrado e também era professora. Essa moça estava fazendo um projeto com alguns adolescentes da escola e Juliana foi uma das escolhidas.

Este trabalho era feito com o jornal “Folha” e a A₃ passou a receber diariamente o jornal em sua casa.

Cada semana a Paula se juntava com A₃ e sua família na casa da A₃ para fazer um trabalho semanal e conversar sobre o jornal e outras coisas também.

Com esse trabalho A₃ e sua família teve a oportunidade de conhecer e aprender com o jornal.

Aluna: A₃

ANEXO E

CONHECER PARA PODER GOSTAR

A aluna A₄ da escola CGS, participou de um projeto com o jornal, que foi realizado durante seis meses, com a professora Paula.

As atividades do jornal eram feitas semanalmente em sua casa, A₄ e sua família escolhiam algumas notícias, liam e comentavam o que tinham entendido sobre elas.

Ela teve uma melhoria significativa nos seus estudos, na capacidade de se expressar e de falar sobre algum assunto que tinha lido no jornal.

No começo a aluna diz que foi um pouco complicado de realizar as atividades, mas depois com a prática de ler, e fazer as atividades semanais, o jornal foi ficando mais próximo, e mais claro para ela.

E durante esses seis meses diz que pôde conhecer melhor o jornal, como por exemplo: como ele era feito, como eram separadas as matérias, etc.

Aluna: A₄

ANEXO F

Documento Pessoais- Família 1

A₁

Minha vida com o jornal

Antes de começar a receber o jornal em casa eu tinha interesse pela leitura e também pelo jornal. Eu achava que no jornal os únicos assuntos falados era sobre política. Eu não tinha conhecimento que o jornal tinha vários assuntos e cadernos. Eu não tinha acesso às notícias que estavam acontecendo na cidade. Eu tinha conhecimento das notícias pelas pessoas, pelo rádio (Rádio Tira), pela televisão (TV Tem), por isso não tinha argumentos para comentar sobre o assunto com outras pessoas.

Através do jornal descobri muitos interesses como pela leitura. Com o interesse pela leitura comecei a interpretar textos, perguntas, realizar redações com mais facilidade. Aprendi a me expressar através de assuntos novos.

Nas primeiras atividades com o jornal, apresentei algumas dificuldades como por exemplo escolher as atividades pois todas sempre eram interessantes. Minha mãe gostou muito de participar das atividades. Na minha vida o jornal é essencial. Descobrimos juntos como é bom ter conhecimento sobre assuntos importantes e saber comentarlos.

Documento Pessoais- Família 2

A2

Foi muito bom quando começamos a receber o jornal em nossa casa. Minha família nunca tinha assinado, exceto meu tio, que recebe a folha de S. Paulo. Não foi difícil se habituar com o jornal, pois já sabíamos um pouco de como ele era. Aqui em casa não tínhamos o hábito de ler e com a chegada desse projeto ampliamos o nosso conhecimento e, também a nova curiosidade.

Eu e mais três amigas contamos com a ajuda da nossa instrutora Ana Paula, que explicou muitas coisas para nós. Hoje, não só eu como minha mãe, achamos que eu estou com mais facilidades para escrever um texto. Passamos à ler mais, sentimos falta do jornal no começo e agora assistimos às notícias para ficar bem informados, ou então compramos o jornal para saber melhor dos fatos.

Notícia é tudo aquilo que nos traz informação. O que a própria propaganda já diz: quem?, quando?, onde?, como? e por que?, esses são os ingredientes básicos dela.

Não só a notícia, mas sim os artigos, comentários e até mesmo entrevistas foram o que nos deu essa informação do dia-a-dia.

Eu e minha família participamos semanalmente dos trabalhos oferecidos pela professora Paula, que é a nossa orientadora e também uma amiga. Nos trabalhos que fazemos, temos que ler e selecionar.

Talvez a gente iria ficar sabendo nas rádios ou na televisão, mas receber jornal é muito bom. Já que nós ficamos sabendo das notícias logo pela manhã. Sem esquecer, é claro, da parte de diversão. Nela encontramos horóscopo, novelas e filmes que estão com tudo!

Com a chegada do jornal tivemos que fazer vários exercícios, e que isso foi muito bom para nós.

Documento Pessoais- Família 3

Quando eu vi minha filha falar de jornal pela primeira vez foi quando ela chegou da escola e me contou que tinha conversado com uma moça muito simpática chamada Paula, e que talvez a gente ia começar a receber o jornal em casa.

Passou o tempo e logo recebemos a visita da Paula e vi que minha filha tinha razão em dizer que ela era simpática mesmo, aí começamos a conversar eu, a Paula e meu marido, e a Paula nos explicando como era o projeto do jornal, neste dia minha filha não estava em casa, mas enquanto conversávamos a chegou, muito feliz com a visita da Paula.

Passou os dias e ficamos ansiosos para receber o jornal. Meu filho estava muito contente por saber que ia receber o jornal todos os dias, pois ele estava estudando para concurso público e o jornal era muito importante para ele se atualizar, finalmente chegou o jornal.

Eu olhava o jornal e confesso que amusei, pois era muito enorme e não sabia por onde começar e não ia ter tempo para ler tudo, mas na 1ª reunião a Paula explicou que o jornal é feito por cadernos, manchetes e muitos assuntos diferentes.

Meu filho tb ajudou muito a gente. ele explicava que eu tinha que ler o que eu e minha filha gostasse, nós nos reunia em casa para fazer o trabalho e depois para mostrar para a Paula.

No jornal liamos de tudo, como: novela, filme, esporte, guerra, artistas, etc.

Quando estávamos recebendo o jornal foi + ou - na época dos ataques do PCC, da jugante da fugate e ficávamos informados, o que a gente lia no jornal as pessoas comentavam no rádio, na TV, e era legal, pois a gente sempre estava por dentro dos assuntos.

Recomendada pela Paula, eu sempre deixava o jornal em cima da mesa, e todas pessoas que frequentavam aqui via o jornal, olhava às vezes o signo, outras notícias, depende de cada pessoa.

Esse jornal nos trouxe grandes informações e tb alegria, quando estávamos todos juntos em casa, com bastante entusiasmo falava do jornal.

Li coisas no jornal que falava de coisas distantes e também de coisas perto de nossa realidade que às vezes dava até um pouco de medo.

Meu filho GUILHERME tb usava o jornal para fazer trabalhos de escola.

Tu, a Paula e a ^{As} falávamos de tudo quando estávamos fazendo o trabalho sobre o jornal e tb assuntos particulares, pois a Paula se tornou para nós uma pessoa especial com todo carinho que ela nos explicava e explica até hoje quando não entendemos alguma coisa, com muito carinho ela explicava tudo de novo e muitas vezes passava da hora marcada para fazer o trabalho.

Conversar com a Paula é uma coisa muito gratificante, pois ela é muito inteligente e uma grande amiga !!!

Sentimos saudades da Paula
~~~~~



A<sub>3</sub>

A primeira vez que eu vi que o jornal chegou em casa fiquei muito alegre, apesar de na verdade nem saber como eu iria fazer para ler aquele jornal todos os dias. Já eu falei com a minha mãe que iria ser muito complicado.

Eu não sabia nem por onde começar e embaralhava todo o jornal e me perdia dentro dele.

Passando alguns dias a Paula passou o 1º trabalho, a partir daí meu irmão começou a me ajudar e até os paginas do jornal ele virava pra mim pra ver qual matéria eu gostava mais, quase todas era de cotidiano.

A cada trabalho minha mãe foi me ajudando também e fui aprendendo que aquele jornal nome era feito por cadernos e por assunto, e cada caderno tinha um nome que explicava o que cada um queria dizer como: cotidiano (o que acontece no dia-dia; ciência (descobertas de cientistas); Ilustrada (o que acontece no meio artístico, horóscopo, quadrinhos), etc.

As vezes quando eu não entendia alguma manchete ou alguma palavra dela, a Paula com muita paciência lia de novo e explicava tudo.

Depois fui aprendendo sobre as matérias mais importantes que era a da 1ª página, a que

Tinha o maior número de colunas era a + importante, e que a 2ª página fazia com que as figuras e nomes grandes pudessem um para ler o outro.

Sempre que minha mãe pegava o jornal, ela já dava uma folheada e deixava em um lugar bem visível todos que chegavam para como por exemplo o Paulo César lia o jornal, comentava e nos ajudava a fazer os trabalhos.

Meu pai sempre pegava a Ilustrada para ver a programação dos filmes e também da opinião em alguns trabalhos.

Antes de começar a receber o jornal eu nunca tinha tido contato com algo igual, apenas com o JN que é jornalzinho de classificados de Assis, que anuncia gratuitamente.

Depois vi que não era complicado como parecia ser um jornal que fala de tudo um pouco.

Todo mundo em casa ficou mais informado

## Documento Pessoais- Família 4

A14  
\* Antes de começar receber o jornal em minha casa, eu não tinha tanto acesso às notícias que estavam acontecendo no mundo, a não ser pela televisão, ou rádio; por isso, eu não as comentava com outras pessoas pois não tinha conhecimento mais profundo do assunto para poder falar.

Eu já tive acesso ao jornal, por razão de trabalhos escolares; para mim o jornal só falava sobre política, mas quando comecei a recebê-lo, e ler, percebi que não só falava de política, mas de muitas outras matérias muito interessantes e importantes.

Através do jornal, aprendi sobre várias coisas que não sabia ou conhecia, por exemplo: na folha turismo conheci vários lugares sem precisar sair de casa.

Eu falava pouco e tinha dificuldade de me expressar; e lendo o jornal diariamente fui desenvolvendo mais capacidade para falar, sobre o que entendi de alguns assuntos que tinha lido.

Nas primeiras semanas de contato com o jornal, minha mãe precisou ajudar-me a separar as notícias, ver quais as mais importantes, para depois ler, entender e comentar, pois para mim isso era algo muito complicado.

Assim com essa prática de ler o jornal, e fazer as atividades semanais, sem quase perceber, o jornal foi se tornando mais próximo, e mais claro para mim.

É agora eu me sinto como é bom estarmos por dentro do que está acontecendo, a nossa volta, e comentar com as pessoas o que sabemos.

## Como era o jornal antes e hoje para a família.

Eu não dava muita importância ao jornal; procurava apenas seguir os noticiários da TV, quando possível. Desse modo não ficava sabendo o que estava acontecendo no mundo, de uma forma mais completa, pois é muito importante acompanhar as notícias diariamente, pelo fato de podermos lê-lo, na hora que quisermos.

Antes de receber o jornal, eu acordava, assistia o noticiário pela TV, e era tudo; ficava ali, às demais notícias, sobre saúde, ciência, etc. Agora, com essa oportunidade que tive de ler, e entender como é feito um jornal, aprendi a apreciá-lo, e ver quanto riqueza de novidades, e notícias, que há nele. Comecei também a entender um pouco de esporte, e política, pois eram as notícias que jamais lia.

Através da leitura do jornal, já tive oportunidade de conversar sobre diversos assuntos, com minha família, dar opiniões, refletir sobre algo que havia lido, e perguntar qual a opinião deles também.

Quando ouço alguém falar sobre algo que está acontecendo no mundo, já posso entender melhor, e também opinar.

Porfim senti que lendo o jornal me tornei uma pessoa mais informada, e pude perceber que ele é uma grande fonte de conhecimento para todas as idades.

A minha filha As, teve contato com o jornal em uma idade boa, porque senão demo-



1 1  
naria para ter acesso, pelo motivo de desinteresse, e pré-julgamento de que ele era algo muito chato, e difícil de entender. Ela teve progresso, pois tinha dificuldade em relatar algo que havia lido, e agora se expressa melhor; teve progresso também na escrita.

O jornal beneficiou a minha família, porque os outros meus filhos, B e C, e o meu marido perceberam que estamos lendo mais e, estamos dando exemplos, comentando as notícias diárias. Nunca falaram para não lermos!

Foi muito prazeroso fazer essas atividades em família, pois cada um lia o que mais gostava, e depois comentávamos; assim estamos adquirindo aprendizados em todas as áreas, inclusive da medicina.

Observei que com a chegada do jornal, tivemos que mudar a rotina, isto é, organizar o trabalho diário, de uma forma, que se lesse um tempo para lê-lo, e foi assim que ele ficou mais próximo de nós; em consequência, ficamos mais atualizados.

Realmente, é preciso o jornal para deixar as pessoas atualizadas. Elas geralmente não se interessam em lê-lo, pela falta de conhecimento sobre o mesmo; motivo pelo qual, eu e minha família também não o liamos. -